

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

ALINE DOS SANTOS CUSTÓDIO

**AS ANOTAÇÕES DA “PÉ NO BARRO”:
O processo de produção da reportagem Invisíveis, publicada no
jornal Diário Gaúcho**

SÃO LEOPOLDO

2015

ALINE DOS SANTOS CUSTÓDIO

AS ANOTAÇÕES DA “PÉ NO BARRO”:

O processo de produção da reportagem Invisíveis, publicada no
jornal Diário Gaúcho

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Comunicação pelo Programa de Pós-
graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Beatriz Marocco

São Leopoldo

2015

C978a

Custódio, Aline dos Santos

As anotações da “Pé no Barro”: o processo de produção da reportagem Invisíveis, publicada no jornal Diário Gaúcho/ Aline dos Santos Custódio. – 2015.

124 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, RS, 2015.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Beatriz Marocco.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Raquel Herbez França – CRB 10/1795)

ALINE DOS SANTOS CUSTÓDIO

AS ANOTAÇÕES DA “PÉ NO BARRO”

O processo de produção da reportagem Invisíveis, publicada no
jornal Diário Gaúcho

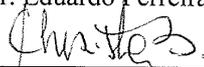
Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Aprovada em 10 de abril de 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras – UFRGS



Profª. Dra. Christa Berger – UNISINOS

Profª. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco – UNISINOS

*À minha mãe, Ivone dos Santos Custódio.
Símbolo de luta e persistência.
Minha melhor amiga e inspiração desde sempre.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, principalmente minha sobrinha Thielly Custódio, pelo apoio incondicional e pela tentativa de compreensão das minhas longas ausências para finalizar este trabalho;

À minha primeira professora, Eloá Jardim, já falecida, que me mostrou os caminhos do saber quando eu tinha quatro anos de idade;

À minha orientadora professora doutora Beatriz Marocco, por acreditar nesta pesquisa e, principalmente, por estar sempre disposta ao diálogo e à troca ao longo da jornada;

Aos professores Dr^a Anelise Zanoni, que me incentivou a cursar o Mestrado em Ciências da Comunicação e ainda contribuiu no Exame de Qualificação, Dr. Eduardo Veras, pela importante colaboração no Exame de Qualificação, e M^a Karine Moura Vieira, pelas sugestões de obras necessárias para esta pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), que aceitou este projeto e me proporcionou muito aprendizado;

Aos amigos queridos Andréa Graiz, Lucas Rohan, Roberta Lemes, Márcia Breda, Paolla Serra, Paula Bianchi e Karin Klinkzak, que foram fundamentais em momentos decisivos deste processo.

Aos amigos e parceiros de pautas Mateus Bruxel e Cléber Junior que, gentilmente, cederam imagens dos arquivos pessoais deles para a complementação desta pesquisa.

Aos colegas de trabalho do Diário Gaúcho e do EXTRA, pelo apoio neste período.

Aos “pés no barro” espalhados pelo mundo, por seguirem acreditando na reportagem.

Aos repórteres fotográficos e motoristas que já foram meus parceiros de “indiadas” ao longo destes 15 anos.

A Alexandre Bach, Claiton Magalhães, Cláudio Thomas e Marlon Brum, por sempre acreditarem no meu trabalho como repórter e me incentivarem a seguir com os pés no barro.

“(...) solitário como poucas vezes me senti, aos poucos, com grande ansiedade e alguma perturbação, comecei a formular a imagem que, desde então, tenho do jornalismo. Ser capaz de ouvir, e de suportar a presença imprevista do outro, as surpresas que nos oferece, a desarmonia de suas ideias. Chegar de mãos vazias e aceitar o que me dão. Entregar-me, em vez de esperar que outro se entregue. Desarmar-me, ainda que seja para encontrar o que não encontrar”.

José Castelo

“Descobrir o outro, revelá-lo para os outros reivindica renúncia e coragem. Desvestir-se das crenças pessoais, das histórias de classe e família, da fama efêmera, do sucesso com o chefe circunstancial, das facilidades momentâneas e, literalmente, como se dizia há alguns anos, “pisar no barro”, é um salto no escuro”.

Paulo Roberto Leandro

“Assumir a narrativa da própria vida é para quem tem coragem”.

Eliane Brum

RESUMO

Esta dissertação apresenta o processo de produção da reportagem denominada Invisíveis, publicada no jornal Diário Gaúcho entre os dias 17 e 19 de abril de 2013. Com o auxílio dos procedimentos da Crítica Genética, identifiquei a construção da referida reportagem no jornal popular. Para responder o problema de pesquisa fiz um estudo de gênese utilizando a minha caderneta de anotações do período citado, parte dos relatórios na época enviados aos editores e ao fotógrafo envolvido na reportagem, os vídeos de entrevistas, os e-mails trocados com o editor responsável pela publicação e trechos do meu diário pessoal. A decisão de analisar os meus documentos me desafia ao dever subjetivo de revisar e refletir sobre o que já fiz. A presente pesquisa inspirou-se em dois autores. O primeiro deles é o historiador Piero Brunello que, a partir da análise das obras do médico, dramaturgo e escritor russo Anton Tchêkhov, principalmente do livro A Ilha de Sacalina, escreveu Um Bom Par de Sapatos e Um Caderno de Anotações, uma compilação de conselhos sobre como fazer uma reportagem. A segunda é a pesquisadora Sandra Moura, que utilizou a crítica genética para escrever o livro Caco Barcellos: o repórter e o método. Com este trabalho pretendo contribuir para o aprimoramento das minhas técnicas como repórter, ampliar os estudos sobre jornalismo popular e para reflexões no campo da pesquisa em comunicação.

Palavras-chave: Jornalismo Popular. Reportagem. Processo de produção. Crítica genética. Pé no barro.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the production process of the news report called *Invisíveis (Invisible)*, published in the newspaper Diário Gaúcho between April 17th and April 19th, 2013. With the help of the Genetic Criticism mechanisms, I identify the construction of this reportage on the popular newspaper. To address the research question, I performed a genesis study using my own notes written in the aforementioned period, as well as part of the reports sent at the time to the publishers and the photographer involved, interview videos, e-mails exchanged with the editor responsible for the publication and excerpts of my personal journal. The decision of analyzing my own documents challenges me to the subjective duty of revising and reflecting on what I have done. Two authors inspired the present research. The first one is the historian Piero Brunello who, based on the analysis of the works of Russian doctor, playwright and writer Anton Chekhov – especially *Sakhalin Island* – wrote *Um Bom Par de Sapatos*, and *How to Write Like Chekhov: Advice and Inspiration, Straight from His Own Letters and Work*, a compilation of advices on how to write a news report. The second author is researcher Sandra Moura, who used genetic criticism to write the book *Caco Barcellos: o repórter e o método*. With this research, I intend to improve my techniques as a reporter, to contribute to the amplification of the studies of popular journalism and to foster further reflection in this field of research in communication.

Key words: Popular Journalism. News report. Production process. Genetic criticism. Pé no barro.

SUMÁRIO

1 O DESPERTAR DA DISSERTAÇÃO	11
1.1 NA TRILHA DOS MEUS RASTROS.....	15
1.2 A DIVISÃO.....	17
2 O JORNALISMO POPULAR NO BRASIL	18
2.1 O DIÁRIO GAÚCHO	21
2.2 O DIA NO DIÁRIO GAÚCHO	23
2.3 O “PÉ NO BARRO” NO DIÁRIO GAÚCHO.....	25
2.4 DOIS PARES DE ALL STAR E OS BLOCOS DE ANOTAÇÕES DA “PÉ NO BARRO”	28
2.5 O GRUPO DE REPORTAGENS ESPECIAIS	32
3 O MÉTODO DA PESQUISADORA	38
3.1 A REPORTAGEM A SER PESQUISADA	40
3.2 O DOSSIÊ GENÉTICO	42
4 O MÉTODO DA “PÉ NO BARRO”	50
4.1 A BUSCA PELAS FAMÍLIAS	56
4.1.1 Dia 1 - Família 1	57
4.1.2 Dia 2 – Famílias 2 e 3	62
4.1.3 Dia 3 – Família 4	66
4.1.4 As Outras Três Famílias	70
4.2 O BOTEÇO DECISIVO.....	70
4.3 NA RUA.....	75
4.4 O BATER DO MARTELO	83
5 NO PAPEL	87
5.1 OS OLHOS DA REPORTAGEM.....	87
5.2 AS IMAGENS QUE MARCAM	91
5.3 DESABAFOS E CONSTATAÇÕES DESTACADAS	93
5.4 A APROXIMAÇÃO COM AS FONTES POPULARES	96
5.5 AS REPERCUSSÕES E A PRIMEIRA SUÍTE	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ENVIADO POR E-MAIL A CLAITON MAGALHÃES, EX-EDITOR-EXECUTIVO DO DIÁRIO GAÚCHO E UM DOS IDEALIZADORES DO GRUPO DE REPORTAGENS	108
APÊNDICE B - DECUPAGEM DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR DA UFRGS E ESPECIALISTA EM ECONOMIA DA POBREZA, FLÁVIO COMIM.....	110
APÊNDICE C - DECUPAGEM DA ENTREVISTA COM O MÉDICO DE FAMÍLIA FABIANO BARRIONUEVO	114
APÊNDICE D - WEBDOCUMENTÁRIO.....	116
ANEXO A - O PRIMEIRO DIA DA REPORTAGEM	117
ANEXO B - O SEGUNDO DIA DA REPORTAGEM.....	120
ANEXO C - O TERCEIRO DIA DA REPORTAGEM.....	123
ANEXO D - A PRIMEIRA SUÍTE.....	126

1 O DESPERTAR DA DISSERTAÇÃO

A primeira imagem que me recordo de um jornalista é a de uma repórter presa no elevador da Torre Eiffel, em Paris, tentando finalizar a reportagem sobre o sequestro de turistas no principal atrativo da cidade francesa. A cena faz parte do filme *Superman II*, e a repórter é Lois Lane. Eu tinha seis anos quando vi aquela mulher dizendo que não desistiria da reportagem, mesmo correndo riscos. Impressionada com a cena e com a determinação dela, lembro-me de comentar com os meus pais que queria fazer o que ela fazia.

Os anos se passaram e o meu desejo de seguir a carreira jornalística só foi aumentando. Aos poucos, passei a admirar o trabalho de profissionais que, assim como a Lois Lane do cinema, não mostravam o rosto na televisão ou a voz no rádio, mas deixavam suas marcas nos textos publicados em jornais. Mesmo desconhecendo a rotina do trabalho jornalístico, uma certeza sempre me acompanhou: eu seria repórter.

Ingressei no jornal impresso quando ainda cursava o segundo semestre de Jornalismo, na Universidade Luterana do Brasil, em 1996. Até me formar, em 2000, trabalhei em setores de apoio à redação do jornal Zero Hora, em Porto Alegre. Neste mesmo ano, fiz um programa de jornalismo aplicado, financiado pelo jornal Zero Hora, onde pude escolher um dos veículos do Grupo RBS para fazer um estágio com repórter. Por curiosidade, escolhi a redação do, então recém-criado, Diário Gaúcho. Fiz uma única reportagem, envolvendo a reclamação de moradores sobre um buraco de rua, que não chegou a ser publicada.

No ano seguinte, me tornei repórter-correspondente de Zero Hora, em Lajeado, a 110km da capital gaúcha. Nesta oportunidade no interior do Estado, produzi minhas primeiras reportagens com repercussão nacional, que incluíram publicações em jornais como Folha de São Paulo (SP).

Foram as minhas observações diárias, acompanhando os meus pais e irmão discutindo com interesse as reportagens do Diário Gaúcho¹ e os passageiros do Trensurb e dos ônibus folheando as páginas deste mesmo periódico, que me levaram a ter interesse pelo jornal de um milhão de leitores². Em 2004, visitei a redação do Diário Gaúcho e, ao conversar com o então

¹ Jornal que faz parte do Grupo RBS, direcionado ao segmento popular. Segundo Amaral (2004, p. 9), dedica-se à prestação de serviço, ao entretenimento e à concessão de ampla visibilidade aos seus leitores populares.

² O jornal Diário Gaúcho atingiu mais de 1 milhão de leitores no quarto trimestre de 2002. Esta marca foi superada no primeiro trimestre de 2003, passando para 1 milhão e 100 mil. Na época, o mercado publicitário divulgou à exaustão, conforme a dissertação *As condições de produção do jornalismo popular massivo: O caso Diário Gaúcho*, de Cristiane Brum Bernardes (2004, pg. 29). Em 2013, levantamento divulgado pela Marplan confirmou que o Diário Gaúcho havia se transformado no jornal mais lido em Porto Alegre e Grande Porto Alegre, com 1,2 milhão de leitores habituais.

editor-chefe, Cyro Martins Filho, e com o editor-executivo da época, Alexandre Bach, expus o meu desejo de atuar no jornalismo popular para conhecê-lo.

Quando surgiu uma vaga na editoria de Dia a Dia, em janeiro de 2005, Alexandre me convidou para ser repórter do Diário Gaúcho. E foi nesse jornal que tive a possibilidade de me aproximar do leitor como repórter e de ser reconhecida por ele como ‘a voz dele’ perante o poder público, algo próximo do que Márcia Franz Amaral descreve no livro *Jornalismo Popular*

Muitas vezes, o jornalista de um jornal popular não é conhecido pelo governador, prefeito ou deputados, e é frequente que seja visto de maneira preconceituosa pelos colegas, mas pode ter seu trabalho facilmente reconhecido pelo povo e costuma ser muito bem recebido quando chega numa fila do SUS ou num bairro alagado ou com falta de água. A prática do jornalismo popular é um exercício de empatia porque exige que o jornalista permanentemente se coloque no lugar do leitor. (AMARAL, 2006, p. 126).

Em setembro de 2009, uma das minhas reportagens no Diário Gaúcho foi publicada no jornal EXTRA³, do Rio de Janeiro. Era a história de um bailarino gaúcho da periferia de Porto Alegre que ganhara uma bolsa de estudos no maior conservatório de dança do Brasil, localizado no Rio. A partir desta publicação, conheci os editores-executivos do jornal carioca.

Um ano e seis meses após a reportagem, fui convidada pelo editor-executivo do EXTRA, Marlon Brum, a fazer parte da editoria de Cidade do periódico popular. Durante dois anos, produzi reportagens nas áreas de polícia, de saúde, de educação, de transporte, a maior parte delas nas 13 cidades da Baixada Fluminense. No EXTRA, conquistei prêmios nacionais, reconhecimento da própria empresa e de universidades gaúchas, que passaram a me convidar com frequência para palestras com alunos do curso de Jornalismo.

Importante salientar que, desde 2010, pelo menos duas vezes por semestre palestro em cursos de Jornalismo oferecidos por universidades gaúchas. Estas conversas com estudantes, nas quais conto sobre a minha experiência profissional, como trabalhar num jornal e ser multimídia, também se tornaram característica do meu trabalho como repórter.

Mesmo trabalhando no principal jornal popular do Brasil, três motivos me fizeram desejar o regresso ao Rio Grande do Sul: voltar a estudar, a distância da família e as dificuldades de uma metrópole como o Rio de Janeiro. Ao saber desta intenção, o editor-chefe do Diário Gaúcho, Alexandre Bach, me convidou para retornar ao jornal onde havia começado minha carreira no segmento popular. No mesmo mês que comecei a trabalhar no

³ Jornal pertencente à Infoglobo, das Organizações Globo, fundado em abril de 1998 e destinado ao segmento popular.

Diário Gaúcho, fui aprovada para o Mestrado em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Ao atuar num jornal considerado de referência⁴, como Zero Hora, e nos dois maiores jornais do segmento popular do Brasil, Diário Gaúcho e EXTRA, percebi uma diferença no trabalho do repórter popular, também destacada por Márcia Franz Amaral no livro *Jornalismo Popular*, que me aproxima ainda mais deste segmento

Os repórteres de jornais populares têm um cotidiano mais difícil, pois as comunidades que cobrem ficam em bairros e vilas mais distantes, muitas vezes em lugares de difícil acesso e sem segurança (...) A meta é trazer os temas sociais e conceder a eles uma abordagem humana, interessante e consistente. (AMARAL, 2006, p. 126).

Diferente dos jornais populares, ir à rua tornou-se cada vez menos comum nos jornais de referência, na última década, como constata Ramonet (2012) no livro *A explosão do jornalismo*⁵. Em 1996, quando comecei a trabalhar em Zero Hora, o ritmo de trabalho lembrava o que hoje é mais visto nos jornais populares.

Quando ainda era estudante de Jornalismo, ouvia na redação de Zero Hora os repórteres mais experientes falando em “colocar o pé no barro” como sinônimo de ir à rua. Eles se identificavam como repórteres “pé no barro” porque buscavam as histórias longe das redações. Na época, observava a jovem repórter Eliane Brum retornar à redação com os olhos brilhando depois de conseguir na rua mais uma nova boa história a ser contada. Foi desta forma que acompanhei a criação da série *A Vida que Ninguém Vê*⁶, escrita por ela e publicada em Zero Hora. Carlos Wagner⁷, repórter investigativo aposentado de Zero Hora, foi

⁴ Grandes jornais consagrados econômica e politicamente ao longo da história, que afirmam basearem-se nos princípios éticos da profissão [...] Entendemos como jornais de referência os que têm prestígio, são hegemônicos e representam posições sociais e simbólicas privilegiadas no campo jornalístico (AMARAL, 2004, p. 54).

⁵ Ramonet fala que com o advento das mídias digitais e para reduzir os custos, os jornais no mundo inteiro estão reduzindo páginas e, conseqüentemente, profissionais. À procura da rentabilidade, estas empresas passaram a “enxugar” as redações e suprimirem programas considerados “não rentáveis”, como o jornalismo de investigação e as reportagens.

⁶ A série de reportagens *A Vida que Ninguém Vê*, publicada aos sábados, retratava histórias de pessoas comuns, que de outra forma jamais chegariam às páginas de Zero Hora. A série se tornou um livro-reportagem, a segunda obra publicada de Eliane Brum, e conquistou o Prêmio Jabuti 2007 como melhor livro de reportagem.

⁷ Carlos Wagner nasceu em Santa Cruz (RS), em 21 de setembro de 1950. Desembarcou em Porto Alegre (RS) aos 18 anos. Em 1975, ingressou na Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Jornalista de longo curso, preocupado com as causas sociais, foi repórter especial do jornal Zero Hora até outubro de 2014, quando aposentou-se. Ganhou dezenas de prêmios jornalísticos (entre eles sete Prêmios Esso) e também é escritor. Definido como um “devorador de caminhos”, por ser capaz de andar milhares de quilômetros para checar alguma informação, Wagner comenta que aprendeu, em suas excursões Brasil a fora, a “andar pelas estradas vasculhando os horizontes em busca de coisas para entender e escrever”. (WAGNER, 1998, p. 64).

outro que me motivou a seguir na linha dos “pés no barro”⁸. Inúmeros foram os momentos em que vi Carlos Wagner circular pela redação usando botas de borracha enlameadas, depois de retornar de mais uma apuração jornalística.

Minha confirmação como “pé no barro” surgiu na primeira reportagem que fiz no Diário Gaúcho. Em fevereiro de 2005, visitei os moradores do Bairro Umbu, em Alvorada, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Na época, cidade sem asfalto, onde predominava o barro vermelho. Era sobre a união dos vizinhos de uma rua que, cansados de atolar os pés na lama, decidiram por conta própria pavimentar a via – mesmo com poucas condições financeiras. Chovia naquele dia. Atolei os meus tênis quase até os calcanhares, mas voltei para o jornal com uma reportagem sobre a superação das dificuldades. Desde então, minha rotina tem sido desvendar lugares quase invisíveis a uma parcela da população.

Tanto no Diário Gaúcho, quanto no EXTRA, o repórter percorre diariamente regiões distantes da Capital e da Região Metropolitana. Geralmente, lugares pouco conhecidos, sem a infraestrutura básica: saneamento, energia elétrica regularizada e asfalto. E, nestas andanças, o “pé no barro” acaba conhecendo pessoas de todos os tipos – do coveiro ao médico.

Gastar as solas dos sapatos ainda é ato comum entre os que atuam em jornais populares. Ao final de uma saída a campo, eles costumam retornar à redação com os pés sujos, enlameados. Porém, com a história nas mãos.

Sempre usei calçados surrados e mais confortáveis para facilitarem as longas distâncias a pé. Na apuração de uma reportagem no Rio de Janeiro, perdi um tênis All Star numa chuvarada enquanto caminhava pelo interior da região serrana. O mesmo quase ocorreu durante a produção de uma reportagem em Porto Alegre. Os dois episódios serão descritos no primeiro capítulo desta pesquisa.

Como “pé no barro”, nos dois jornais populares produzi reportagens investigativas, em série e para cadernos especiais. Grandes reportagens⁹ que costumam ser vistas na imprensa de referência, mas que não são comuns no segmento do jornalismo impresso popular. Durante a produção de todas elas, me questionava se o caminho feito até a publicação tinha sido o mais correto.

A paixão pela função que escolhi ainda na infância sempre me exigiu horas a mais de pensamento sobre o meu próprio processo de trabalho. E os questionamentos se ampliaram ao

⁸ A expressão “pé no barro” será conceituada no primeiro capítulo desta dissertação.

⁹ Sigo a definição de Edvaldo Pereira Lima (1995) que diz que a grande reportagem é aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia.

tornar-me repórter do segmento popular: como os profissionais ligados a este segmento definem suas grandes reportagens, já que esta prática não é considerada comum em jornais populares? Como apuram as informações antes da publicação? Quais as angústias que enfrentam até o momento de ver o trabalho finalizado?

Apesar de não citar diretamente a questão da reportagem, Amaral (2006) dá pistas de como o repórter deve atuar no segmento popular das quais compactuo, pois são elas que me fazem ainda gostar desta função

O profissional da imprensa popular deve mesclar responsabilidade social, competência na apuração e na contextualização do fato e sensibilidade para descrevê-lo do ponto de vista popular, numa linguagem simples e didática. Precisa ser batalhador, estar disposto a enxergar o mundo que existe além do seu e ser desinteressado em status e glamour. (AMARAL, 2006, p. 126).

Nas minhas tentativas de aperfeiçoamento desta sensibilidade ao longo da apuração de uma grande reportagem, passei a escrever relatórios da apuração em campo e, em seguida, a enviá-los aos editores e fotógrafo envolvidos na produção. Também costumo fotografar a equipe ao longo da apuração, registrando os trabalhos do fotógrafo e do motorista. Procuo envolver, com estas ações, os responsáveis pela produção da grande reportagem – da coleta de dados até a publicação. Identifico como relatórios jornalísticos do que observo, sinto e percebo enquanto produzo o material.

Por agregar esta prática à minha rotina de trabalho, fui desafiada pela minha orientadora, Beatriz Marocco, a me tornar o próprio objeto de estudo desta dissertação. A proposta foi pesquisar o meu processo de produção jornalística a partir dos meus relatos de trabalho.

1.1 NA TRILHA DOS MEUS RASTROS

Esta pesquisa pretende desvendar o processo de produção da reportagem Invisíveis, publicada no jornal Diário Gaúcho entre os dias 17 e 19 de abril de 2013, a partir dos meus próprios rastros deixados nos registros anteriores à publicação. Ao optar por este trajeto adotei a Crítica Genética¹⁰ como metodologia para a compreensão do trabalho, analisando as minhas

¹⁰ Originada da França, na década de 1960, no campo da literatura, e em desenvolvimento no Brasil principalmente através da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG), o método se destaca pela possibilidade de aplicação de diferentes campos de produção, como a publicidade, as artes plásticas, o teatro, a fotografia, a arquitetura e também o jornalismo. A amplitude das possibilidades de pesquisa a define hoje como a genética dos processos criativos. O processo de criação é o seu objeto de estudo, e seu propósito, entender as imbricações do percurso de fabricação da obra artística. (VIEIRA, 2011, p. 14 e 15).

anotações ao longo da apuração e da publicação. Como ciência dos manuscritos, a crítica genética me possibilitou ordenar os meus documentos guardados ao longo do processo de apuração e analisar a relação deles com o produto final.

Na tentativa de contribuir para a produção de conhecimento nos estudos sobre comunicação, enfim, parti do seguinte problema de pesquisa: como analisar a produção de uma reportagem em jornal popular a partir do estudo dos documentos de processo guardados pelo repórter?

A pesquisa tem como objetivo principal compreender o processo de produção da grande reportagem em jornal popular. A partir dele, surgem os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar e descrever o método da repórter no processo de apuração da reportagem;
- b) compreender as relações com as fontes e com a equipe de trabalho ao longo do processo produtivo e da elaboração dos textos finais;
- c) analisar a apuração e a conferência, marcas do fazer jornalístico, na reportagem publicada.

Para a realização deste trabalho, reuni o corpus que estava arquivado em diferentes locais. Ele é constituído de um dossiê genético¹¹ composto por 745 documentos, a partir do material reunido: uma caderneta de anotações com 240 páginas, relatos curtos do diário pessoal, datados da época, que juntos contam três páginas, três esboços da reportagem (que considerei rascunhos), 16 páginas de reportagens publicadas, 20 fotos digitalizadas, 70 e-mails (com relatórios e conversas sobre a reportagem) e 393 vídeos gravados, que incluem entrevistas e imagens gerais. O mais antigo dos documentos localizados data de dezembro de 2010. Este dossiê foi parte fundamental do material de pesquisa que utilizei ao longo da produção da reportagem. Importante ressaltar que outros documentos, não sei ao certo a quantidade, se perderam ao longo do tempo por falta de organização e porque a intenção de guardar o material referente à reportagem era apenas por questões jurídicas, jamais para fazer parte de um futuro estudo acadêmico. Os documentos disponíveis reconstituíram os meus rastros ao longo da pesquisa.

¹¹ Maiores detalhes sobre a utilização deste material serão explicitados no capítulo de aplicação da metodologia.

1.2 A DIVISÃO

Quatro capítulos dividem esta dissertação. O primeiro relata o fenômeno jornalismo popular no Brasil, como o jornal Diário Gaúcho inclui-se neste universo, reconstitui a formação do grupo de reportagens especiais no Diário Gaúcho e conceitua “pé no barro”. O segundo dedica-se a apresentar a elaboração metodológica aplicada na presente pesquisa, com o desenvolvimento da crítica genética como ciência dos manuscritos e as possibilidades que ela proporciona como metodologia para análise dos documentos de processo. A aplicação desta metodologia está presente no terceiro capítulo, a partir da estruturação do dossiê de gênese¹² e a seleção do dossiê genético a ser trabalhado (corpus final da pesquisa), o protexto¹³, composto por transcrições do material selecionado, e a descrição do processo de criação da série Invisíveis. No capítulo final, a análise da reportagem publicada a partir dos registros selecionados. Para finalizar, serão feitas as considerações finais sobre esta pesquisa.

A rigor, a dissertação propõe-se a contribuir para o aprimoramento das minhas técnicas como repórter, para ampliar os estudos sobre jornalismo popular e para possíveis reflexões no campo da pesquisa em comunicação. Este trabalho também pretende colaborar para a expansão da aplicação da crítica genética como metodologia de pesquisa nos estudos envolvendo jornalismo.

¹² Conjunto material de documentos e manuscritos ligados à gênese que está sendo estudada. Não é um dado, mas, ao contrário, o resultado de um trabalho preliminar: a extensão e a natureza do dossiê genético são relativas aos objetivos da pesquisa prevista. (BIASI, 2010, p. 40).

¹³ O protexto é uma produção crítica: ele corresponde à transformação de um conjunto empírico de documentos em um dossiê de gênese analisado. (BIASI, 2010, p. 41).

2 O JORNALISMO POPULAR NO BRASIL

Em meio à crise que hoje a mídia impressa, principalmente a de referência, enfrenta por conta da tecnologia digital, com diminuição das vendas, perda de anunciantes, falência de empresas e demissões de funcionários¹, parto do que Amaral (2006) identifica como a redescoberta de um segmento para posicionar o jornalismo popular no Brasil.

Ao estudar os periódicos destinados ao público das classes C, D e E, Amaral avalia que novas estratégias, como o entretenimento e a prestação de serviços, são usadas para reforçar a aproximação do leitor. Caminho diferente do constatado por ela, ao longo da pesquisa, nos jornais antes destinados a este segmento, como o Última Hora, dirigido principalmente pelos interesses políticos, e o Notícias Populares, que apelava ao recurso do sensacionalismo.

A partir do final da década de 1990, este novo grupo de jornais brasileiros² surgiu para ser o intermediário entre o jornalismo sensacionalista, identificado pela degradação humana e pelos interesses políticos, e o jornalismo de referência. É o que Bernardes (2004) destaca como um gênero que não pode ser simplesmente considerado massivo ou sensacionalista ou comercial, mas uma conjugação de diferentes fórmulas com o intuito de ser bem recebido pelas classes antes avessas à leitura de jornais impressos e ao hábito de comprá-los.

Amaral (2006) constata que embora o interesse comercial, com necessidade de aumentar a circulação, ainda esteja entre as principais metas deste segmento, os jornais passaram a usar como estratégia de sedução do leitor a cobertura do cotidiano de pessoas comuns e da vida das celebridades. Em textos curtos, eles ainda escancaram nas páginas a inoperância do poder público frente aos problemas relacionados a temas que convivem diariamente com a maior parte da população, como saúde, educação, transporte e segurança pública. A pesquisadora caracteriza os novos jornais populares brasileiros como aqueles que

¹ Somente em 2014, jornais como Zero Hora (RS), Folha de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Estado de S.P. (SP) e Lance (RJ) demitiram dezenas de jornalistas alegando problemas econômicos. <http://www.anj.org.br/cenario>.

² Muitos jornais, além do Agora São Paulo (SP) e do Extra (RJ), voltados ao consumidor de menor poder aquisitivo, surgiram após 1997: Folha de Pernambuco (PE), Primeira Hora (MS), Notícia Agora (ES), Expresso Popular (SP), Diário Gaúcho (RS)... ... Belo Horizonte conta com dois jornais de perfil mais popular: Super Notícia e o Aqui!. O Aqui! foi lançado pelos Diários Associados em 2005 ao preço de R\$ 0,25, destinado às classe C e D.

Optam por agregar valor às notícias e reportagens e rendem-se totalmente às estratégias de marketing como a distribuição de brindes e a ênfase no entretenimento e fofocas televisivas. Alguns jornais caracterizam-se ainda pelo seu assistencialismo, pela ideia de que o leitor popular não se interessa pelos temas políticos e econômicos e por uma relação demagógica e/ou populista com o leitor. (AMARAL, 2006, p. 31).

Atentos à nova possibilidade de mercado, grupos de empresas brasileiras que já mantinham jornais de referência ingressaram também no segmento popular, alterando perfis já consagrados, como o de O Dia (RJ), ou apostando em novos, a partir de 1997. Desta aposta surgiram o Meia Hora (RJ), da Empresa Jornalística Econômico S.A, a mesma que mantém o jornal O Dia, o EXTRA (RJ) e o Expresso (RJ), da Infoglobo, detentora de O Globo (RJ), e os jornais Hora de Santa Catarina (SC) e Diário Gaúcho (RS), ambos do Grupo RBS, que mantém Diário Catarinense (SC) e Zero Hora (RS). Importante destacar que, diferente dos jornais impressos que têm a assinatura mensal como estratégia de distribuição, os populares não possuem assinantes e só podem ser comprados nas bancas de jornal, nos jornaleiros e no comércio em geral.

A valorização do sentimento por meio de notícias que interferem no cotidiano da população está presente nestes periódicos criados com o objetivo de ampliar o mercado de consumidores do meio impresso. O mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo (AMARAL, 2006). Mas a visibilidade dos sentimentos das pessoas sobre o mundo não se resume à produção de sensações com matérias policiais. Os novos jornais populares se preocupam com que o leitor tenha um sentimento de pertencer à determinada comunidade, percebendo que o jornal faz parte do seu mundo (AMARAL, 2006).

Amaral (2006) ainda aponta diferenças primordiais que determinam o que será notícia na imprensa de referência e o que será noticiado no jornalismo popular.

Imprensa de referência:

- a) os indivíduos envolvidos forem importantes;
- b) tiver impacto sobre a nação;
- c) envolver muitas pessoas;
- d) gerar importantes desdobramentos;
- e) for relacionado a políticas públicas;
- f) puder ser divulgado com exclusividade.

Imprensa popular:

- a) possuir capacidade de entretenimento;
- b) for próximo geográfica ou culturalmente do leitor;
- c) puder ser simplificado;
- d) puder ser narrado dramaticamente;
- e) tiver identificação dos personagens com os leitores (personalização);
- f) for útil.

O jornalismo caracteriza-se como popular quando se interessa pela vida das pessoas do povo. Assim, um fato tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou se puder ser comentado por alguém do povo. (AMARAL, 2006, p. 65).

Amaral (2006) destaca ainda que no Diário Gaúcho, jornal no qual foi publicada a reportagem a ser estudada nos próximos capítulos desta pesquisa, as pessoas que se manifestam nas matérias, em sua maioria, são provenientes das camadas populares. Estas são nomeadas por ela como fontes populares, conceito que será usado ao longo desta pesquisa. São as mesmas pessoas que Gans (1979) identifica como as que não têm voz na imprensa de referência, não exercem poder na sociedade, não ocupam cargo ou não tem representatividade econômica. Schmitz (2011) vai além, classificando fonte popular como a pessoa comum que não se manifesta por uma organização ou grupo social. Ela aparece nas reportagens como ‘vítima, cidadão reivindicador ou testemunha’.

“O cidadão busca visibilidade para reivindicar seus direitos. Além de testemunhar algum fato, essa fonte também é utilizada para contextualizar uma informação na vida cotidiana”. (SCHMITZ, 2011, p. 26-27).

O uso destas fontes populares é uma das principais características do Diário Gaúcho. Desde o lançamento dele, em 17 de abril de 2000, donas de casa, aposentados e trabalhadores braçais de Porto Alegre e da Região Metropolitana passaram a ter status de fonte jornalística principal.

Para Amaral (2004), o Diário Gaúcho utiliza-se da exacerbação da presença do leitor em suas páginas para garantir popularidade, estratégia adversa da forma jornalística predominante entre os jornais de referência. “Grande parte do jornal busca vínculo com as pessoas do povo. Os leitores são, preferencialmente, das classes B, C e D e constituem-se na fonte principal de informação”. (AMARAL, 2011, p. 38).

2.1 O DIÁRIO GAÚCHO

Identificado nas ruas como “o Jornal da Maioria” ou “DG da Gente”³, o Diário Gaúcho rompeu a barreira dentro do Grupo RBS ao ser o primeiro jornal da empresa⁴ destinado ao segmento popular. Foi a partir de uma pesquisa de mercado que se identificou a falta de um periódico destinado às classes B, C e D de Porto Alegre e da Região Metropolitana.

Seguindo exemplos de projetos editorial e gráfico de outros populares, como o EXTRA (RJ), o Diário Gaúcho surpreendeu em vendas até quem o criou.

Segundo revelou Cyro Silveira Martins Filho, primeiro editor-chefe, no dia da inauguração da Redação, o Diário foi pensado para vender cerca de 45 mil exemplares por dia. Fechou o primeiro mês com média acima dos 160 mil, segundo números aferidos pelo IVC da época. Bateu o pico de 230 mil ainda no ano de lançamento – somente com venda avulsa (não há assinatura). (BORTOLANZA, 2011, p. 81).

Com uma média de 28 páginas diárias, que podem ser ampliadas dependendo da quantidade de anúncios pagos no dia, o periódico circula de segunda a sábado em todo o Estado, embora a meta seja atender aos leitores da capital gaúcha e das cidades vizinhas. A edição de final de semana é uma das marcas deste jornal, por ser conjunta e finalizada na noite de sexta-feira. Assim como a edição conjunta, o Junte e Ganhe⁵ é também um diferencial do Diário Gaúcho desde a primeira edição. Diariamente, a redação do jornal recebe mais de uma centena de ligações de leitores que pedem informações sobre os locais de trocas dos brindes da ação promocional.

Ao longo de quase 15 anos de existência, o Diário Gaúcho foi alterando a quantidade de funcionários da Redação e o modo de produção da notícia. A redação possui editores e repórteres próprios, mas utiliza-se da estrutura financeira e administrativa do jornal Zero Hora.

A equipe divide-se entre as editorias de dia a dia, polícia, opinião, variedades e on-line – a mais recente delas, criada em 2009⁶. Mas a quantidade de profissionais que atuam na

³ Slogans usados nas campanhas publicitárias do jornal nos 10 anos do Diário Gaúcho, em 2010, e nos 15 anos, cuja campanha foi lançada em setembro de 2014 para celebrar o aniversário em abril de 2015.

⁴ O jornal é o quinto empreendimento do Grupo RBS no ramo do jornal impresso.

⁵ Ação de marketing onde o leitor junta uma determinada quantidade de selos (um por dia, publicado na capa do jornal) e, no final da campanha, troca por um brinde. Entre os de maior sucesso estão os utensílios domésticos, como panelas e faqueiros.

⁶ O site é www.diariogaucho.com.br. Diferente do impresso, onde a prestação de serviço ainda é o principal carro-chefe, no site as notícias relacionadas ao entretenimento são as mais acessadas pelos internautas.

redação vem caindo desde a criação do jornal. Em 2004 eram 43 jornalistas (BERNARDES, 2004), em 2011, 37 jornalistas (BORTOLANZA, 2011), e em dezembro de 2014 eram 30 profissionais.

Nesta contagem mais atual, somavam-se oito repórteres (três na editoria dia a dia, dois na editoria de Polícia, dois na editoria de variedades e um na opinião), uma redatora on-line, três assistentes de conteúdo on-line, quatro subeditores (editoria dia a dia, polícia, variedades e esportes), oito editores (dia a dia, produção, variedades, on-line, atendimento ao leitor, diagramação, polícia e esportes), quatro diagramadores, um ilustrador, um editor-executivo e um editor-chefe. Tem ainda dois estagiários e um repórter freelancer.

Desde agosto de 2014⁷, o Diário Gaúcho não tem mais editorias de fotografia e de esporte. Os três repórteres fotográficos que restaram e os quatro profissionais da editoria de esportes passaram a fazer parte de Zero Hora. Com a mudança, estes serviços hoje são compartilhados com o principal jornal de referência do grupo. Os dois repórteres da extinta editoria de esportes foram encaminhados para a editoria on-line de esportes de Zero Hora. Os dois editores estão na editoria de esportes da área impressa de Zero Hora, mas ainda editam este tema para o Diário Gaúcho.

Um mês depois das demissões, o Diário Gaúcho bateu novo recorde de circulação no Brasil, conquistando o 5º lugar entre os jornais de maior circulação paga⁸ no Brasil. No mesmo período, o Diário Gaúcho ultrapassou⁹ Zero Hora em circulação, tornando-se o periódico com melhor desempenho entre os jornais gaúchos auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). Apesar de não priorizar grandes reportagens, o Diário Gaúcho vem conquistando prêmios¹⁰ jornalísticos com destaque nas esferas estadual e nacional.

⁷ Por decisão da empresa, justificando readequação ao mercado jornalístico, ocorreram 140 demissões em todas as áreas no dia 6 de agosto de 2014. Destas, oito foram de profissionais do Diário Gaúcho.

⁸ Segundo levantamento do Instituto Verificador de Circulação (IVC), os dez jornais impressos com maior circulação no Brasil em setembro de 2014 foram: 1º) Super Notícia (MG), 277.280, 2º) Folha de S. Paulo (SP), 217.605, 3º) O Globo (RJ), 211.578, 4º) Daqui (GO), 191.446, 5º) Diário Gaúcho (RS), 185.055, 6º) Extra (RJ), 176.757, 7º) Zero Hora (RS), 170.243, 8º) O Estado de S. Paulo (SP), 169.866, 9º) Correio do Povo (RS), 117.891 e 10º) Meia Hora (RJ), 113.960.

⁹ Conforme levantamento do IVC, o Diário Gaúcho atingiu em setembro de 2014 a marca de 185 mil exemplares diários, contra 170.243 de Zero Hora, que até então era o jornal com maior circulação no Rio Grande do Sul. Nos primeiros nove meses de 2014, o jornal popular do Grupo RBS acumulou crescimento de 23,19%.

¹⁰ Entre os principais prêmios conquistados estão: finalista dos prêmios Embratel e ARI, em 2010, conquistando o prêmio ARI na categoria melhor capa. Em 2012, foi finalista do prêmio Esso na categoria fotografia. Em 2013, conquistou o prêmio Direitos Humanos, da OAB-RS, nas categorias reportagem e fotografia, e duas menções honrosas no prêmio ARI, nas categorias reportagem e diagramação. Em 2014, conquistou outros dois prêmios Direitos Humanos, oferecidos pela OAB-RS.

2.2 O DIA NO DIÁRIO GAÚCHO

Diferente do início do jornal, quando os repórteres dependiam quase que exclusivamente da ronda¹¹ da madrugada, produzida pelo copidesque de Zero Hora ou por repórteres plantonistas, ou das sugestões repassadas pela editora de produção, no início da manhã (BERNARDES, 2004), hoje os repórteres têm mais liberdade para sugerirem as pautas¹² que serão produzidas.

As pautas surgem dos noticiários dos demais veículos, dos relises enviados diariamente por assessorias de imprensa de órgãos públicos e instituições privadas, da percepção diferenciada e das fontes mantidas pelos repórteres (BERNARDES, 2004) e, mais recentemente, do e-mail e das redes sociais – Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp – identificadas com o nome próprio do jornal. A atual editora de produção tem a função de intermediar o contato entre as redações de impresso e de on-line de Zero Hora e do Diário Gaúcho, e ainda com os responsáveis pelas produções dos programas jornalísticos da Rádio Gaúcha, identificando pautas que possam ser compartilhadas entre os veículos da empresa.

Se no início do jornal as ligações telefônicas de leitores representavam quase 25% das pautas que se transformavam em reportagens publicadas no Diário Gaúcho (BERNARDES, 2004), e eram consideradas o canal com as fontes populares mais importante dentro do jornal, hoje elas quase inexistem. No lugar das ligações, surgiram novas formas de contato com as fontes populares. O aplicativo WhatsApp¹³ e o e-mail do atendimento ao leitor são os principais canais.

Com o setor de fotografia compartilhado com Zero Hora, mais de 90% das pautas precisam ser programadas e agendadas com pelo menos um dia de antecedência em ProduçZH¹⁴. Por conta desta nova realidade, os repórteres ao mesmo tempo em que redigem a reportagem do dia, produzem a reportagem do dia seguinte.

¹¹ Processo no qual um estudante de Jornalismo fica de plantão na redação durante a madrugada com a responsabilidade de telefonar para os batalhões da Brigada Militar, para as delegacias de Polícia Civil da Região Metropolitana de Porto Alegre, hospitais e Departamento Médico Legal (DML). No Diário Gaúcho, a ronda é feita pelos repórteres da editoria de Polícia.

¹² “É o primeiro processo que estabelece uma organização para o caos dos fatos no mundo. Nela transparecem as visões que orientam a prática e as regras que conduzem a rotina do trabalho jornalístico. Esta rotinização é necessária porque os produtores precisam enfrentar situações inesperadas com rapidez e, por isso, as decisões são, de certa forma, codificadas previamente”. (BERNARDES, 2004, p. 149).

¹³ Desde julho de 2014, o Diário Gaúcho publica diariamente o número telefônico na capa do jornal.

¹⁴ Página de intranet acessada por repórteres, editores e fotógrafos. Nela são agendadas as pautas e identificados os tipos de reportagens, aponta-se também a necessidade de o motorista aguardar no local, de ter um assistente de vídeo e/ou repórter fotográfico. Esta lista é fechada no dia anterior, por volta das 18h30min. Cerca de duas horas depois, o editor de fotografia a envia aos profissionais das duas redações já com a indicação de qual fotógrafo fará cada pauta. Situações não previstas, como as pautas policiais, são estudadas caso a caso. Um fotógrafo sempre fica de sobreaviso para pautas que possam surgir ao longo do dia.

Apesar de cada repórter e cada editor pertencerem a uma determinada editoria, o enxugamento da redação também fez com que as funções se tornassem mais dinâmicas. Desta forma, num único dia, o repórter de polícia também poderá escrever uma reportagem para a editoria de dia a dia, o repórter de variedades produzirá reportagem para a editoria de polícia e o editor de polícia auxiliará na editoria de dia a dia. Importante ressaltar que os mesmos repórteres e repórteres fotográficos do veículo impresso produzem também conteúdo – texto, foto e vídeo - para a editoria on-line do jornal.

As primeiras a chegarem à redação, por volta das 7h, são a editora da opinião e uma assistente de conteúdo da editoria on-line. A editora é responsável por duas páginas diárias do jornal onde são publicadas as mensagens dos leitores enviadas por cartas, e-mails, ligações telefônicas, mensagens via telefone e redes sociais. Já a assistente de conteúdo tem a responsabilidade de atualizar o site do jornal e os blogs que estão sob responsabilidade do Diário Gaúcho.

Por volta das 8h, chegam a repórter da opinião e um repórter da editoria de polícia. O primeiro repórter de polícia costuma fazer a mesma ronda feita na madrugada pelo copidesque do Zero Hora. Se surgir alguma notícia que ainda não tenha sido publicada no site, ele próprio faz a apuração do fato, redige e publica imediatamente.

Uma hora depois, entram a editora de produção e um repórter da editoria dia a dia. Geralmente, este repórter já tem pautas agendadas e não fica na redação. Por volta das 10h, chegam outros dois repórteres da editoria dia a dia, os editores de polícia e de variedades e o editor-chefe.

Neste mesmo horário, ocorre a primeira reunião¹⁵ de pauta do dia. Nela, reúnem-se os editores presentes na redação para avaliarem o jornal publicado e discutirem as pautas em andamento e o que pode ser incluído no dia. Apesar de o planejamento com antecedência ter se tornado quase norma no novo modelo de produção jornalística do Diário Gaúcho, ainda ocorrem casos de o repórter estar na rua produzindo uma reportagem e ser acionado para outra pauta, tendo que abandonar a primeira.

Às 11h, entram mais dois repórteres de variedades e mais um repórter de polícia. Por volta das 14h, a editora de dia a dia, a editora de diagramação, dois diagramadores, o subeditor de polícia e o editor-executivo juntam-se ao grupo, assim, como o subeditor de dia a dia que auxilia no fechamento da primeira edição, às 22h. Os últimos a chegarem à redação,

¹⁵ Esta reunião começou a ser realizada a partir de setembro de 2014, por sugestão do novo editor-chefe do Diário Gaúcho, Carlos Etchichury, que era editor de Notícias On-line do Zero Hora. Até então, o Diário Gaúcho não fazia reuniões de pauta no período da manhã. Todos os editores chegavam a partir das 14h, quando ocorria a única reunião de pauta do jornal.

por volta das 17h, são o diagramador plantonista – responsável por fazer as mudanças para a segunda edição¹⁶ e o ilustrador.

Entre 17h e 18h, vão embora os primeiros que chegaram ainda pela manhã à redação.

2.3 O “PÉ NO BARRO” NO DIÁRIO GAÚCHO

Diferente dos jornais de referência, onde a partir do surgimento da internet¹⁷ cada vez menos os repórteres saem das redações, o Diário Gaúcho mantém a rotina diária de ter os repórteres das editoriais dia a dia, polícia e variedades percorrendo as ruas de Porto Alegre e da Região Metropolitana em busca de reportagens.

O jornal popular gaúcho acompanha os pensamentos de Kotscho (1989) de que com ou sem pauta, lugar de repórter é na rua, e de Resende (2009), um defensor de que na rua o repórter encontra a matéria-prima necessária para tornar o ‘texto vivo’, criando possibilidades de encontro ao poder expressar a experiência individual e a que se tem com o outro. Desta forma, ressalta Resende, o repórter deixaria de ocupar o lugar de dono da lei para tornar-se também um observador.

E é quando não vão acompanhados de um fotógrafo, saindo apenas com o motorista, que os repórteres do Diário Gaúcho partem da observação nas ruas para encontrar uma sugestão de reportagem. Nestas horas, as fontes populares também têm extrema relevância, já que a reportagem pode surgir da conversa com uma liderança comunitária, com um barbeiro do bairro ou com um taxista. Amaral aprova a dinâmica que ainda resiste na redação do jornal popular de Porto Alegre. “Como todo bom jornalismo, o da imprensa popular deve ser feito longe das redações, na busca das histórias que vêm das ruas. A meta é trazer os temas sociais e conceder a eles uma abordagem humana, interessante e consistente”. (AMARAL, 2006, p. 126).

Bebe desta mesma vertente o jornalista Luiz Cláudio Cunha. Em entrevista a Beatriz Marocco para o livro *O jornalista e a prática*, Luiz Cláudio afirma que o repórter aprende a fazer jornalismo na rua.

Na sola do sapato, como sempre diz o Ricardo Kotscho, e na cabeça. A prática e a teoria, que podem ser simultâneas, convergentes, cumulativas,

¹⁶ A segunda edição do jornal Diário Gaúcho fecha às 0h30min. As trocas de páginas e inclusão de notícias que ocorrem entre 22h e 0h30min são feitas pelo diagramador plantonista. As notícias são enviadas por repórteres de Zero Hora ou pelo próprio plantonista, que é jornalista, apuradas da própria redação.

¹⁷ RAMONET (2012, p. 40) identifica como “os novos galerianos da informação” os jornalistas com idade média de 30 anos que formam a nova geração de “jornalistas free-lancer de abate” no lugar dos “jornalistas do papel” e que passam a jornada de trabalho na frente de uma tela de computador.

complementares. Nada ensina mais do que o contato direto, o calor da rua, o olho-no-olho com a notícia viva, pulsante, excitante, que ensina, inspira, cria, inventa e reinventa a história na cabeça do repórter. (CUNHA MAROCCO, 2012, p. 95).

Mas a função do repórter também tem importância no ambiente de uma redação, independente de ele ir à rua ou não. Marocco (2012) destaca que o repórter é um relé que faz circular o saber nas redações e que, por isso, acaba se destacando entre as peças da engrenagem jornalística. Pensamento este compartilhado por Travancas (1993, p. 37) que acredita “ser a atividade de repórter uma função paradigmática para a carreira. Tal função resume em si diversas ocupações dentro do jornalismo. O repórter vai para a rua apurar a notícia e volta à redação para escrevê-la”.

Pinto (2012) cita cinco momentos diários do repórter, da rua até a publicação da reportagem, que o tornam peça fundamental para esta engrenagem e que se aproximam do que ocorre na rotina do jornal Diário Gaúcho:

- a) Propor uma pauta: achar um assunto interessante, novo, importante, e pensar em como apresentá-lo ao leitor.
- b) Recolher informação: pesquisar os dados básicos sobre o assunto, obter informações novas, ouvir os envolvidos, apurar e checar tudo o que possa ser importante para o leitor.
- c) Hierarquizar: refletir sobre as informações escolhidas, colocá-las em ordem de relevância.
- d) Escrever: organizar as informações e relacioná-las no texto, numa sequência lógica e interessante. Descartar o que for menos importante.
- e) Editar: apresentar a informação para o leitor de forma mais atraente, com um título que o atraia e o informe, com gráficos, fotos, mapas e outros recursos que acrescentam informação e agradam o leitor.

Ainda estudante de Jornalismo e atuando em áreas¹⁸ de apoio à redação do jornal Zero Hora, ouvia os repórteres mais experientes comentando sobre “colocar o pé no barro” um sinônimo de ir à rua atrás de novas reportagens. Eles se identificavam como repórteres “pé no

¹⁸ Entre 1996 e 2000, atuei como auxiliar de redação, auxiliar de fotovix (setor, na época, responsável pela seleção dos negativos das fotos que seriam publicadas no jornal), auxiliar de arquivo e auxiliar de Copy Right/Agência de Notícias, todas funções desempenhadas dentro do jornal Zero Hora e destinadas aos estudantes de Jornalismo que pretendiam seguir na profissão depois de formados.

barro” por não se permitirem produzir uma reportagem sem antes apurá-la fora da redação. Era preciso sair da frente das máquinas de escrever ou do computador, utilizar o transporte da empresa, ir onde a reportagem estava e só retornar à redação com a história nas mãos - pronta para ser redigida.

No início dos anos 1900, Paulo Barreto, ou João do Rio, tornou-se o precursor no Brasil do que identifico como “pé no barro”. Foi o primeiro, segundo Medina (1978), a apresentar uma característica primária do jornalismo moderno – buscar informações na rua

Observação direta e palpitante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia este processo. (MEDINA, 1978, p. 68).

Não há estudos acadêmicos que conceituem “pé no barro”, mas basta ouvir repórteres que ainda vão às ruas em diferentes redações, de diferentes mídias e em qualquer parte do mundo, que eles identificarão o significado da expressão.

Na edição 276 do site Observatório da Imprensa¹⁹, o jornalista Humberto Werneck cita Ricardo Kotscho e Gay Talese como repórteres que gostavam de sujar os sapatos atrás de uma nova reportagem

A um colega, intrigado ao vê-lo abancado, quase todo dia, numa cadeira de engraxate na Alameda Santos, Ricardo Kotscho explicou: "É que eu preciso! Repórter que vai à rua suja os sapatos". O elegante Gay Talese certamente sujava os dele, sem economia de couro nem tempo, enquanto foi repórter. (WERNECK, 2004).

Em Watergate 30 anos: Quando a reportagem muda o rumo da história, publicado no site Observatório da Imprensa, Rosa Nívea Pedroso cita a expressão “pé no barro” quando fala que para o jornalista fazer uma reportagem é preciso ter espírito aventureiro.

A reportagem mexe nas tripas da realidade. Para isto, é necessário liberdade, independência e espírito aventureiro. A reportagem exige do jornalista talento de repórter, isto é, gosto pelo "pé no barro", pelo "pé na estrada", o gosto pelo risco, o gosto pela aventura, a paixão pelo jornalismo no sangue e no coração, e olhos, muitos olhos nos detalhes. (PEDROSO, 2002).

¹⁹ Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:XXQCzBccM_kJ:www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_arte_de_sujar_os_sapatos+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em 29 mar. 2014. Texto publicado, originalmente, como posfácio da versão em português do livro Fama e Anonimato, de Gay Talese.

O então repórter da editoria de polícia de Zero Hora, Francisco Amorim, fez referência à expressão ao identificar o repórter policial em entrevista concedida à dissertação do pesquisador Carlos Etchichury (2010, p. 72)

Acho que o repórter tem que ter mesmo esta cara de durão, de quem mete o pé no barro, traz o furo, entra onde ninguém entra. É parte do show. Ao mesmo tempo, são repórteres conhecidos por isso, conhecidos pelo seu conhecimento específico [...] É sempre uma visão de que é um cara do dia a dia do jornalismo. São repórteres pés no barro, furungadores.

2.4 DOIS PARES DE ALL STAR E OS BLOCOS DE ANOTAÇÕES DA “PÉ NO BARRO”

Gastar as solas dos sapatos ainda é ato comum entre eu e os demais repórteres que atuam no Diário Gaúcho. Ao final de uma saída a campo, costumamos retornar à redação com uma nova história no bloco de anotações e com os pés embarrados – já que as reportagens produzidas são feitas nas periferias de Porto Alegre e das cidades da Região Metropolitana, regiões aonde o asfalto não chegou ou já desapareceu por falta de manutenção do poder público.

Nestas andanças sempre usei calçados surrados e mais confortáveis para facilitarem as longas distâncias a pé. Na apuração de uma reportagem no Rio de Janeiro, perdi um tênis All Star numa chuvarada enquanto caminhava²⁰ pelo interior da região serrana. Ocorreu na cidade de Petrópolis, ao atravessar uma pinguela feita com troncos de árvores. Desequilibrei-me porque havia muita lama nas solas dos meus tênis. Não cheguei a cair no arroio, mas o tênis do pé direito se foi nas águas. O bloco de anotações se salvou porque estava dentro da minha bolsa e embaixo da capa de chuva.

²⁰ A perda do tênis ocorreu em Nova Friburgo, uma das regiões mais atingidas pela tragédia da Região Serrana, em janeiro de 2011. O meu retorno ocorreu um ano e dois meses depois da tragédia que, oficialmente, vitimou mais de 900 pessoas durante chuvas que atingiram as cidades da região.

Imagem 1 - Imagem que mostra a situação vivida em Nova Friburgo (RJ). Não foi do momento da perda do tênis, mas o local é parecido.



Fonte: Registrada por Cléber Junior (2012).

Situação semelhante ocorreu também durante a produção da grande reportagem *Invisíveis*, série publicada no *Diário Gaúcho* que será analisada nos capítulos seguintes desta pesquisa.

Quase perdi a sola de um All Star no Bairro Restinga, na Zona Sul de Porto Alegre, enquanto fazia minha incursão à procura das fontes populares. Havia chovido no dia anterior à reportagem e o barro vermelho tinha tomado conta da subvila chamada Chácara dos Pinheiros²¹. Atolei os pés numa área que parecia segura. Ao tentar sair da lama, a sola do pé direito desgrudou. Consegui resgatá-la e voltei só com um pé de tênis até a redação. O tênis se foi, mas o bloco de anotações, mais uma vez, continuou intacto.

As histórias citadas acima me remetem ao livro do historiador Piero Brunello, *Um Bom Par de Sapatos e um Caderno de Anotações*. Ele é uma compilação de pistas de como se fazer uma reportagem e foi escrito a partir das obras do médico, dramaturgo e escritor russo Anton Tchékhov, entre elas, *A Ilha de Sacalina*. Nela, Tchékhov descreve a viagem feita à ilha, em 1890.

Escrito por Tchékhov a partir dos próprios documentos da viagem, como o caderno de anotações, os recenseamentos e as entrevistas feitas por ele, o livro é um exemplo de apuração

²¹ A subvila Chácara dos Pinheiros fica dentro da Vila 5ª Unidade, oficialmente localizada dentro do Bairro Restinga, na Zona Sul de Porto Alegre. O bairro tem mais de 30 vilas e subvilas catalogadas pela prefeitura de Porto Alegre.

a partir de saídas a campo e capaz de inspirar os “pés no barro” ainda espalhados pelo mundo, assim como eu. A viagem acabou se tornando para uns uma “reportagem malsucedida”, enquanto que para outros, uma boa investigação. (BRUNELLO, 2007).

No livro, Brunello mapeou o modo de fazer de Tchékhov, dividindo-o em três grandes partes, subdivididas em outras 13. Na primeira, intitulada ‘Preparativos’ e subdivida em ‘projetos’ e ‘pesquisa bibliográfica’, o autor destaca como o russo se preparou para a viagem por meio de leituras e conversas com amigos. Na segunda parte, chamada de ‘Pesquisa’ e subdividida em ‘requisitos’, ‘viajar’, ‘observar’ e ‘coletar dados’, Brunello parte para os primeiros levantamentos do médico em campo. Na parte final, ‘Escrita’, subdividida em ‘superar as dificuldades iniciais’, ‘dar forma ao livro’, ‘objetividade’, ‘veracidade’, ‘inserir-se na cena’, ‘conselhos de escrita’ e ‘últimas coisas’, ressalta o como escrever a reportagem.

Foi a partir da ideia de Brunello que comecei a analisar os meus relatórios, selecionar trechos e identificar neles a prática jornalística. Ato que, até então, jamais havia feito em quase 15 anos de carreira como repórter, apesar dos questionamentos sempre presentes nos meus pensamentos e diários pessoais.

Identifiquei-me, principalmente, com dois trechos destacados por Brunello nas páginas 35 e 36 do livro de pistas, onde Tchékhov cita requisitos para desenvolver a reportagem

Um Bom Par de Sapatos

Não economizar nas botas

A meu ver, é melhor andar descalço do que metido em botas baratas. Imagine o meu sofrimento! Descer a toda hora do carro, sentar na terra úmida e tirar as botas para aliviar os calcanhares. Deveras confortável neste frio de rachar! Tive que comprar válenki²² em Ichim... E com eles viajei, até apodrecerem de tanta umidade e lama.

Caderno de Anotações

Ter sempre uma caderneta onde anotar dados, observações, modos de dizer, e onde transcrever declarações e eventuais entrevistas.

O cárcere é debilmente ventilado e, além disso, o ar para cada habitante é pouco. Anotei na minha caderneta: “Barracão número 9. Conteúdo cúbico de ar 187 braças. Cerca de 65 detentos alojados”. Isso no verão, quando apenas metade dos detentos pernoita na prisão.

²² Tradicionais botas de feltro.

Brunello (2007) caracteriza Tchékhev como observador sagaz e com olhar perspicaz. Já Olinto (2008, p. 42) destaca que o escritor russo se reporta “[...] ao que a vida lhe mostrou, e que deseja transmitir, aos outros, o que então sentiu”. Estes apontamentos me remetem à defesa de Resende (2009), já citada neste capítulo, de que o repórter deve continuar na rua para ser um observador.

Zuenir Ventura e Caco Barcellos são jornalistas e escritores brasileiros que, assim como Tchékhev, utilizam como ferramentas de trabalho a observação e o arquivamento para uso pessoal de relatórios enviados aos editores, documentos e anotações pessoais para complementar as reportagens escritas por eles. Por ainda irem à rua atrás das reportagens, os identifico como “pés no barro”.

Em nove páginas do livro *Chico Mendes: Crime e Castigo* (2003), Zuenir chama de ‘Impressões de viagem’ as anotações identificadas por ele como feitas em forma de diário. São sensações, lembranças, diálogos e desabafos do repórter durante a produção das três grandes reportagens feitas ao longo de 15 anos sobre o líder seringueiro assassinado no Acre, em 1989, como no trecho: “Tenho dormido pouquíssimo. Deito tarde e às seis já estou de pé, numa boa. Estou num pique incrível. Não tenho tido tempo para nada. É conversa atrás de conversa, encontros, um agito infundável. Tá muito legal. De tédio não morro não.” (VENTURA, 2003, p. 115).

Caco Barcellos teve a apuração jornalística de oito anos para a produção do livro *Rota 66* revelada pela pesquisadora Sandra Moura, no livro *Caco Barcellos: o repórter e o método*. A pesquisa feita a partir dos registros de Caco em cadernos de anotações, documentos e relatórios destaca que ele costuma produzir roteiros ao longo das apurações, como no exemplo a seguir.

Lembrar neste capítulo da reportagem sobre o prêmio. Descrever tudo em detalhe sobre a vida no meio da podridão. Cinco mil testemunhas. Nos lugares + improváveis você encontra o impossível. Eles viram o assassinato. Martínez desrespeitou a regra de matar. Deixou de dar socorro às vítimas e de planejar melhor a execução, longe de testemunhas. Falar do povo, que vê outros absurdos. Ou absurdo só. (BARCELLOS, 2007, p. 163).

No jornalismo, Pinto (2012, p. 103) destaca três vantagens ao repórter que tem o olhar atento como os de Tchekhov, Zuenir e Caco: “ele descobre contradições entre o discurso e a realidade, ele descobre novos enfoques ou novas pautas e ele recolhe mais detalhes, mais informação, o que enriquece o texto”.

Da mesma forma que Tchékhev, Zuenir e Caco, escrevo os meus próprios relatórios a partir do que observo durante a apuração em grandes reportagens. Meu objetivo é, a partir do material escrito ainda no calor do momento, garantir que detalhes da experiência da rua sejam lembrados ao redigir o texto.

2.5 O GRUPO DE REPORTAGENS ESPECIAIS

Como “pé no barro” produzi reportagens investigativas, em série e para cadernos especiais tanto no Diário Gaúcho, quanto no EXTRA. Grandes reportagens²³ que costumam ser vistas na imprensa de referência, mas que não são comuns no segmento de jornal popular.

Identificado por publicar textos curtos, o Diário Gaúcho passou a produzir grandes reportagens a partir de 2010²⁴. No final de 2012, o então editor-chefe, Alexandre Bach, e o então editor-executivo, Claiton Magalhães²⁵, decidiram investir em reportagens com maior tempo de apuração. Depois de dois anos atuando no Rio de Janeiro, fui recontratada por ambos para fazer parte desta nova proposta do Diário Gaúcho. Surgiu, então, o grupo de reportagens especiais.

Foi com a intenção de tornar o Diário Gaúcho uma referência entre os jornais populares do Brasil que Alexandre Bach propôs a Claiton Magalhães um desafio: criar dentro da própria redação uma equipe capaz de produzir grandes reportagens.

Claiton afirma que com a ascensão econômica das classes C, D e E, o jornal também foi se qualificando e querendo ampliar os horizontes jornalísticos. Outro fator que, segundo Claiton, influenciou na decisão de apostar em grandes reportagens foi o processo de fortalecimento da internet como meio de comunicação em que predominam textos curtos noticiosos (MAGALHÃES, 2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A).

²³ Sigo a definição de Edvaldo Pereira Lima (1995) que diz que a grande reportagem é aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia.

²⁴ Crack na Infância foi a primeira grande reportagem publicada no Diário Gaúcho. Produzida pelas repórteres Aline Custódio e Carolina Rocha, com fotos e imagens de vídeo de Marcelo Oliveira, teve duração de três dias e foi publicada em 2010. A série de reportagens mostrava a situação das crianças gaúchas usuárias de crack e a falta de preparo para o atendimento especializado para meninos e meninas com até 12 anos. A reportagem foi finalista de um prêmio nacional e de um prêmio regional.

²⁵ Claiton Magalhães deixou o Diário Gaúcho em janeiro de 2014 para dedicar-se a projetos pessoais. Em seu lugar, assumiu o então editor de Dia a Dia, Felipe Bortolanza. Alexandre Bach foi um dos oito demitidos em agosto de 2014.

O jornal preocupou-se em fazer grandes reportagens direcionadas não somente ao impresso, mas utilizando recursos audiovisuais disponibilizados pela internet através do site do DG. Esse ambiente ajudou a moldar os motivos para o lançamento do grupo. A ideia principal era consolidar o nome do jornal, o sexto em circulação no Brasil na época, utilizando a própria equipe disponível na Redação para formar um grupo de elite que discutisse jornalismo e formulasse grandes reportagens. Embora o jornalismo popular tenha como característica maior o serviço e o entretenimento percebeu-se que havia espaço para grandes reportagens. (MAGALHÃES, 2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A).

Para selecionar os quatro “pés no barro” que fariam parte da primeira equipe, Claiton levou em consideração a qualidade e a experiência dos profissionais da redação. Foram reunidos repórteres de diferentes áreas e editorias. Embora os nomes de maior peso tivessem sido convidados, Claiton tomou o cuidado de incluir repórteres jovens no grupo. A ideia era dinamizar trocas de experiências e aprendizado entre todos (MAGALHÃES, 2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A).

O método de seleção do time, pensado e descrito por Claiton, se assemelha ao principal objetivo da integração dos profissionais existentes nas redações on-line e off-line do jornal El País, na Espanha, como descreve Lafuente em entrevista à Marocco (2012, p. 220-221)

O que existe na Espanha, não sei como funciona no Brasil, é a importância na redação da convivência do jornalista sênior, que não é chefe, está perto dos jornalistas jovens, dando pistas para eles, principalmente do modo de exercer o ofício. Controles têm que haver, os jornalistas precisam ser dirigidos. Mas, ao final, o melhor controle deve estar localizado no arranque de todos os processos da informação, quando se começa a selecionar a história, como buscaremos os dados que estejam mais bem focados... ... a estratégia é que tens que conseguir que haja na redação uma cultura de como se fazem as coisas.

No Diário Gaúcho foram um repórter com quase duas décadas de experiência, uma repórter com mais de uma década de jornalismo, uma jovem repórter com cerca de cinco anos de experiência e eu, com 14 anos de jornalismo. O editor especial Renato Dorneles, com 25 anos de experiência na reportagem, também se uniu à equipe. A divulgação do grupo em meio à Redação causou estranhamento por parte dos que não foram chamados para compor o grupo de reportagens. Houve quem questionasse as escolhas e pedisse justificativas para não ter sido selecionado. A seleção do grupo mexeu com os brios de toda a redação. E o resultado foram mais matérias investigativas produzidas em 2013 por aqueles que estavam de fora do grupo especial.

Selecionar as reportagens que seriam produzidas ao longo do ano foi a maior preocupação do grupo de repórteres. A meta era pensar temas pouco ou nada explorados pelos concorrentes, mas que pudessem ter apelo junto aos leitores. Uma estratégia parecida com a usada pelo El País e justificada por Lafuente em entrevista à Marocco (2012, p. 214)

O que se tem de fazer é não somente colocar os melhores, mas colocá-los no ataque, não na defensiva. No ataque significa não ficar esperando que as coisas aconteçam para distribuir informação de qualidade, mas sim que estejam pensando em que coisas podem estar interessando a sua audiência, de que coisas se andam falando nas ruas ou na rede e que podem ser sujeito do trabalho jornalístico.

A primeira sugestão foi cada um fazer duas grandes reportagens no período. Ideia logo deixada em segundo plano até que o time estivesse fortalecido na nova proposta. Naquele primeiro ano pretendíamos produzir quatro grandes reportagens, independente de quem seria o repórter escolhido. Foram publicadas três.

Com reuniões semanais, iniciadas em janeiro de 2013, o time discutia reportagens de outros jornais e trocava ideias de possíveis grandes pautas. Compartilhei com os colegas do grupo as minhas sugestões guardadas há anos no meu arquivo pessoal. Entre as sugestões, temas relacionados ao meio ambiente, ao abastecimento de água, à pobreza e à violência policial centralizaram as discussões.

A decisão por eu fazer a primeira reportagem do grupo – material a ser estudado nos próximos capítulos desta pesquisa - foi quase por acaso. Como estávamos no Verão, parte do grupo tiraria férias até março. E eu, que recém tinha retornado ao jornal, não teria férias naquele ano. Por isso, Claiton me deu a missão de abrir os trabalhos da equipe. Minhas únicas exigências foram escolher o fotógrafo, produzir um webdocumentário para a reportagem e ter tempo suficiente para trabalhá-la. As três solicitações foram atendidas, como será apresentado mais adiante nesta pesquisa.

A segunda reportagem da equipe acompanhou durante dois meses a vida de um ex-detento, desde os dias anteriores à saída até a adaptação à nova vida depois de décadas preso. Também foi produzido um webdocumentário para a reportagem.

A terceira grande reportagem do Diário Gaúcho fez um resgate da história de Teixeirinha, a maior cantor tradicionalista do Rio Grande do Sul. Foram quase dois meses de apuração jornalística até a publicação.

Não houve a quarta reportagem, apesar do planejamento do grupo. A repórter mais jovem não conseguiu concluir a sugestão que propôs, e não demonstrou interesse em tentar

uma nova pauta. Creio que no momento da desistência dela, os repórteres mais experientes, e isso me inclui, perderam a oportunidade de orientá-la sobre os caminhos a seguir. A tal troca de experiências, citada neste capítulo por um dos idealizadores do projeto, não valeu no momento em que ela foi mais exigida para manter o grupo unido.

Como em qualquer processo inicial, ocorreram dificuldades durante o primeiro ano do grupo de reportagens. A ideia de discutir o processo de produção de cada uma das reportagens publicadas esgotou-se após a primeira publicação. Houve falta de organização por parte do grupo, problemas pessoais que fizeram com que o líder da equipe acabasse se afastando do time antes do final da terceira reportagem e mudanças no perfil do jornal que seriam divulgadas somente no segundo semestre de 2014. Claiton destaca outros problemas que afetaram a continuidade do grupo.

As maiores dificuldades ficaram por conta das tradicionais existentes em uma Redação: tempo apertado, conciliar horários de reuniões com a rotina dos repórteres. Outra situação observada foi a de que com o cobertor curto, os prazos para a publicação ficaram um pouco elásticos demais. Creio que prazos mais definidos seriam úteis para acostumar o leitor com uma periodicidade mais curta. Creio que poderíamos ter tido uma troca de experiências com outros grupos de reportagens, até de jornais da própria RBS. Também acho que palestras com profissionais de outras áreas (Sociologia, Direito, Economia etc), trocas e indicações de leitura seriam bastante úteis para o grupo. (MAGALHÃES, 2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A).

A importância do editor-executivo na liderança da equipe foi posta à prova com a saída dele do jornal, no início de 2014. Aos poucos, o grupo de reportagens especiais acabou se afastando. Houve uma tentativa de reinício, com Felipe Bortolanza na liderança e a inclusão de outro repórter com quase uma década de experiência no lugar da repórter que se tornou editora de dia a dia.

Mas o grupo já não tinha mais a mesma força do ano anterior. No meio do processo, dois dos repórteres do time foram convocados para atuar na equipe que fazia a cobertura da Copa do Mundo no Brasil, eu e Renato Dorneles, impedindo o prosseguimento de projetos do time de repórteres entre maio e julho de 2014.

A grande reportagem produzida pelo novo membro da equipe foi publicada em maio de 2014 e apresentava a sequência de problemas sociais responsáveis pela morte de um jovem da periferia da Capital. A reportagem conquistou um prêmio nacional de Direitos Humanos. Sem um líder de fato dentro do time, porém, não houve reuniões para discussões da pauta, nem apresentação dos resultados à redação.

Em novembro de 2014, já com a redação sob novo comando editorial, Renato Dorneles publicou a quinta e, por enquanto, última reportagem do grupo criado um ano e 11 meses antes. Durante um mês, ele acompanhou a rotina das mulheres dos detentos do Presídio Central de Porto Alegre. Foram três dias de reportagens que não tiveram um caderno especial e foram incluídas dentro do próprio corpo do jornal, na editoria de polícia.

Apesar dos problemas, Magalhães (2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A) ressalta os pontos positivos do time de repórteres, como a oportunidade de trabalhar com profissionais de muita qualidade, a conquista de um prêmio nacional e a possibilidade de discutir jornalismo, coisa que, de acordo com ele, não é muito comum em redações.

A resposta que tivemos foi muito boa. Tivemos reportagens com textos e fotos de muita qualidade, conseguimos ainda uma razoável integração entre impresso e on-line. Conseguimos um retorno importante de órgãos públicos interessados em tratar de situações abordadas nas reportagens, tivemos retorno do público. (MAGALHÃES, 2014, em entrevista à pesquisadora, ver apêndice A).

Das cinco grandes reportagens publicadas sob o selo do grupo de reportagens especiais do Diário Gaúcho, a primeira delas foi a que mais teve repercussão entre os leitores, os órgãos públicos e entre os colegas da própria imprensa. O choque de realidade promovido pelo jornal popular ao expor famílias ainda vivendo abaixo da linha da miséria em Porto Alegre, aliada à produção do webdocumentário e à parceria com Zero Hora para publicação em ambos os jornais, fez de Invisíveis a melhor reportagem daquele ano no Diário Gaúcho, finalista do grande prêmio RBS de reportagem e ganhadora de Menção Honrosa no prêmio anual da Associação Riograndense de Imprensa.

Ao final da publicação das reportagens, enviei por e-mail²⁶ aos envolvidos na reportagem a minha avaliação pessoal. Duas semanas depois, o editor-chefe decidiu compartilhá-la num encontro com toda a redação.

“Segue o meu retorno sobre tudo o que vivi durante a produção da reportagem Invisíveis. Espero que entendam todos os itens escritos. É apenas a minha percepção sincera sobre este período.

O que deu certo:

O apoio do Claiton para investirmos na pauta proposta. A confiança do Bach ao dar um bom espaço para o material. O time de repórteres (afinal, a sugestão foi proposta numa das reuniões). As reuniões envolvendo repórter, fotógrafo, diagramação, arte e editores.

O envolvimento de alguns colegas que estavam de fora da reportagem: Eduardo Rodrigues e Caren Baldo me passavam emails relacionados ao assunto. Até o motorista Lúcio, que nos levou em alguns lugares, me presenteou com revistas sobre o tema.

²⁶ Nesta dissertação, os textos dos e-mails e das minhas anotações durante a produção da reportagem Invisíveis foram mantidos com a escrita original.

O tempo dado à repórter para ir a campo. O diário de campo que decidi fazer e repassar aos envolvidos na matéria, incluindo fotos (feitas com celular) dos lugares e dos personagens. Foi a forma encontrada de mostrar a minha rotina e de atraí-los para a história, mesmo antes de eu escrever a reportagem.

O tempo dado para escrever a reportagem. Afinal, precisei mudar todo o texto de uma hora para outra (com a decisão de ser uma série).

O tempo para editarmos a reportagem e para eu decupar e roteirizar o webdoc (isso dá muito, mas muito trabalho).

As conversas da repórter e do fotógrafo com o Claiton, que ajudaram a dar o "Norte" necessário ao material.

A parceria entre repórter e fotógrafo. Diariamente, discutíamos o que faríamos na rua. Isso ocorreu antes de irmos juntos para as entrevistas com os personagens. Quando o Mateus foi a campo, já tinha uma ideia (ainda pequena) do que encontraria.

O conhecimento de vídeo do fotógrafo, que teve boas sacadas durante as filmagens.

A parceria com o Tiago, que abraçou a nossa ideia de edição do webdoc, mesmo com poucos recursos técnicos disponíveis.

A divulgação nos meios antes da reportagem ser publicada.

O retorno dos leitores e dos órgãos responsáveis.

A ideia do Felipe de vender bem a reportagem. Ele subiu na redação de ZH e mostrou as páginas prontas. Resultado: uma série publicada pelos dois jornais.

A ideia geral de acreditar que é possível fazer uma grande reportagem no DG.

O que poderia ser melhor:

Faltou um envolvimento maior do time de repórteres durante a produção da reportagem. E eu deveria ter enviado também para eles o meu diário de campo.

A cobrança para que o Mateus conseguisse fazer tudo em "x" dias. Como precisávamos fotografar e filmar, ficava impossível fazer uma história numa única manhã.

O envolvimento "desde o início" do editor da editoria envolvida. Em determinado momento, nas férias do Claiton, apenas a Lu se dispôs a me orientar (mesmo não sabendo muito sobre o que pensávamos inicialmente para a pauta) a continuar na história. Mas, sinceramente, em determinado momento, me deu vontade de desistir da reportagem.

O esclarecimento aos colegas da minha editoria sobre o que eu estava fazendo. Afinal, deixei a editoria capenga por um bom tempo. E isso, infelizmente, causa uma situação desfavorável. Principalmente, se as pessoas não sabem do que se trata.

Poderíamos ter incluído o Online desde as primeiras reuniões para definirmos como a reportagem seria publicada. É preciso incluí-los neste processo. Principalmente, se teremos um material diferenciado. Não sei se vocês sabem, mas foi o Mateus quem deixou pronta todas as galerias e quem editou a parte inicial do webdocumentário.

Se tivéssemos um profissional do Online apenas para edição e, até, um programa de edição com mais recursos (o Tiago sabe qual é), um computador com mais memória e uma tela maior, o webdoc teria sido feito com mais facilidade. E, provavelmente, não teríamos ficado com problemas de áudio e poderíamos ter uma finalização com maior qualidade.

*O aprendizado: Devemos continuar investindo em reportagens de fôlego. Temos a obrigação de apostarmos em material só nosso. Precisamos mostrar ao grande grupo que existe espaço para matérias maiores. Precisamos continuar apostando na parceria com o Online. O grupo de reportagem não pode parar: **afinal, qual vai ser a próxima grande reportagem?***

Para finalizar:

Já estou pensando nas minhas próximas reportagens."

Aos editores,
29/04/2013

3 O MÉTODO DA PESQUISADORA

A sugestão de me tornar o próprio objeto de estudo desta dissertação ao descrever e analisar o meu processo de produção jornalística surgiu ainda no primeiro ano do Mestrado. Foi uma provocação feita pela minha orientadora, Beatriz Marocco. Ainda inexperiente no círculo acadêmico, temi o desafio e o neguei no primeiro momento.

Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, pretendia pesquisar a importância do personagem numa reportagem de jornal popular. Com o início das aulas, percebi que a minha experiência como repórter poderia auxiliar nos meus estudos acadêmicos. Decidi, então, mudar o foco da pesquisa, centralizando-a em compreender a movimentação dos repórteres de jornais populares durante a apuração de uma reportagem.

Como tentativa de me apropriar de um método de pesquisa, em maio de 2013, fiz uma saída a campo usando a observação participante¹. Acompanhei uma repórter, que não é minha amiga, e um fotógrafo, meu amigo. Ambos se mostraram interessados pelo tema e dispostos a ajudar a pesquisadora que os acompanharia por algumas horas. Porém, me senti desconfortável observando os dois trabalhando. Foi difícil me conter e não participar da entrevista que eu observava. Naquele momento, decidi que mudaria mais uma vez o foco da minha dissertação.

Em setembro de 2013, iniciei a alteração do problema de pesquisa e, conseqüentemente, de toda a dissertação. Decidi que pesquisaria a ação do repórter de jornal popular a partir dos meus próprios relatórios produzidos ao longo da produção de uma grande reportagem. Inicialmente, selecionei duas grandes reportagens produzidas em diferentes jornais, nos quais atuei como repórter, com diferença de um ano entre as publicações. Em ambas, produzi relatórios enviados aos editores responsáveis e aos fotógrafos envolvidos e escrevi diários pessoais sobre a experiência ao longo da apuração da reportagem.

Tendo em vista a nova proposta, iniciei a pesquisa bibliográfica que me auxiliou no embasamento teórico das palavras-chaves jornalismo popular, apuração e “pé no barro”. Visitei bibliotecas de universidades gaúchas, bibliotecas virtuais e sites relacionados à comunicação.

¹ Amaro (2004, p. 2) destaca a importância da observação participante para o trabalho investigativo do próprio jornalista, pois é por meio deste método que ele observa os locais, os objetos e os símbolos, bem como as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar e de falar, presta atenção às situações, aos ritmos, aos acontecimentos. Participa de alguma maneira no cotidiano desses contextos e dessas pessoas.

Márcia Franz Amaral (2004 e 2006), Guillermo Sunkel (1986), Rosa Nívea Pedroso (2001) e os trabalhos de Cristiane Brum Bernardes (2004) e Carine Felkl Prevedello (2008) me auxiliaram na definição do conceito de jornalismo popular.

Cremilda Medina (1979), Ana Estela de Souza Pinto (2012), Luis Costa Pereira Junior (2010), Gaye Tuchman (1978), Miquel Rodrigues Alsina (2009), entre outros, foram consultados para compreender o processo de produção jornalística.

Como não encontrei bibliografia específica citando o conceito de “pé no barro”, me ancoriei em expressões que dão elementos necessários para esta validação. Para isso, foram consultados os trabalhos dos jornalistas e dos pesquisadores Rosa Nívea Pedroso (2002), Humberto Werneck (2004), Candice Vidal Souza (2010) e Carlos Etchichury (2010).

Leituras de obras relacionadas ao tema que me propus estudar e conversas com colegas de profissão, estudantes e professores da área da Comunicação me ajudaram na formulação do problema de pesquisa.

O que parecia estar definido teve um avanço no exame de qualificação da minha dissertação, em junho de 2014. Um questionamento feito pelo professor doutor Eduardo Ferreira Veras, da Ufrgs, presente na comissão examinadora, sobre a metodologia a ser aplicada na abordagem dos meus relatórios me fez perceber que ainda faltava um passo importante para a realização da pesquisa: definir a metodologia de estudo. Por sugestão do próprio professor Eduardo Veras, um dos possíveis caminhos seria o da crítica genética ao trabalhar a relação entre os documentos de processo e o produto final.

Por desconhecer os procedimentos da crítica genética, li livros e pesquisas relacionadas a esta metodologia. Para isso, busquei luz nos trabalhos desenvolvidos pela professora e pesquisadora Cecília Almeida Salles, primeira pesquisadora no Brasil a ampliar os estudos genéticos para além dos manuscritos literários, na dissertação de Luis Fernando Assunção (2005), que analisa o processo investigativo do jornalista Nilson Mariano a partir dos documentos de processo cedidos pelo profissional, na dissertação de Karine Moura Vieira (2011), que utiliza a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico, na tese do próprio Luis Fernando Assunção (2013), que mapeou e desvendou os caminhos do jornalista João Antônio a partir da utilização da crítica genética, e no trabalho da pesquisadora e professora Sandra Moura, que será apresentado mais adiante nesta pesquisa.

É Cecília, umas das idealizadoras da ampliação desta metodologia para além dos estudos das obras literárias, quem define crítica genética

A Crítica Genética analisa os documentos de processo criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos de produção, e, assim, entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra. O crítico genético pretende tornar o percurso da criação mais claro, ao revelar o sistema responsável pela geração da obra. (SALLES, 2008, p. 28).

Depois deste aprimoramento, cheguei ao que considero o meu problema de pesquisa, de fato, em agosto de 2014: como analisar a produção de uma reportagem em jornal popular a partir do estudo dos documentos de processo guardados pelo repórter?

Para dar seguimento ao estudo, defini que me debruçaria apenas sobre os documentos de processo reunidos durante a produção da reportagem Invisíveis.

3.1 A REPORTAGEM A SER PESQUISADA

Publicada no jornal Diário Gaúcho durante três dias consecutivos, em abril de 2013, e como webdocumentário², no site do mesmo jornal, a grande reportagem Invisíveis mostrou as diferentes formas de invisibilidade das famílias de Porto Alegre consideradas abaixo da linha da extrema pobreza³.

Em fevereiro de 2013, o Governo Federal afirmava que 700 mil famílias ainda estavam fora dos programas sociais no Brasil. Ou seja, 2,5 milhões de pessoas, 1,3% da população brasileira, precisavam ser localizadas e incluídas no Cadastro Único. Em Porto Alegre, 13.642 pessoas, ou 1% da população⁴ da cidade, ganhavam menos de R\$ 70 por mês. Porém, não havia registros de que estas famílias estivessem excluídas dos programas sociais. Cinco dias antes de a primeira reportagem ser publicada, a então ministra do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, em discurso na capital gaúcha ao lado da presidenta Dilma Rousseff, reforçou que o maior desafio do Governo Federal, em parceria com Estados e municípios, era a busca pelos que ainda não estavam contemplados pelos programas sociais. O próprio Ministério classificou estas famílias como “invisíveis aos olhos do Estado”⁵.

Amparada por números divulgados pelo próprio Governo Federal, pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa

² Disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/diariogaicho/video/diario-gaicho/2013/04/invisiveis/18970>>. Acesso em: 22 out. 2014.

³ Para determinar a linha da extrema pobreza no País, o Governo Federal considerou três frentes: Objetivos do Milênio da Organização das Nações Unidas (Onu), Pesquisa de Orçamento Familiar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pesquisas do Banco Mundial e da União Europeia.

⁴ Dados fornecidos pelo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁵ Ver cópia do documento no próximo capítulo.

(IBGE), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e por informações repassadas por especialistas em medicina da família, em economia da pobreza, em sociologia e em psicologia social, me determinei a identificar as famílias “invisíveis” da Região Metropolitana que estivessem fora do Cadastro Único do Governo Federal. E esta proposta está registrada num documento que me enviei em 19 de fevereiro de 2013, via e-mail, para reforçar a ideia da reportagem. No capítulo seguinte, apresento este e-mail.

Da sugestão inicial de reportagem até a conclusão da primeira ida a campo sozinha, a pauta foi alterada. O levantamento deixou de ser feito na Região Metropolitana para se debruçar sobre as famílias de Porto Alegre.

Ao lado do fotógrafo Mateus Bruxel, acompanhados sempre de um dos motoristas do jornal⁶, percorremos 800 quilômetros na capital gaúcha durante três semanas entre fevereiro e março de 2013. Visitamos 14 vilas em oito bairros, conversamos com 130 pessoas e produzimos duas mil fotos e quatro horas de gravações em vídeo.

Invisíveis é dividida em três cadernos especiais, cada um deles com quatro páginas, encartados no Diário Gaúcho. Na primeira reportagem, intitulada Eles têm Cara, identifiquei três histórias de famílias que deveriam estar incluídas nos programas sociais, mas que por desconhecimento e burocracia demasiada não estavam ou seguiam aguardando pelos benefícios.

Uma das famílias é do ex-jóquei Adão Jesus César de César, 58 anos, da Vila Chácara do Banco, no Bairro Restinga, na Zona Sul de Porto Alegre. Ele, a mulher Maria Helena, 50 anos, e os quatro filhos Rosa Maria, dez, João Pedro, 12, Rodrigo, 16, e Alessandro, 20, viviam num casebre de madeira construído para ser um estábulo. Dividiam o espaço com um cavalo. A única renda fixa da família eram R\$ 60 que Adão ganhava para cuidar do animal.

A segunda é a da dona de casa Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, mãe de Victor, um ano, Bryan, quatro, Emily, dez anos, moradora da Vila Maria da Conceição, no Bairro Partenon, Zona Leste da cidade, e que esperava desde 2012 a inclusão no programa Bolsa Família.

A terceira família é a da doméstica desempregada Núbia Nunes Cordeiro, 24 anos, da Vila Elo Perdido, também do Bairro Restinga, e que, assim como Vanessa, aguardava pelo benefício do Governo Federal. Enquanto não era contemplada, dependia do salário mensal de R\$ 400 do marido construtor civil para sustentar os quatro filhos Fernanda, sete meses, Gabriel, três anos, Ketlen, cinco, e Kiane, oito.

⁶ Apesar de ser uma reportagem especial, o motorista – que considero o terceiro membro da equipe – não foi o mesmo. A cada dia, um dos profissionais do volante foi o responsável por nos conduzir para a reportagem.

Na segunda reportagem da série, apresento depoimentos e histórias de pessoas que, mesmo com ajuda do governo, como o Bolsa Família, permaneciam abaixo da linha da extrema pobreza e ainda enfrentavam situações definidas por elas como humilhantes. Sentiam vergonha de receber dinheiro de programas sociais porque não conseguiam sustentar os próprios filhos.

A frentista desempregada Vanessa da Cruz Barbosa, 30 anos, da Vila Chácara dos Pinheiros, no Bairro Restinga, envergonhava-se por não ter um banheiro para os filhos Lorenzo, dois anos, e Laion, seis anos. Ela dividia com eles uma peça feita de papelão e sem janelas. Vivia apenas com os R\$ 210 que recebia todos os meses do Bolsa Família.

Outra família é a da moradora da Ilha do Pavão, no Bairro Arquipélago, Zona Oeste, Fabiana Nunes da Silva, 32 anos, viúva e mãe de oito filhos. Ela foi demitida do emprego de serviços gerais quando soube da oitava gravidez. Com o filho mais novo, Mateus, dois meses, nos braços, Fabiana contou que sobrevivia com o dinheiro do Bolsa Família, mas dizia ter vergonha por não encontrar um emprego que lhe garantisse o sustento dos filhos sem necessitar do auxílio do programa social.

O catador Marco Antônio Marcelino Rolim, 45 anos, e a família dele, também moradores da Ilha do Pavão, são a terceira história apresentada. Para eles, a vergonha estava em dividir o mesmo espaço com ratos e baratas provenientes dos restos de materiais recicláveis acumulados no pátio da casa da família.

A terceira reportagem, com o nome A Pobreza é Cara, apresenta os valores repassados pelo Governo Federal ao município de Porto Alegre para eliminar a extrema pobreza, expõe o pensamento de especialistas sobre a importância dos programas sociais e apresenta a família da industriária desempregada Tamires da Rosa Ferreira, 25 anos, da Vila Montepio, no Bairro Mario Quintana, Zona Norte de Porto Alegre. Ao separar-se do marido, com quem dividia as despesas da família, Tamires ingressou na linha da extrema pobreza. Mesmo afirmando que não passava fome, pois recebia R\$ 282 do programa Bolsa Família, Tamires reclamava por não ter o direito ao posto de saúde e à creche para os filhos, pois a vila onde morava era uma invasão e não existia no mapa.

3.2 O DOSSIÊ GENÉTICO

Quando produzi esta reportagem, não pensava em torná-la parte de um estudo. Pelo contrário, como escrevi no início desta dissertação, a pesquisa tinha outros propósitos.

Desde o início da carreira, costumo guardar as cadernetas de anotações usadas durante as produções das reportagens. Há cerca de cinco anos, passei a reservar também outros documentos de processo quando se tratava de uma grande reportagem. É uma forma de me proteger, principalmente, contra possíveis questões judiciais.

Por este motivo, guardei praticamente todo o material relacionado à reportagem denominada Invisíveis. Ao decidir pesquisar o meu processo de produção, voltei aos documentos guardados no armário na redação do jornal, no próprio computador pessoal, nos meus e-mails particular e profissional e no meu diário pessoal. Não havia uma organização ou seleção aparente do material arquivado.

A caderneta de anotações, cuja primeira página a identifica como sendo específica daquele trabalho que se tornaria uma grande reportagem, estava no meu armário da empresa. Ela é composta de anotações das entrevistas realizadas com as famílias que estão nas reportagens e com outras que não foram para a publicação. Há, também, trechos das entrevistas realizadas com os especialistas, telefones de contatos e anotações das minhas observações. Não costumo registrar na caderneta as datas das visitas, pois faço isso nos relatórios enviados às chefias e ao fotógrafo.

No computador pessoal, encontrei anotações que fazem parte de um diário, são uma espécie de conversa comigo mesma. Nele, escrevo minhas dúvidas e anseios sobre o que vivenciei durante o dia de trabalho. Faço este tipo de anotação quando a reportagem é mais longa. Também identifiquei os primeiros textos digitados antes da publicação da série, guardados em arquivo único.

Nos e-mails pessoal e profissional, numa pasta específica identificada como pobreza, estavam parte das mensagens que eu me enviava e as trocadas com os editores, ao longo da produção da reportagem, e com os próprios leitores, após a publicação da série. Há, também, os relatórios diários enviados aos editores e ao fotógrafo. Encontrei, ainda, reportagens de outros veículos relacionadas ao mesmo tema, três estudos acadêmicos sobre o tema pobreza, e material de divulgação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Foi no e-mail profissional que localizei o release de onde surgiu a ideia desta reportagem.

O arquivo de vídeos foi guardado por conta da produção de um webdocumentário sobre o tema. Utilizei no jornal impresso trechos dos depoimentos das famílias. Eles foram retirados das transcrições que fiz de cada uma das nove entrevistas – com as sete famílias, com um especialista e com o diretor da Fundação de Assistência Social e Cidadania.

No meu arquivo há fotos que fiz de diferentes personagens que se tornariam parte da reportagem.

Imagem 2 - Frente da casa de Adão



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 3 - Os fundos da casa de Adão



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 4 - Vanessa na porta de entrada da casa de papelão da família



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 5 - Família que morava numa casa sem banheiro



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 6 - Tipo comum de casebre construído na Chácara dos Pinheiros, no Bairro Restinga, onde mora Vanessa



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 7 - Vila Elo Perdido, no Bairro Restinga, em Porto Alegre



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

As fotos foram produzidas na primeira semana de ida a campo, quando saí sozinha da redação para começar a busca pelos “invisíveis”. A intenção ao produzir estas imagens com o meu celular pessoal era apresentá-las à equipe e, essencialmente, ao fotógrafo que me acompanharia a partir da segunda semana de trabalho. Tive a intenção de envolvê-lo na reportagem, mesmo que ainda à distância. No mesmo arquivo também registrei momentos de interação do fotógrafo nos mesmos locais registrados antes por mim.

Em meio a este material, há folhas soltas com anotações gerais sobre pobreza e uma pesquisa sobre o tema pobreza extrema em Porto Alegre, realizada em 2007 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Os originais dos jornais da época completam o dossiê.

Com os documentos de processo identificados a partir de uma leitura rápida, os selecionei em duas pastas: o que era virtual foi arquivado no meu HD externo e o material físico ficou numa pasta. Para aprofundar a leitura e o que, realmente, poderia ser aproveitado na pesquisa, iniciei pelos sete relatórios que eu havia guardado. Neles estão as primeiras idas a campo e a seleção das famílias que teriam as histórias contadas na reportagem. No último relatório, há uma possível divisão das histórias caso viesse a se tornar uma grande reportagem.

Seguindo na seleção dos documentos de processo que seriam analisados na pesquisa, fiz uma primeira checagem na caderneta de anotações usada durante a produção da reportagem. Do diário pessoal, selecionei trechos relacionados à reportagem.

Ao todo, contabilizei um corpus constituído de 745 documentos, a partir do material reunido e que ainda estava disponível. Na contagem geral, cada folha solta equivaleu a um documento. A caderneta de anotações tem 240 páginas, com escritas na frente e no verso. Considerei cada uma delas como um documento de processo. Do diário pessoal, selecionei relatos curtos, datados da época, e que juntos contam outras três páginas. Há, ainda, três esboços da reportagem (que considerei rascunhos), as 16 páginas de reportagens, 20 fotos digitalizadas, 70 e-mails (com relatórios e conversas sobre a reportagem) e 393 vídeos gravados, que incluem entrevistas e imagens gerais da reportagem – deles usei apenas os que incluem as entrevistas.

Deste dossiê genético selecionei os documentos que poderiam ser utilizados ao longo da pesquisa. As 240 páginas da caderneta de anotações, os três esboços, as três páginas com relatos do diário pessoal, as 16 páginas da reportagem, três relatórios enviados via e-mail aos editores e fotógrafo, 11 fotos digitalizadas, 50 e-mails e 24 vídeos com entrevistas, totalizando 350 documentos de processo. Nem todos estes foram úteis ao estudo.

Ainda para compor a pesquisa, entrevistei por e-mail o ex-editor-executivo do Diário Gaúcho, Claiton Magalhães. Durante cinco dias, entre os dias 31 de outubro de 2014 e 5 de novembro de 2014, trocamos e-mails para ajustarmos como seria realizada a entrevista pessoalmente. Claiton, assim como eu, está finalizando o Mestrado em outra universidade e, naquele momento, havia se isolado numa área rural para concluir a pesquisa. O jeito encontrado para obter as respostas foi enviar a ele um questionário por e-mail, com sete questões sobre a criação do grupo de reportagens (conferir as respostas no anexo). Marocco (2012, p. 93) identifica como entrevista à distância quando, mesmo sem olhar de frente o entrevistado, as respostas fluem virtualmente, sem necessitar do encontro presencial. Foi um questionário fechado, com perguntas alinhadas à proposta da pesquisa. As respostas de Claiton serviram para compreender o processo inicial da criação do grupo de reportagens. Não foi necessário o envio de novas questões, pois Claiton produziu os esclarecimentos necessários à pesquisa.

Este estudo da reportagem *Invisíveis* encontra ecos na proposta da pesquisadora Cecília Almeida Salles de analisar os documentos de processos criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos de produção, e, assim, entender como se desenvolveu a obra.

Em tese defendida na Puc-SP, em 1990, a pesquisadora estudou os manuscritos do jornalista, romancista e escritor Ignacio Loyola Brandão em *Não verás país nenhum*. Ela sugere a alteração no conceito de manuscrito, antes restrito à literatura, para “documentos de processo”, que por definição é todo e qualquer registro do processo criador. Cecília ressalta que a crítica genética tem uma especificidade que a distingue de outros estudos.

O que a distingue dos outros estudos, que também têm esses documentos como objeto, é o fato de tomá-los como índices do processo de criação, suportes para a produção artística ou registros de memória de uma criação e, assim, dar um tratamento metodológico que possibilite um maior conhecimento sobre esse percurso. (SALLES, 2008, p. 30).

Foi Cecília quem abriu possibilidades à crítica genética ser ampliada para diferentes áreas, além do círculo literário. Um dos primeiros trabalhos na área de jornalismo a utilizar esta metodologia foi a tese de Sandra Moura defendida na Puc-SP, em setembro de 2002. Ela utilizou a crítica genética para compreender o processo investigativo do jornalista e escritor Caco Barcellos. Este trabalho é uma importante referência na presente pesquisa para a aplicação da crítica genética.

Sandra Moura dividiu a pesquisa em duas partes. Em *O Repórter*, a pesquisadora mostra a trajetória de Caco na reportagem e a importância desta formação no processo dele como repórter investigativo. Na segunda parte, intitulada *O Método*, explica-se como Caco elaborou a investigação jornalística que culminou no livro *Rota 66*. A pesquisadora imergiu no arquivo cedido pelo jornalista com 20 mil documentos de processo catalogados.

[...] lá estavam as fichas, caderno de anotações, fotografias, recortes de jornais e revistas, cópias de processo judiciais, laudos de exame de cadáver, inúmeros papéis soltos com transcrição de entrevistas, pedaços de folhas com anotações de depoimentos, desenho, livros, monografias, registros de consultas de antecedentes criminais, além de matérias jornalísticas (resenhas, reportagens, artigos e notas) que assinalavam a repercussão do seu livro no Brasil e no exterior. Possuía, agora, uma vasta documentação que me permitia conhecer por dentro uma investigação jornalística, sendo que eu atuaria como uma espécie de voyeur. (MOURA, 2007, p.13).

Amparadas pela crítica genética, Cecília e Sandra analisaram os documentos de processos de jornalistas e escritores para explicar o método de trabalho destes profissionais. Elas me lançam luzes para estudar os meus materiais manuseados ao longo da reportagem *Invisíveis*. Logo de início, percebi que o difícil seria encontrar o início e o fim do meu próprio trabalho em meio ao conjunto de peças coletadas não-organizadas e que formavam o arquivo de documentos de processo.

Salles (2001) alerta que ambos os pontos são, de certo modo, ficcionais, levando-se em consideração a impossibilidade de se determinar no processo criativo um primeiro e um último absolutos. É uma cadeia contínua.

Com esta impossibilidade, tenho como início ficcional dois e-mails, um de 2010 e outro de 2013. No capítulo a seguir, parto deles para apresentar o método da repórter no processo da reportagem.

4 O MÉTODO DA “PÉ NO BARRO”

Seja dentro de um guarda-roupas, em sacolas plásticas, dentro de caixas de papelão ou no armário da redação, minhas cadernetas de anotações são guardadas desde a primeira reportagem que fiz, em 2000. Algumas se perderam com o passar dos anos. Mais de 90% delas, porém, seguem comigo para onde eu for. Clarissa Monteagudo, repórter da editoria Cidades do jornal EXTRA, costuma dizer que as cadernetas são as maiores relíquias de um repórter. Concordo, mesmo que sejam desorganizadas como as minhas.

Não tenho padrões para as anotações que faço durante as apurações das reportagens. O certo é que sempre registro os nomes completos das fontes populares, as idades, as profissões, os bairros e cidades onde elas moram. E se houver uma aproximação maior com a fonte, peço também um telefone para possíveis novos contatos. O restante é um emaranhado de possibilidades que surgem, dependendo da reportagem.

Nas cadernetas, descrevo gestos observados nos entrevistados, especificidades de lugares que podem ser identificados no texto, sensações minhas durante a entrevista e faço, inclusive, rabiscos de desenhos, se estiver esperando por uma entrevista. Vale até escrever sem olhar para o bloco, enquanto mantenho os olhos fixos no entrevistado para que ele continue atento a mim. Nestes casos, os textos saem quase ilegíveis. Na rapidez da escrita, acabo não entendendo a minha própria letra.

Reservo as cadernetas por carinho, mas aprendi com um repórter mais velho e vencedor de vários prêmios nacionais que é importante guardarmos nossas cadernetas para o caso de futuros processos judiciais, o que já aconteceu comigo¹.

Do mesmo modo que coleciono as minhas cadernetas de anotações, tenho o hábito de guardar antigos e-mails de trabalho quando se tratam de discussões sobre possíveis pautas. Nesta interação virtual costumam surgir novas ideias. Eu sabia que, via e-mail, já havia comentado com colegas sobre o tema pobreza em Porto Alegre. Surpreendi-me quando localizei uma mensagem datada de dezembro de 2010, pois não lembrava mais dela.

¹ Um ano depois da publicação da minha primeira série de reportagens para o jornal EXTRA, a principal entrevistada, que acompanhei por um mês, processou o jornal e incluiu o meu nome. Ela alegava que não tinha concedido entrevista e foi surpreendida pelas fotos no jornal. No dia da audiência, a minha caderneta de anotações serviu com base para provar que ela me concedera a entrevista, pois eu tinha todos os dados pessoais dela, do marido e do restante da família anotados na caderneta. Também tinha anotado frases da entrevista concedida por ela e que só a autora do processo poderia ter dito.

Na época, enviei ao então editor-executivo do Diário Gaúcho, Claiton Magalhães, um e-mail² com quatro sugestões de reportagens para serem desenvolvidas em 2011 pelo jornal. Como cita Amaral (2006, p. 64) um fato será notícia na imprensa popular se puder ser narrado de maneira a ficar próximo ao leitor. Essa proximidade pode se dar pelo conteúdo, pelas personagens que envolve e pela linguagem.

Entre as sugestões que poderiam se tornar notícia no Diário Gaúcho, cinco linhas descreviam a intenção³ de mostrar a “miséria em Porto Alegre”. Há uma troca de mensagens por e-mail entre eu e o editor. Ele, porém, comenta apenas as demais sugestões.

De: Aline Custodio

Enviada: ter 14/12/2010 12:38

Para: Claiton Magalhaes

Assunto: RES: CLAITON

Então, seguem as quatro sugestões (a quinta é do aborto, e você já conhece). São ideias para serem melhor trabalhadas, se alguma delas valer. Inclusive, passei a do Guaíba para o Domingues (só o tópico) pq ele precisava sugerir algo hoje na reunião especial. Veja se alguma pode render.

l Série A Morte do Guaíba (ideia gerada com a Cynthia) - Na verdade, a ideia é percorrer os rios e afluentes que desembocam no Guaíba. Mostrar a situação deles. Sabemos que o Gravataí, o Sinos, o Dilúvio, o Arroio feijó, o Taquari e o próprio Jacuí estão em situação de miséria. Mostrar os ribeirinhos, os arrozeiros, os pescadores, o esgoto caindo direto no Guaíba. Afinal, o Guaíba é o principal fornecedor de água da região. A gente pode contar com a ajuda da Defesa Civil, dos pescadores e das Ongs. A IDEIA INICIAL era A MORTE DOS RIOS. E, então, mostrar a situação de cada um deles.

l Perdidos no século passado (ideia gerada com a Andréa) - quem são as pessoas que ainda não se adaptaram à tecnologia. Tem cases no bairro São Caetano (Porto Alegre), interior de Eldorado do Sul, interior de Viamão, no Litoral e interior de Guaíba.
l Vida nascendo no Madre Peletier (ideia da Andréa em conjunto comigo) - Acompanhar uma presidiária gestante, desde a chegada dela no presídio, toda a gestação dentro do Madre Peletier, o dia do nascimento do bebê e os meses em que o bebê ficará aos cuidados da mãe. Por fim, o dia da liberdade do filho. É uma pauta de fôlego, que levará meses para ser concluída.

l Série Miséria (pensei nesta e discuti o tema com a Andréa) - mostrar famílias que vivem em situação abaixo da linha da pobreza sugerida pelo governo federal. Elas existem, basta um levantamento maior com números do IBGE, IPEA. Percorrer ilhas, vilas de PoA e da Região

² As mensagens transcritas nesta pesquisa, em itálico, correspondem aos e-mails originais guardados pela pesquisadora. Os trechos grifados foram destacados na época da troca de mensagens e, por isso, permaneceram da mesma forma dentro deste estudo.

³ Chaparro (2007, p. 141) diz que a intenção tem o sentido de tudo que segue uma orientação, um vetor. Tem raízes nos motivos/valores inspiradores, e em função deles exerce o controle consciente dos fazeres.

Metropolitana e, quem sabe, interior do Estado. Existem pessoas que ainda catam comida nos lixões? Em Gravataí, dizem que sim. É preciso averiguar. Segue firme aí!

*Um abraço,
Aline Custódio
Repórter - Editoria de Dia a Dia
Jornal Diário Gaúcho
Fone: [\(51\) 3218-1652](tel:(51)3218-1652)
Twitter: [@aline_custodio](https://twitter.com/aline_custodio)
Site: www.diariogaicho.com.br*

De: Claiton Magalhaes

Enviada em: quarta-feira, 15 de dezembro de 2010 09:59

Para: Aline Custodio

Assunto: RES: CLAITON

*Vou por partes, ok? Na primeira matéria, achei o enfoque um pouco amplo ainda. A morte dos rios. Sim, rende muito, mas sugiro casar com ela um enfoque social, contar o drama da morte dos rios a partir deste enfoque. Por exemplo, a poluição que mata os rios, mata os peixes, sem peixes não há pescador, sem pescador não há trabalho, dindin, comida. Sugiro colocar o foco neste êxodo. Nesta transição do pescador para o mercado formal de trabalho (há cursos, há incentivos - olha eu e meus macs e números). Percorreríamos os rios, pescaríamos os cases entre os ribeirinhos. Imagina quantos não sucumbiram à criminalidade? O peixe que a poluição matou, que nós matamos com nosso lixo e desatenção, joga gente no desemprego, nas filas da caridade e do sus, nas prisões. Enfim, são sugestões para serem debatidas, levadas adiante ou deletadas. As outras vou analisar melhor e te respondo - essa do Madre Pelletier é de rachar de boa. Pauta que exige tempo e paciência. Já vai acionando os contatos que nela não há o que mudar)
Abração, e nos vemos na Liberta (como diria o Macaco Simão, nós tá por baixo mas nós brinca, eheh)*

Um mês depois desta troca de mensagens, mudei de Estado e passei a trabalhar em outro jornal popular brasileiro. As quatro sugestões enviadas naquele final de 2010 não foram levadas adiante pelo então editor-executivo.

Em dezembro de 2012, retornei ao Diário Gaúcho para atuar nas editorias de polícia e dia a Dia. Permanecia na repórter o desejo de produzir uma reportagem sobre a miséria em Porto Alegre. Numa das primeiras conversas com o fotógrafo Mateus Bruxel surgiu o interesse mútuo pela pauta. Ele também já tinha pensado no tema, mas ainda não havia comentado com um repórter.

Com o lançamento do grupo de reportagens, em janeiro de 2013, tópico retratado no primeiro capítulo desta pesquisa, relembrei o próprio Claiton e os demais colegas sobre o

tema, mas ele foi novamente rejeitado. A justificativa era de que seria necessário um gancho⁴, pois a pauta ainda parecia vaga para a chefia. A decisão era que eu faria uma reportagem sobre o desabastecimento de água em Porto Alegre. O grupo acreditava que, como Amaral reforça no livro *Jornalismo Popular*, causaria mais impacto sobre os leitores.

Na imprensa popular, um fato terá mais probabilidade de ser noticiado se: possuir capacidade de entretenimento, for próximo geográfica ou culturalmente do leitor, puder ser simplificado, puder ser narrado dramaticamente, tiver identificação dos personagens com os leitores (personalização) e for útil. Entre estes, destaco o entretenimento, a proximidade e a utilidade como importantes valores-notícia da imprensa popular. (AMARAL, 2006, p. 63).

Por conta de atrasos na produção da reportagem sobre a água na Capital, a pauta foi perdendo a relevância jornalística com o decorrer das semanas. Em 19 de fevereiro de 2013, recebi um release⁵ do Ministério do Desenvolvimento Social abordando a retirada de 22 milhões de pessoas da extrema pobreza no Brasil. Imediatamente, entre as 45 linhas de texto, uma frase me despertou a atenção “Permanece o desafio de encontrar aquelas (pessoas) que ainda são invisíveis aos olhos do Estado, com a busca ativa”.

De: MDS - Ministério do Desenvolvimento Social [mailto:agenciamds@informe.mds.gov.br]

Enviada em: terça-feira, 19 de fevereiro de 2013 14:55

Para: Aline Custodio

Assunto: Brasil Sem Miséria retira 22 milhões de pessoas da extrema pobreza

Brasil Sem Miséria retira 22 milhões de pessoas da extrema pobreza

Agora, mais 2,5 milhões de pessoas deixam a extrema pobreza do ponto de vista da renda, zerando a miséria no universo do Bolsa Família. Permanece o desafio de encontrar aquelas que ainda são invisíveis aos olhos do Estado, com a busca ativa.

Brasília, 19 – A presidenta Dilma Rousseff anunciou nesta terça-feira (19) a extensão da complementação de renda do Bolsa Família para alcançar os últimos 2,5 milhões de beneficiários do programa que ainda permaneciam em situação de extrema pobreza. Assim, o governo federal alcança uma marca histórica: a retirada de 22 milhões de brasileiros da extrema pobreza, do ponto de vista da renda, nos últimos dois anos. “O marco que comemoramos hoje não seu deu por mágica, mas por 10 anos de muito trabalho. Nesse período, construímos a tecnologia social mais avançada do mundo, o Cadastro Único e o Bolsa Família”, afirmou a presidenta.

⁴ Informação que pode gerar uma notícia ou reportagem. Não deve ser confundida com suíte, que é o desdobramento de um mesmo assunto. Gancho é o que puxa o assunto para a atualidade. (JORGE, 2008, p. 225).

⁵ Segundo o Manual de Assessoria de Imprensa, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o release é a ferramenta que a assessoria de imprensa usa para organizar as informações que está divulgando. Trata-se de um texto, cuja essência é a informação.

Com a medida, não existirá mais, no Bolsa Família, nenhuma família com renda mensal inferior a R\$ 70 por pessoa. Este é o valor adotado como referência no Plano Brasil Sem Miséria e representa o primeiro passo para que essas famílias possam superar a situação de extrema pobreza, que envolve outras variáveis além da renda. A complementação de renda para esses 2,5 milhões de beneficiários do Bolsa Família terá investimento de R\$ 773 milhões em 2013. O pagamento inicia em março.

Segundo a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, o benefício complementar é um primeiro passo para a superação da miséria. “É só um começo, não vamos nos limitar à miséria monetária. Está em curso a verdadeira reforma: colocar o Estado a serviço de quem mais precisa”, destacou Tereza Campello. Aliado à garantia de renda, o plano também promove ações de inclusão produtiva – como qualificação profissional, assistência técnica e extensão rural e fomento à produção – e de acesso a bens e serviços públicos, em especial nas áreas de saúde, educação, habitação, acesso à água e à energia elétrica.

Busca ativa – Permanece o desafio do governo federal de identificar e incluir no Cadastro Único para Programas Sociais todas as pessoas que vivem na extrema pobreza no Brasil e ainda são invisíveis ao poder público. Para isso, o reforço da estratégia de busca ativa, com o apoio dos estados e municípios, é fundamental. Desde o início do Brasil Sem Miséria, em junho de 2011, 791 mil famílias com este perfil foram localizadas, cadastradas e incluídas no Bolsa Família. Estima-se que ainda haja outras 700 mil fora do cadastro.

Por meio do Cadastro Único, o poder público conhece quem são os brasileiros mais pobres, onde vivem, quais as características de seus domicílios, sua idade, escolaridade etc. Assim, pode incluir essas famílias em programas de transferência de renda e também matricular seus integrantes em cursos profissionalizantes, oferecer-lhes serviços de assistência técnica e extensão rural, dar-lhes acesso a água ou a tarifas reduzidas de energia elétrica, por exemplo. A Tarifa Social de Energia Elétrica, o Minha Casa Minha Vida e o Bolsa Verde são alguns exemplos de ações que utilizam o Cadastro Único como referência para a seleção de beneficiários.

Saiba mais

Em 2011 havia 36 milhões de pessoas no Cadastro Único que estariam na miséria caso sobrevivessem apenas com sua renda familiar. Graças ao Bolsa Família, 14 milhões escapavam dessa condição. Mas ainda restavam 22 milhões de brasileiros que, mesmo recebendo os benefícios do programa, continuavam na extrema pobreza. Medidas tomadas no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria diminuíram esse total para 19 milhões.

Evolução da extrema pobreza entre beneficiários do Bolsa Família

Fonte: Cadastro Único para Programas Sociais e folha de pagamentos do Bolsa Família

Em 2012, com o Brasil Carinhoso, mais 16,4 milhões de pessoas saíram da extrema pobreza. Permaneceram os 2,5 milhões de pessoas que agora superam a miséria, 40% delas na faixa dos 16 aos 25 anos. Assim, totalizamos 22 milhões de beneficiários do Bolsa Família que saíram da extrema pobreza desde o começo do Brasil Sem Miséria.

Ascom/MDS

(61) 2030-1021

www.mds.gov.br/saladeimprensa

No mesmo dia, enviei para o meu próprio e-mail um alerta para a questão ser discutida na reunião seguinte do grupo de reportagens especiais.

De: Aline Custodio

Enviada em: terça-feira, 19 de fevereiro de 2013 18:20

Para: Aline Custodio

Assunto: A linha para a especial

"Os invisíveis aos olhos do Estado" - frase do próprio MDS, em release divulgado hoje com as novidades sobre o programa Brasil Sem Miséria.

Vamos atrás destes invisíveis na Região Metropolitana. Será quase como um censo. Já passei pro Renato Dorneles esta ideia.

Na reunião, os editores e os colegas de grupo aprovaram a pauta. A experiência da rotina diária de percorrer os bairros e vilas mais carentes de Porto Alegre e da Região Metropolitana para produzir reportagens, me levou à hipótese de encontrar os invisíveis nos lugares que identifiquei como extremos, são os bairros e vilas localizados nos limites da Capital com outras cidades da Região Metropolitana. Em Porto Alegre, minha intenção era percorrer os bairros Restinga e Lami, na Zona Extremo-Sul, Agronomia, Lomba do Pinheiro e Partenon, na Zona Leste, Mário Quintana e Rubem Berta, na Zona Norte, Ilhas, Vila Farrapos e Humaitá, na Zona Oeste, entre outros. Na cidade de Alvorada, identifiquei o Umbu, o mais violento dos bairros, e Sítio dos Açudes, o mais afastado da área central. Em Viamão, Canoas, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio, Guaíba, Cachoeirinha e Gravataí faria buscas nas vilas com maiores índices de criminalidade, conforme breve pesquisa no arquivo das notícias publicadas no jornal.

Na pesquisa bibliográfica, Spoholz (2009) reconhece que as hipóteses jornalísticas vêm das informações levantadas na pré-investigação. Elas são suspeitas do que o jornalista quer averiguar e não são testadas como na ciência, mas a partir da confrontação de informações.

Com as cidades mapeadas a partir da minha experiência diária pelas ruas, iniciei os contatos por telefone com lideranças comunitárias das regiões. A maior parte delas já era conhecida de outras reportagens. São as minhas fontes populares que costumo recorrer quando necessito de auxílio sobre determinada região. Minha intenção nas ligações era estreitar laços e ter alguém da própria região para, ao meu lado, percorrê-la quando eu iniciasse o levantamento. Das lideranças comunitárias de diferentes partes de Porto Alegre e de Alvorada que contatei, dez delas me auxiliaram diretamente na busca pelas famílias.

Nas vilas onde eu não tinha fontes populares, busquei indicações nas secretarias municipais de Assistência Social e de Saúde. São secretarias que costumam se reunir com lideranças nas áreas mais carentes das cidades.

Apesar de acreditar na importância da minha experiência de campo para mapear as áreas a serem pesquisadas, naquele momento, mesmo que inconscientemente, eu já

direcionava a reportagem para o que pretendia mostrar nas páginas do jornal. Ao mesmo tempo, tinha a consciência de que não poderia cegar diante de evidência contrária ou ignorar a pluralidade de versões possíveis (PEREIRA JUNIOR, 2010). É o que Pereira Junior (2010) chama de visão plural

Compreendida a limitação genética de toda apuração jornalística (a realidade jamais caberá no ‘apurado’, será sempre o ‘disponível’), o levantamento de informações dependerá do compromisso do repórter com a visão plural de cada fenômeno ocorrido. O que chamo de visão plural dos incidentes noticiáveis é a conjugação de dois fatores, que não podemos ignorar:

- O nível de incerteza – A consciência da fragilidade dos resultados, de como é relativa a validade do que se apurou;
- A necessidade de solidez – A sensibilidade de saber o quanto o destinatário da informação deseja um chão sólido para posicionar-se. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 72 e 73).

Uma semana depois da chegada do e-mail definitivo e dos primeiros contatos telefônicos, iniciei o levantamento para constatar se a minha hipótese era válida. Ela culminaria na grande reportagem Invisíveis.

4.1 A BUSCA PELAS FAMÍLIAS

Disposta a preparar um estudo envolvendo Porto Alegre e outras nove cidades da Região Metropolitana, me organizei para ir sozinha aos locais na primeira semana de levantamento. Como pretendia envolver o fotógrafo na pauta desde o início, me determinei a fotografar com o meu próprio celular imagens de pessoas e regiões que poderiam vir a se tornarem parte da reportagem. Ao final de cada dia, enviaria ao fotógrafo um relato com imagens do trabalho desenvolvido.

Elaborei um questionário com 23 questões a serem respondidas pelas famílias. Elas não precisariam seguir a mesma ordem, mas me determinei a ter respostas para todas elas, seja no primeiro encontro ou no segundo encontro – que aconteceria com as famílias pré-selecionadas para as fotos e gravações em vídeo. Abaixo, as questões anotadas no meu diário pessoal:

“Primeiro, identificar qual é a vila e qual é o bairro. Depois, perguntar: há quantos anos moram no local? Moram de aluguel ou é casa própria? A casa é de madeira ou de alvenaria? A casa tem quantas peças? A rua é asfaltada? Quantos moram na casa? A casa tem banheiro? A casa tem água e energia elétrica regularizadas? Qual é a renda mensal de toda a família? Quantos trabalham na casa? Qual é o grau de escolaridade do pai e da mãe?

Qual a profissão dos pais? Os filhos menores estão na creche ou na escola? Ganham Bolsa Família? Qual o valor? Há quantos anos ganham o Bolsa Família? Até que dia, geralmente, dura o dinheiro em casa? Usam cartão de crédito, cheque ou compram fiado durante o mês? Fazem um único rancho no início do mês? Quanto gastam, aproximadamente, com comida durante o mês? A família tem alguma atividade de lazer durante o mês? Qual? Se precisa de assistência médica, onde a família busca ajuda?”

Anotações pessoais,

25/02/2013

4.1.1 Dia 1 - Família 1

Minha primeira saída de campo ocorreu em 26 de fevereiro de 2013 e, junto com o motorista, percorri 110km⁶ naquele dia. Escolhi ir aos bairros Restinga, na Capital gaúcha, e Umbu e Sítio dos Açudes, em Alvorada. Em ambos, fiz um contato prévio com as lideranças questionando a existência de famílias que poderiam estar abaixo da linha da extrema pobreza.

Quando cheguei ao Bairro Restinga, uma líder comunitária que é minha fonte na região já tinha selecionado famílias que poderiam se encaixar no perfil que eu procurava. Com ela, visitei quatro famílias e ainda batemos na porta de outras seis famílias que encontramos pelo caminho. Ao lado da líder, a minha aproximação tornou-se mais fácil.

Das famílias com as quais conversei ao longo do dia, uma em especial é destacada na caderneta de anotações, no diário pessoal e no relatório enviado por e-mail aos editores e ao fotógrafo. Entre os depoimentos anotados naquela data, um ganha três páginas: o de Adão, identificado desta forma na primeira página dedicada a ele. O homem e a família moram no Bairro Restinga, o que reforça a minha hipótese de encontrar invisíveis naquela região.

No diário pessoal daquele dia destaquei como me aproximei de Adão e da família

“Guardei o bloco na bolsa, escondi a caneta na calça. Desci do carro ao lado da líder comunitária e me aproximei de Adão. Apertamos as mãos. Dei um sorriso para tentar quebrar o gelo do momento. De longe, os filhos menores e a mãe me observavam. Expliquei qual era a ideia da reportagem, sempre apoiada pela líder. Depois de uns 20 minutos de conversa sobre plantações, cavalos e o terreno da família, as crianças se aproximaram e Adão começou a sorrir. O bloco mesmo só peguei depois de duas horas. E anotei apenas os

⁶ Nos dez primeiros dias de saídas a campo, a repórter anotou diariamente a quilometragem. A intenção era usar esta informação na reportagem. E ela foi usada.

A segunda página mostra informações sobre o próprio Adão. Anoto que ele não sabe ler, mas reconhece o alfabeto. Destaco o nome completo de Adão e da mulher dele, a origem de ambos, e, duas vezes, a quantidade de anos de casamento.

Transcrição

Não sabia ler

letra solta

letras miudinha

21 anos de casado

Adão de Jesus César de César (há uma linha que conecta à frase seguinte)

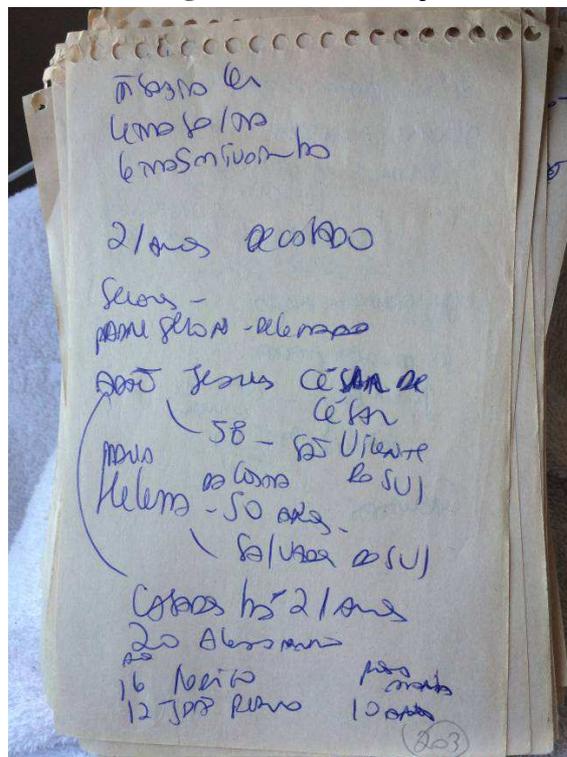
58, São Vicente do Sul

Maria Helena da Costa, 50 anos (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Salvador do Sul

Casados há 21 anos

Imagem 9 – Transcrição



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

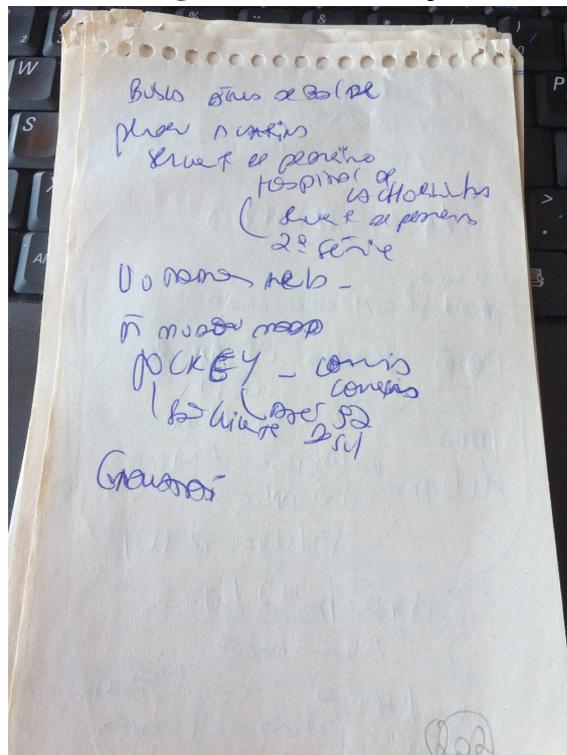
Na terceira página da caderneta identifico que eles não têm água potável, a profissão anterior de Adão e uma frase solta sobre política, na qual indico que ambos falaram que

votaram em Dilma Rousseff, mas que nada mudou. Apesar de neste primeiro contato não ter anotado sobre a questão do Bolsa Família, a frase “votamos nela – não mudou nada” refere-se à presidente. O tema foi abordado com eles.

Transcrição

Busca água de balde
perdeu a carteira
servente de pedreiro Hospital de Cachoeirinha (há uma linha que conecta à frase seguinte)
2ª série
votamos nela –
não mudou nada
Jockey (há uma linha que conecta à frase seguinte) – corria carreira até 92
São Vicente do Sul
Gravataí

Imagem 10 – Transcrição



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

Este foi apenas o primeiro contato com a família de Adão. Retornei mais duas vezes a casa dele antes da publicação da reportagem.

O relatório, que chamarei de Dia 1, enviado aos editores ajuda a confirmar que Adão poderia fazer parte da reportagem. Nele, indico que a família não ganha o Bolsa Família, vive apenas com R\$ 60 mensais, suponho que eles podem ter problemas mentais causados pela fome e a desnutrição. Na mesma data, enviei outro e-mail com a foto da família de Adão. Não recebi retorno dos cinco que estavam endereçados nos e-mails.

Em outra parte do relatório, destaco a impossibilidade de fazer um levantamento nas cidades mapeadas por conta dos prazos estabelecidos. Já indico o contato inicial com a prefeitura de Porto Alegre e que, a partir da resposta do órgão oficial, a reportagem pode se sustentar apenas com informações da capital gaúcha.

No Dia 1 duas práticas ainda comuns entre os repórteres do Diário Gaúcho são identificadas: ir à rua para confirmar se, de fato, a reportagem sugerida faz sentido, e não se importar com a distância a ser percorrida e o horário de retorno à redação.

De: Aline Custodio <aline.custodio@diariogaucha.com.br>

Data: 26 de fevereiro de 2013 18:08:33 BRT

Para: Renato Dorneles <renato.dorneles@diariogaucha.com.br>, Andre Feltes <andre.feltes@diariogaucha.com.br>, Mateus Bruxel <mateus.bruxel@diariogaucha.com.br>, Claiton Magalhaes <claiton.magalhaes@diariogaucha.com.br>, Felipe Bortolanza <felipe.bortolanza@diariogaucha.com.br>

Assunto: Sobre a pauta dos Invisíveis - dia 1

Caros,

*Hoje, estive no Bairro Restinga e nos bairros Umbu e Sítio dos Açudes, em Alvorada. Conversei com sete líderes comunitários diferentes. Também falei com as Mulheres da Paz de Alvorada (aliás, elas são uma boa pauta para Geral). Saímos da redação direto para a Zona Sul de Porto Alegre. Não tínhamos uma história definida. Foi preciso descer do carro e caminhar por mais de três horas, sob sol forte, batendo de porta em porta. A maioria não se encaixou no que procurávamos, mas continuei. De lá, cruzamos direto para Alvorada. Fizemos 110km no primeiro dia. Foi um bom começo, pois voltei com a primeira história. Na Restinga, encontrei o primeiro bom case: **A família do seu Adão, de 58 anos, da Chácara do Banco.***

Ele mora há dez anos no que deveria ser um sítio. Na verdade, é uma casa de tapera que deveria ser apenas um estábulo. O espaço ele divide com a mulher Helena, de 50, com quem é casado há 21 anos, os filhos, Alessandro, 20, Rodrigo, 16, João Pedro, 12, e Rosa Maria, 10 anos, e um cavalo e um pônei. Por culpa da desnutrição, os filhos parecem menores.

O cavalo e o pônei são de um fazendeiro que paga R\$ 60 por mês para o seu Adão cuidar dos animais. O lugar onde eles dormem é mais limpo que o espaço dividido pela família. O problema é que o dono dos bichos não aparece há meses e, para os bichos não morrerem de fome, o seu Adão precisa cortar capim diariamente.

Ah! Os R\$ 60 são toda a renda mensal da família. As crianças e a mulher me pareceram com problemas mentais. Talvez, causados pela fome e pela desnutrição. A mulher voltou a

estudar este ano pq quer aprender a ler. As crianças jamais passaram de ano. A família não ganha bolsa família. O filho de 20 anos conta, orgulhoso, que às vezes ganha R\$ 20 para cuidar de uns bichos na fazenda de outro morador da Zona Sul.

Em Alvorada, conheci o Sítio dos Açudes, que é um bairro não-oficial encravado no que foi a última área rural da cidade. Hj, é zona urbana, mas continua sem nenhuma assistência. Lá, conheci a dona Pombinha, uma espécie de líder comunitária. Ela me garante que há famílias na extrema miséria lá. Vi que muitas casas têm patente, pois não há rede de água no local. Também não há linha telefônica e a luz é de gato.

Fiquei de voltar no bairro na próxima semana para fotografarmos e gravarmos com famílias. Mas vai depender do que encontrarmos.

No Umbu, achei uma outra vila não-oficial que se formou embaixo das antenas de alta-tensão. Ela já existe há anos, e acho que o DG já fez matérias. Porém, cresceu absurdamente nos últimos dois anos. E são só barracos mesmo. Sem banheiro, sem luz. E repleto de crianças. Uma zona complicada. Lá, já tenho outro contato, refeito hoje. Vou negociar histórias naquela região.

*Nesta quarta-feira, voltarei para a região Sul de Porto Alegre. **Acho que a pauta pode virar no seguinte sentido:** apesar de a prefeitura dizer que POA não tem lugares com extrema pobreza (eles me confirmaram isso por telefone com base no censo do IBGE), a **miséria invisível** está na nossa porta. E isso que eu nem fui para as bandas do Mário Quintana e do Timbaúva e de toda a Zona Norte da cidade. **Daqui a pouco, nossa pauta poderá ficar só em PoA.** Não sei, amanhã digo a vocês o que mais vou encontrar na Zona Sul.*

Uma coisa é certa: o cronograma de encontrar histórias (todas) nesta semana para fotografá-las e filmá-las na próxima semana ficará impossível. Se possível, precisamos nos reunir nesta sexta à tarde para discutirmos a questão.

Vou enviar num outro email a foto do seu Adão para vcs terem uma ideia de onde eles moram.

Até amanhã.

4.1.2 Dia 2 – Famílias 2 e 3

A segunda saída ocorreu em 27 de fevereiro de 2013, e foram 73 quilômetros rodados. Como destacado no relato anterior, o levantamento continuou no Bairro Restinga, mas em outra parte do bairro e ao lado de outra líder comunitária.

Entre 15 famílias entrevistadas, localizei uma à espera do benefício do Governo Federal. Pela descrição no Dia 2, como identificarei o relatório desta data, Núbia e a família não tinham renda fixa e dependiam de ajuda de parentes.

O outro caso destacado como ainda não sendo válido para a reportagem é o de Vanessa, que recebia Bolsa Família. Pelo Dia 2, eu ainda estava em dúvida se a história da moradora da Vila Chácara dos Pinheiros poderia ser incluída. Descrevo em detalhes a casa de Vanessa, pois foi o que me despertou a atenção em toda a situação. Neste caso, deixei claro que ela estava fora do proposto inicialmente na pauta. Porém, era um caso que merecia

atenção, ou “continuação”. A palavra que usei pretendia induzir ou motivar os editores a pensarem numa grande reportagem sobre o tema.

Na última frase do Dia 2, eu já demonstrava que a pauta seria direcionada para um levantamento de Porto Alegre. Os copiados no e-mail não me deram retorno.

De: Aline Custodio

Enviada em: quarta-feira, 27 de fevereiro de 2013 17:53

Para: Renato Dorneles; Andre Feltes; Mateus Bruxel; Felipe Bortolanza; Luciane Bemfica; Claiton Magalhães

Assunto: Sobre a pauta dos Invisíveis - dia 2

Caros,

*hoje, voltei para a Restinga e **investi nas subvilas que existem dentro das vilas que existem dentro do bairro**. Sim, só isso já seria uma pauta (e me candidato a fazê-la, se for o caso).*

*Na Chácara dos Pinheiros, dentro da 5ª Unidade, os moradores não tem água, luz e banheiros. Encontrei Maiara Meireles Borges, 23 anos, **mãe de uma menina de 1 ano e 8 meses que não tem certidão de nascimento**. Por isso, ela não ganha Bolsa Família. A justificativa para a criança não ter o documento é pq a mãe não tem identidade (perdeu). Ela ainda tem uma filha de 6 anos e não tem renda fixa. Quando dá, faz bicos muito esporádicos para os vizinhos (como carregar água de balde para os vizinhos velhinhos ou uma faxina que vale R\$ 10/20). O ex-marido ajuda com o gás e alimentos para a filha menor. Ela não trabalha pq não conseguiu creche para o bebê. A filha de seis anos começou a estudar hj e não tinha material escolar.*

Teve uma outra situação que não sei se encaixa na matéria, mas a história pode ser uma continuação. Vanessa, de 30 anos, tem problemas de audição e, há pouco, descobriu que está com Parkinson (adiantado, por sinal). Mora sozinha com duas crianças, de seis anos e de dois. A casa deles é apenas uma peça de aglomerado, que está se desmanchando a cada nova chuva, sem piso e janelas. Ela não pode trabalhar e não consegue se aposentar. Então, vive dos R\$ 200 que recebe do bolsa família. O banheiro é uma lata usada pelos três. Os restos são jogados no pátio. Ok! Ela recebe o Bolsa Família, mas só isso dará uma vida digna para uma família que vive nestas condições? Podemos discutir este caso. Acho que esta pode ser uma das matérias - esta mulher não entra nos miseráveis pq ganha R\$ 200 mensais. Mas o bolsa família serve apenas como complemento, como begala ou tábuas de salvação para famílias como a dela?

No Elo Perdido, também dentro da 5ª Unidade, também sem água e banheiro (luz é gato), encontrei Núbia e os 4 filhos (6 meses, 3 anos, cinco e oito anos). Ela espera pelo bolsa família há meses. Disse que recebeu o cartão, mas não tem dinheiro no banco. O marido é servente de pedreiro e, nem sempre, consegue trabalho. Não tem renda fixa. A ajuda vem dos irmãos dela e da mãe. A filha mais velha iria para a escola ontem sem material escolar. Tadinha, estava triste. A avó compraria parte do material dela qdo receber.

Ainda estive na Vila Pedroso, que fica dentro da Vila Castelo, mas encontrei alguns casos problemáticos de pessoas que deixaram de receber o Bolsa Família, mas não sabem o motivo. Acho que não cabe para a esta matéria. O mesmo ocorreu no Loteamento Camilo. Anotei nomes e telefones para possíveis pautas.

Nesta quinta, ficarei com a Polícia. Na sexta, quero ir na Zona Norte. Ainda não tenho fontes, mas preciso ir para vilas como Asa Branca, Nazaré, Timbaúva e o complexo da Mário

Quintana. Nas Zonas Leste e Oeste temos toda a Lomba do Pinheiro, Maria Conceição, Morro da Cruz, entorno da Arena e Ilhas. Ou seja, este levantamento vai longe.

Reforço: se mapearmos bem Porto Alegre, acho que a pauta pode ser apenas na Capital.

Nas quatro páginas da caderneta de anotações usadas para destacar as duas famílias que poderiam fazer parte da reportagem, escrevo detalhes que poderão ser úteis para os textos. Como na página abaixo, a primeira, onde vinculo a quantidade de famílias moradoras da Chácara dos Pinheiros com o uso do único poço de água que os abastece.

Transcrição

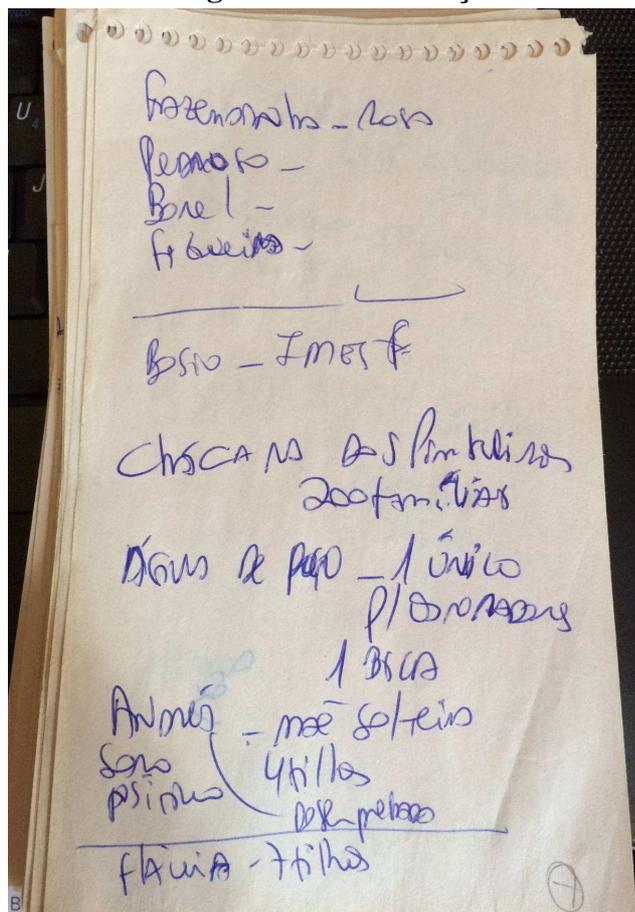
Chácara dos Pinheiros

200 famílias

Água de poço – 1 único p/ os moradores

1 bica

Imagem 11 – Transcrição



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

Em outra página, dedicada a Vanessa, assim como no Dia 2, destaco a situação da moradia dela e dos dois filhos. A descrição que fiz naquele trecho tornava Vanessa uma das prováveis histórias a serem utilizadas na reportagem, mesmo ainda sem definir como ela seria incluída.

Transcrição

Não tem janela

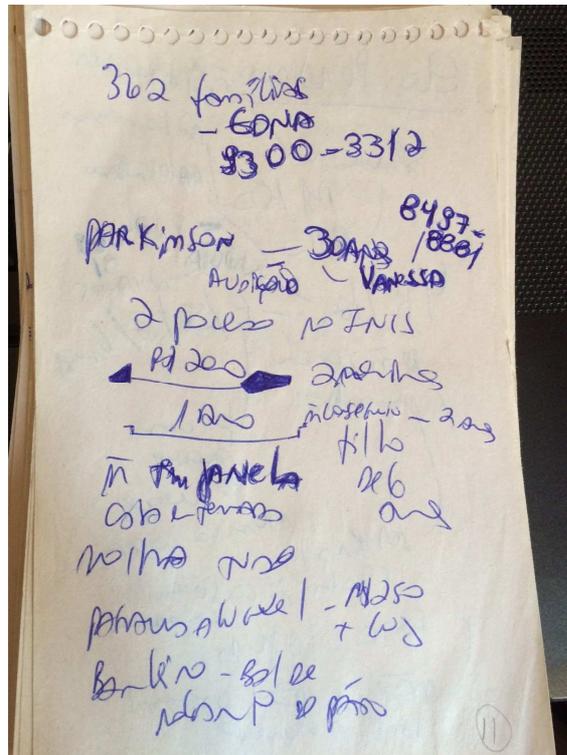
Casa enterrada

Molha tudo

Pagava Aluguel – R\$ 250 + luz

Banheiro – Balde no canto do pátio

Imagem 12 – Transcrição



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

Nas primeiras escritas sobre Núbia, anoto apenas o necessário para constatar que ela seria uma das famílias entrevistadas para a reportagem. São frases e palavras soltas que juntas formam o argumento necessário.

Transcrição

Elo Perdido

Servente (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Não tem bolsa família

Banho na rua (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Baldinho

Núbia (há uma linha que conecta à frase seguinte)

4 filhos (há uma linha que conecta à frase seguinte)

8/5/3/6 meses (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Foi um monte de vezes

Nunca conseguiu

Mora há (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Material escolar não conseguiu comprar

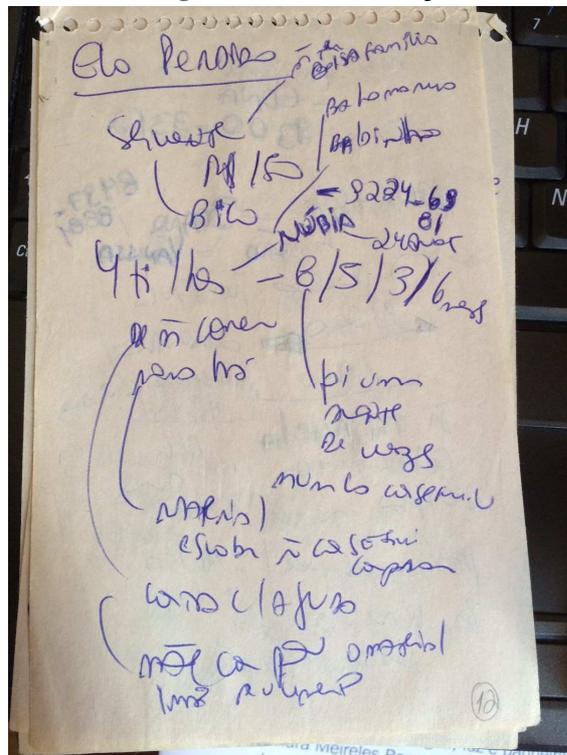
De não comer (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Conta com a ajuda (há uma linha que conecta à frase seguinte)

Mãe comprou o material

Irmão deu cimento

Imagem 13 - Transcrição



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

4.1.3 Dia 3 – Família 4

No Dia 3, como identificarei o terceiro relatório, destaquei aos editores as diferenças entre as ilhas de Porto Alegre visitadas na data e apresentei o motivo para que as atenções fossem dadas à Ilha do Pavão. Para me aproximar dos moradores da Ilha do Pavão, onde eu não conhecia lideranças comunitárias, visitei o único bar que existe na ilha, o Bar da Lola, logo na entrada da comunidade e às margens da BR-290. Ali, me apresentei ao proprietário, expliquei o motivo da minha visita e pedi a indicação de uma liderança. Para minha sorte, a líder era a esposa dele, a própria Lola. Disposta a me ajudar, Lola logo apresentou duas vizinhas que passavam por situação difícil. Ambas foram destacadas no Dia 3.

Mesmo não tendo encontrado famílias sem o Bolsa Família, comentei duas das entrevistas feitas e reforço a ideia de uma continuidade da reportagem, justificando o motivo.

De: Aline Custodio

Enviada em: terça-feira, 5 de março de 2013 19:00

Para: Renato Dorneles; Andre Feltes; Mateus Bruxel; Felipe Bortolanza; Luciane Bemfica; Claiton Magalhães

Assunto: Sobre a pauta dos Invisíveis - dia 3

5/3/2013 - 87km

Hoje, percorri as ilhas de Porto Alegre. Encontrei, pelo menos, outras quatro pautas para a Geral e mais histórias para a especial.

A Ilha Grande dos Marinheiros me mostrou o outro lado do Bolsa Família e destes programas implantados pelos governos. A realidade por lá está melhor. Mulheres estão trabalhando fora, crianças estão na escola, uma fábrica de barcos se instalou no lugar e dá emprego aos moradores. O Bolsa Família se tornou parte da renda familiar e deu o empurrão que faltava para a realidade ser transformada.

Ilha das Flores e Ilha da Pintada também já não são lugares considerados miseráveis. Viver lá já não é motivo de vergonha para os moradores.

A situação crítica está na Ilha do Pavão. Há famílias na miséria ainda, histórias de gente que vive apenas da reciclagem e não tem renda fixa. Outras famílias onde ninguém trabalha (marido teve problemas com a Justiça e não consegue emprego e mulher vive do lixo). Só poderemos percorrer as vielas de lá com as lideranças do nosso lado. Isso já foi agendado com elas.

Mas há aquelas que sobrevivem apenas do Bolsa Família: Fabiana, 32 anos, viúva, com 8 filhos e um neto de 5 meses. A casa onde morava caiu. Hj, ela vive com todos eles numa única peça, daquelas "casinhas para cachorro" que o Demhab constrói quando uma maloca pega fogo na vila. Não tem luz nem água. Pelo menos, finalmente, ela fez laqueadura.

Tem, também, a Eliane, de 35 anos. Ela tem 10 filhos e dois netos. Dois filhos (16 e 19 anos) estão na Fase, outros dois estão com os avós, uma de 15 anos foi para a casa de parentes (foi estuprada qdo menina e está escondida pq o estuprador sairá da cadeia). Com Eliane moram a filha de 19 com os dois filhos (de 2 anos e de 3 meses), e os de 4, 7, 11 e 17 anos. A filha não conseguiu Bolsa Família para as crianças dela (tem o cartão há um ano, mas jamais recebeu o valor). Ela e a mãe, ambas domésticas, estão desempregadas. A única renda é R\$ 134 do Bolsa.

Ok! Elas ganham acima de R\$ 70, mas isso não significa que ganharam alguma dignidade. Continuam patinando na vida, sem crescimento algum. Acho que isso pode ser continuidade da pauta (uma suíte, talvez).

Meta é ir para as zonas Norte e Leste nesta semana.

Na caderneta de anotações da data, a família de Fabiana ganha uma confusa página repleta de dados conectados. Pela quantidade de informação colocada ali, percebo a importância do relatório feito posteriormente para ordenar a escrita e o pensamento.

Transcrição

32 anos

1 peça

emergência do demhab (há uma linha que conecta à frase seguinte)

3 anos

32 anos

Fabiana Nunes da Silva

estudou até a 5ª série

R\$ 230

pensão 2 filhos R\$ 200

mora desde 2007

fez ligadura

400 de bolsa (há uma linha que conecta à linha seguinte)

Dionathan

Guri + 16 anos Ezequiel (há uma linha que conecta à linha seguinte)

até a 5ª série

Guria de 14 anos (há uma linha que conecta à linha seguinte)

Dienifer 4ª série

Guri 13 ((há uma linha que conecta à linha seguinte)

5º

Guri 11 (há uma linha que conecta à linha seguinte)

Alexander

Guri 6 Gabriel

Guri 4 Daniel

Guri 1 ano (há uma linha que conecta ao nome Alejandro)

neto 6 meses Miguel (há uma linha que conecta à linha seguinte)

30 dias (há uma linha que conecta ao nome Mateus – o filho)

O desafio do repórter (no cenário complexo, tentacular, da desordenada torrente de acontecimentos que forma a vida contemporânea) é encontrar evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incerteza. O jornalista, por princípio, não é só testemunha daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador das camadas verificáveis da realidade – não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 71).

4.1.4 As Outras Três Famílias

Os relatórios referentes aos dias de localização das três famílias que completam as sete selecionadas se perderam ao longo dos meses e não fazem parte do corpus desta pesquisa. Cabe ressaltar que as três foram identificadas em diferentes situações.

A família de Marco Antônio, residente na Ilha do Pavão, foi entrevistada na mesma data agendada para entrevistar e fotografar Fabiana e a família. Foi a líder comunitária da região quem indicou a família. Após uma conversa de dez minutos, optou-se por incluí-los na reportagem.

As famílias de Vanessa, da Vila Maria da Conceição, e de Thamires, do Bairro Mario Quintana, foram incluídas por indicação das próprias lideranças dos bairros. Em ambos os casos, houve uma conversa com elas por telefone para agendar a entrevista com fotos e filmagem para o webdocumentário.

4.2 O BOTEÇO DECISIVO

Pinto (2009, p. 157) diz que “jornalismo é trabalho de equipe. Quanto mais quente e complexa uma cobertura, mais importante será a interação entre os jornalistas”. Esta conexão entre a equipe era o que faltava para que a reportagem *Invisíveis* tivesse continuidade. Estávamos na segunda semana desde o início do levantamento. Até aquele momento, eu já havia pré-selecionado quatro famílias cujas histórias poderiam fazer parte da reportagem e pesquisado números⁷ oficiais que se contradiziam.

Ainda me questionava, porém, sobre como iniciáramos a reportagem e o que era mais importante ser destacado. A partir do feedback do editor do grupo, eu aprofundaria a apuração com entrevistas de especialistas que confirmassem a parte da realidade que pretendíamos publicar na reportagem, pesquisas de novos números e início das entrevistas com fotos e gravações.

⁷ O Censo 2010 do IBGE informava que 1% da população de Porto Alegre vivia com menos de R\$ 70 mensais. A Prefeitura da cidade garantia que não havia famílias nesta situação.

Em meio à rotina jornalística diária da redação era impossível pararmos duas horas para definirmos o caminho a seguir. Foi necessária uma reunião num bar próximo à redação, após o expediente de trabalho, para que conseguíssemos dar prosseguimento à pauta. Claiton Magalhães ouviu meu relato, viu as fotos e, de imediato, me lançou dois questionamentos: O que é miséria? Está correto chamarmos estas famílias de miseráveis?

Para o editor era necessário que eu compreendesse o sentido de miséria antes de seguir na reportagem. Pelo dicionário Michaelis⁸ miséria teria sinônimo de pobreza extrema, já pobreza refere-se estritamente à questão financeira. O editor acreditava que a palavra miséria poderia ser ofensiva aos leitores e às famílias que teriam suas histórias reveladas na reportagem. A justificativa dele, até ali, baseava-se apenas no senso comum. Para Benedeti (2009, p. 60), o relato jornalístico é similar ao senso comum, mas é sempre uma elaboração intelectual, uma construção mental não-espontânea.

O jornalismo depende dessa sintonia com a sociedade proporcionada pelo senso comum, tanto para que possa com ele comunicar-se (a comunicação exige o estabelecimento de um código comum e de noções compartilhadas sobre o mundo) quanto para que seja capaz de dizer algo sobre os fatos que se apresentam no cotidiano, mesmo sem conhecê-los por completo. (BENEDETI, 2009, p. 60).

Determinada a procurar o sentido da palavra miséria, agendei uma entrevista por telefone com o sociólogo Aloisio Ruscheinsky⁹, pesquisador que analisara as políticas sociais orientadas para a superação da pobreza na América Latina. Foi ele quem me alertou para a

⁸ mi.sé.ria

sf (*lat miseria*) **1** Estado de miserável. **2** Falta de recursos, penúria, pobreza extrema. **3** Estado indecoroso, indigno, vergonhoso. **4** Coisa que inspira lástima. **5** Avareza, economia sórdida, mesquinhez. **6** Porção diminuta de qualquer coisa; bagatela, insignificância. **7** Imperfeição inerente a tudo quanto é obra humana. **8** Ação ou procedimento vil. **9** Pessoas miseráveis. *sf pl* Desastres, desgraças, falta do necessário à vida, infortúnios. *Antôn* (acepção 2): *riqueza, prosperidade, abundância*. *M. do tempo*: mau estado do tempo, mau estado dos negócios. *M. dos tempos*: o mesmo que *miséria do tempo*. *Chorar suas misérias*: lamentar sua triste vida. *Fazer miséria, gír*: praticar atos extraordinários. *Em petição de miséria*: estragado, danificado, imprestável.

pobreza
po.bre.za

sf (*pobre+eza*) **1** Estado ou qualidade de pobre. **2** Estreiteza de posses, de haveres; falta de recursos, escassez. **3** *Sociol* Situação em que o nível de vida do indivíduo ou da família se acha abaixo do nível médio da comunidade tomada como referência. **4** Indigência, miséria, penúria. **5** Os pobres. *P. de espírito ou p. das faculdades*: escassez de inteligência. *P. de língua*: insuficiência de termos para exprimir adequadamente os pensamentos, numa língua. *P. de sangue*: sangue pobre; anemia. *P. evangélica*: renúncia voluntária aos bens materiais ou temporais. *P. franciscana*: pobreza extrema; miséria, penúria.

⁹ Possui graduação em Ciências Sociais e em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1978), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente é professor titular do PPG Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade e ambiente: Atores, conflitos e políticas ambientais. Tem experiência de pesquisa na área de Sociologia, com ênfase em Meio Ambiente, políticas públicas e conflitos socioambientais, atuando principalmente nos seguintes temas: atores sociais, meio ambiente, desigualdades, conflito social e sustentabilidade.

diferença entre os termos miséria e pobreza na Sociologia. Em trechos de duas páginas da caderneta de anotações, as palavras do sociólogo escritas de forma solta mostram a diferença. Para ele, miséria pode ser de intelecto, financeira ou de sentimentos. A pobreza refere-se sempre à questão material.

Transcrição da página 1

Miséria não é termo usual na sociologia

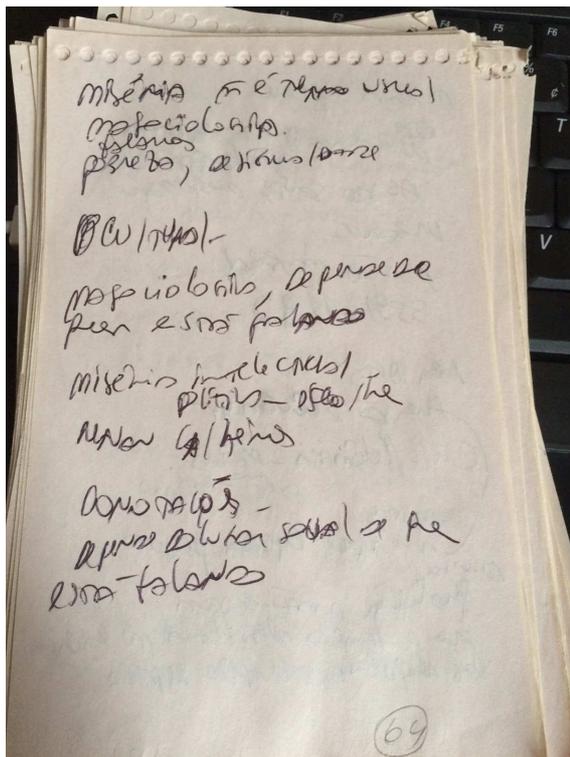
falamos pobreza, desigualdade”

Cultural

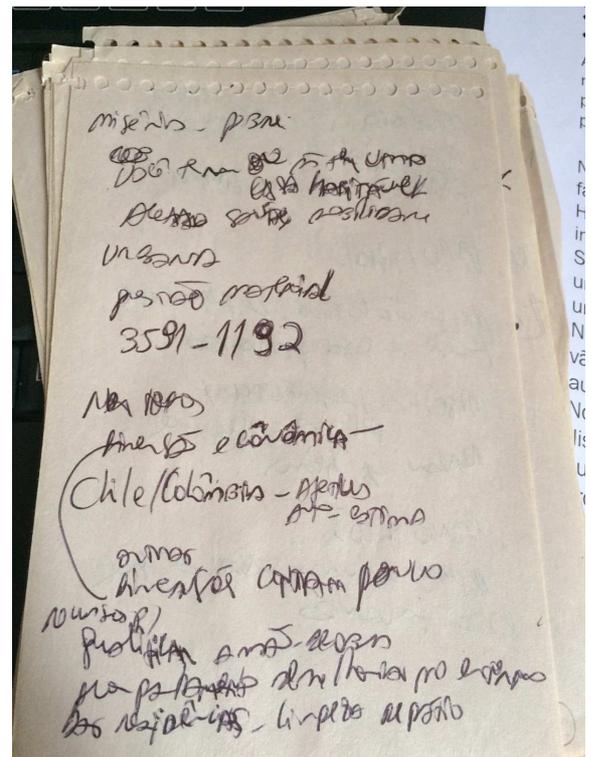
na sociologia, depende de quem está falando

Miséria intelectual

Imagem 15 - Transcrição



Página 1



Página 2

Fonte: Registrada por Aline Custódio (2014).

Transcrição da página 2

miséria – pobre

você tem ou não tem uma casa habitável

acesso saúde, mobilidade urbana
 questão material

Após a entrevista com o sociólogo, parti para a área da Economia. Coloquei as palavras pobreza e Porto Alegre no site de busca Google. Um dos primeiros links me reportou ao relatório sobre indicadores de pobreza extrema em Porto Alegre, produzido em 2007 por pesquisadores da Ufrgs e da Pucrs. Foi o caminho que me levou a conhecer o professor da Ufrgs e especialista em Economia da Pobreza, Flávio Comim. Com conhecimento sobre o tema, o professor acabou tornando-se uma fonte fundamental para a produção da reportagem. O especialista ou técnico está entre os quatro tipos de fontes que Pinto (2009, p. 181) considera como “patrimônios de um jornalista”. Além de profundo conhecedor do assunto pobreza em Porto Alegre, Flávio me indicou um psicólogo especialista em psicologia social para falar sobre a vergonha da pobreza e esclareceu minhas dúvidas sobre termos que seriam usados na reportagem.

No relatório abaixo, enviado por e-mail aos interessados na reportagem, destaco os principais apontamentos feitos pelos especialistas. Não há data neste e-mail, pois o guardei num arquivo pessoal dentro do computador que uso na Redação do Diário Gaúcho:

Caros,
Hoje, consegui duas boas entrevistas por telefone. A primeira foi com o Flávio Comim, professor de Economia da Pobreza na UFRGS. De primeira, ele já disse que o conceito de pobreza é defeituoso e incompleto quando vinculado apenas à renda de uma família. "O que interessa são as realizações que as pessoas têm com este dinheiro", acrescentou. Ele também bateu no programa Brasil Sem Miséria, afirmando que é apenas uma continuidade do Fome Zero, sem nenhuma nova política pública. Mas o melhor ele deixou pro final: disse que, finalmente, algum veículo está preocupando de verdade com a miséria em Porto Alegre. Comentou que já deu muita entrevista sobre pobreza para outros veículos de todo o Brasil, mas sempre falam da miséria no interior ou no Nordeste.
Ele ficou, realmente, interessado na matéria e que quer falar comigo pessoalmente nesta sexta-feira. Comentou que pensa em fazer a experiência de sobreviver com R\$ 2,33 por dia (o que equivale a R\$ 70 mensais). Acha que com a nossa matéria, chegou o momento certo para ele virar cobaia.
Amanhã, vou conversar com ele pessoalmente. Já pensei em gravar o depoimento dele para o futuro webdoc da matéria. Irei às 16h.

Também conversei com Aloisio Ruscheinsky, sociólogo, professor e pesquisador na Unisinos no projeto que analisou as políticas sociais orientadas para a superação da pobreza na América Latina. Ele também é contra a forma como é feito o programa de distribuição de renda do governo brasileiro, baseado somente na questão econômica. O professor cita Chile e Colômbia, países com programas de renda, que se preocupam com a autoestima dos contemplados pelos programas sociais.

- Não se pode pensar apenas na questão econômica, é preciso vislumbrar a questão da autoestima das famílias e qualificar a mão de obra dos contemplados. Eles não podem ficar apenas se submetendo aos "troquinhos" - afirmou.

Além dos relatos às chefias, enviados por e-mail, e das anotações na minha caderneta, fiz apontamentos a partir das entrevistas e os escrevi também num arquivo pessoal dentro do computador de trabalho:

Professor Flávio Comim, professor de Economia da Pobreza na Ufrgs

O conceito de pobreza enquanto ciência de renda é defeituoso e incompleto. As teorias de desenvolvimento humano já diziam isso. O que interessa são as realizações que as pessoas têm com este dinheiro.

Há dois anos, estive numa área de invasão do Bairro Restinga e encontrei duas famílias vizinhas. Uma delas tinha renda de R\$ 700 e as crianças estavam muito doentes. Na outra casa, a família ganhava R\$ 200 e as crianças eram saudáveis. A diferença é que na casa da família que ganhava mais, a mãe só tinha feito o primeiro ano. Enquanto que na outra família, a mãe tinha estudado até a sétima série. Consequentemente, tinha mais conhecimento e era mais instruída.

Ou seja, a educação é uma das bases para tirar alguém da miséria. Não significa que uma família com uma quantidade de dinheiro terá um bem-estar social. Não vai. Dependerá do grau de educação das pessoas, da estrutura pública. Ter renda é um indicador imperfeito de bem-estar.

O Brasil Sem Miséria é uma continuidade do Fome Zero, mas tem uma função eleitoral. Faz parte do Bolsa Família, não tem política pública nova.

Esta linha monetária imperfeita.

Antes, o governo afirmava que para uma família ser pobre deveria receber 1/2 de salário mínimo por pessoa, dava R\$ 140 por pessoa.

Agora, foi reduzido pela metade do valor por pessoa.

Ipea justifica com base, que não é custo-benefício. A tal linha não tem uma fundamentação. É uma linha político-administrativa.

Crítérios clássicos do Ipea

Pobreza Absoluta - tem cesta básica e necessidades nutricionais.

Pobreza Relativa - padrão de vida de uma determinada sociedade pode ser, pode fazer coisas.

Aloisio Ruscheinsky, sociólogo, professor e pesquisador na Unisinos no projeto que pretendia analisar as políticas sociais orientadas para a superação da pobreza na América Latina.

Não usamos o termo miséria na Sociologia. Preferimos falar pobreza, desigualdade social...

Há vários tipos de miséria, desde a econômica até a intelectual. Depende de quem está falando.

Se falarmos na questão econômica, até se você tem uma casa habitável, acesso a saúde e mobilidade urbana.

No Chile e na Colômbia, os programas de distribuição vão além da questão financeira.

Procuram melhorar a autoestima de quem depende do programa.

No Brasil, é preciso sair da dimensão econômica e distribuir estes recursos para outras dimensões, como qualificar a mão-de-obra daqueles que usam o programa, acompanhar

melhorias no entorno das casas (como a limpeza dos pátios). No Chile, por exemplo, o programa contempla um conjunto de melhorias gerais, visando também o lado da assistência social e trabalhando a autoestima da família. Na Colômbia, há reuniões mensais só com as mulheres que recebem auxílio do governo. O objetivo é trocar ideias de como elas podem qualificar o seu espaço.

Não se pode pensar apenas na questão econômica, é preciso vislumbrar a questão da autoestima das famílias. Elas não podem ficar apenas se submetendo aos "troquinhos".

Os questionamentos feitos pelo meu editor na mesa do bar me levaram a dois especialistas no tema que ajudaram a ampliar a visão sobre a reportagem: não falaríamos apenas de quem não recebia o Bolsa Família, mas dos que ainda sofriam com a pobreza extrema em Porto Alegre, independente de serem ou não beneficiários do programa do Governo Federal.

4.3 NA RUA

Definido o caminho da reportagem, repórter e fotógrafo começaram a segunda etapa com as famílias que já tinham sido visitadas. Eu faria mais uma vez todas as questões, em frente à câmera, e Mateus fotografaria as famílias e o ambiente onde elas se encontravam.

A primeira a ser novamente visitada era a de Adão. No dia anterior, os avisei que retornaria na manhã seguinte. Mateus e eu acreditávamos que a família que vivia com apenas R\$ 60 de renda mensal poderia ser a nossa principal história a ser contada em texto e fotos.

O relato a seguir, faz parte do meu diário pessoal e mostra como foi esta interação até conquistarmos a confiança da família.

“Chegamos cedo, pois a intenção era ficar o dia inteiro acompanhando a lida do Seu Adão e da família. Sabíamos que ali teríamos “a história” da reportagem. O curioso foi vê-los com as melhores roupas e de banho tomado. Seu Adão fez questão de dizer que tinha colocado a melhor camisa, recebida numa doação. Estava ainda de calça jeans e tênis. Olhei para o Mateus e percebi que ele não estava à vontade com a situação, assim como eu. Queríamos a vida real deles e não a faz de conta. No início, fiquei sem bloco e o Mateus sem a câmera. A ideia era deixar a família tranquila no seu habitat natural, explicando o que queríamos. Ficamos a manhã conversando, ouvindo as histórias, gravando alguns depoimentos. Mas já tínhamos decidido que a principal hora era a do almoço. Helena disse que eles não almoçariam em casa naquele dia. Então, combinei com o Mateus que almoçaríamos fora e voltaríamos de surpresa mais tarde. Nos despedimos por volta das 12h30min. Voltamos uma hora depois e os encontramos com outras roupas. Prontos para

buscar a comida do almoço no lixão instalado a 50 metros de casa. As crianças hesitaram, mas Helena – que já estava de bermuda e camisa – continuou. Ficamos 30 minutos fotografando e filmando a busca pela comida no lixão. Na volta, encontramos Seu Adão de boné, bermuda e camisa da lida diária. Já estava mais tranquilo com a nossa presença. Helena e as crianças comeram na nossa frente a melancia retirada do lixo. Doeu no Mateus e em mim, mas mantivemos o sorriso no rosto. Até brinquei que a melancia estava com bom aspecto. Eles sorriram e seguiram comendo. Decidimos ficar até o final da tarde com a família. Se tivéssemos feito a reportagem apenas no período da manhã, não teríamos visto a vida real na nossa frente naquele dia.”

Anotações pessoais

18/03/2013

Quando escrevo “*Queríamos a vida real deles e não a faz de conta*” demonstro que pretendíamos construir uma cena e não aceitaríamos que ela surgisse à nossa frente como surgiu. O que, de fato, ocorre mais tarde, quando a repórter e o fotógrafo decidem juntos irem embora e retornarem horas depois, sem avisar a família. Carey (1980, p. 21) diz que um profissional de comunicação é um mediador de símbolos, é uma pessoa que traduz os gestos, os conhecimentos e os interesses de uma determinada comunidade. Por outro lado, Gaye Tuchman (1983) identifica o jornalismo em geral como um processo de construção social da realidade cotidiana.

La estructura social produce normas, incluyendo actitudes que definen aspectos de la vida social que son de interés o de importancia para los ciudadanos. Se supone que la noticia se interesa por esos ítems reconocibles. Socializados en estas actitudes sociales y en las normas profesionales, los informadores cubren, seleccionan y diseminan relatos acerca de ítems identificados como interesantes o importantes. Mediante el cumplimiento de esta función por los informadores, la noticia refleja la sociedad: la noticia presenta a la sociedad un espejo de sus asuntos e intereses. (TUCHMAN, 1983, p. 196-197).

Percebo que este foi o objetivo da dupla ao se distanciar por algumas horas: construir uma realidade que se aproximasse do que pretendiam apresentar aos leitores. Mas não seria ingenuidade dos dois profissionais de comunicação pensar que mostrando a família em roupas do dia a dia estariam a aproximando do que chamei de “vida real”? Afinal, Adão e a família tinham todo o direito de se apresentarem como queriam aparecer no jornal.

Outro recurso usado pelo fotógrafo para ambientar a família foi recorrer às fotos que fiz na minha primeira ida à casa de Adão. Nas duas imagens abaixo, é possível ver o antes

(Imagem 16) e o depois da mesma cena (Imagem 17), em datas distintas. Na minha primeira visita à família, quando fui sozinha, produzi a que aparece Adão com o filho na porta de saída do estábulo onde eles moravam com o cavalo. Foi uma das imagens enviadas aos editores e ao fotógrafo no Dia 1. Na nossa segunda visita a Adão, Mateus procurou fotografar a família no mesmo local sugerido. A imagem ficou entre as selecionadas para publicação, mas acabou não saindo.

Imagem 16 – Adão e o filho no Dia 1



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Imagem 17 – Mateus Bruxel fotografando a família



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Para que a apuração jornalística fosse concluída em cada uma das histórias, a dupla, com a concordância do editor responsável, decidiu ficar pelo menos um dia com três das sete famílias que conduziriam a nossa reportagem. Era a tentativa de buscar detalhes que poderiam passar despercebidos se ficássemos menos de duas horas em cada região. A família de Adão era uma delas. Para isso, anotei algum telefone de contato de cada família para que pudesse contatá-las a qualquer momento. Aquelas que não tinham telefone, como a de Adão, tinham como responsável uma liderança comunitária para manter os laços antes da publicação.

Na família de Fabiana, por exemplo, queríamos os oito filhos juntos com a mãe. Tarefa impossível de ocorrer, pois eles só se reuniam todos por volta das 22h por conta dos estudos. Optou-se por fazer com os que estivessem em casa no dia da nossa segunda visita.

Imagem 18 - Fabiana sendo fotografada por Mateus Bruxel. À direita, o motorista que nos acompanhou na data



Fonte: Registrada por Aline Custódio (2013).

Mas cada situação mereceu atenção diferente. Na família de Marco Antônio, além do dia de aproximação, quando a líder comunitária nos apresentou à família, tivemos mais uma manhã para fotografarmos, filmarmos e entrevistarmos ele e a mulher.

Imagem 19 - Primeira aproximação com a família de Marco Antônio, na Ilha do Pavão



Fonte: Registrada por Mateus Bruxel (2013).

Na família de Thamires, duas tardes foram necessárias para a conclusão. Diferente de Vanessa Bandeira, onde uma única manhã foi suficiente para finalizarmos o trabalho. Com Vanessa Barbosa fizemos três visitas porque a história dela poderia centralizar um dos conceitos que eu pretendia abordar na reportagem: a vergonha da pobreza.

Construir a imagem mais próxima das condições de vida das pessoas era uma das principais preocupações da dupla. No caso da família de Núbia, os visitamos quatro vezes até flagrarmos a mãe banhando os filhos na rua. Era um período de frio fora de época e as crianças só tomariam banho quando a temperatura estivesse acima dos 20°C. Para conseguir a cena, eu ligava pela manhã diariamente para a mãe e perto do meio-dia para saber se eles tomariam banho.

A cada retorno para a redação, eu contatava o editor responsável, seja pessoalmente ou por e-mail. Os laços entre eu, Mateus e Claiton foram se estreitando ao longo da apuração. Nos reuníamos a qualquer hora, na redação e fora dela, para discutirmos os rumos da reportagem. Algumas mensagens eram trocadas somente entre nós, sem repassarmos aos demais envolvidos.

-----Mensagem original-----

De: Aline Custodio

Enviada em: segunda-feira, 18 de março de 2013 21:50

Para: Claiton Magalhaes

Assunto: Rendeu muito hj!

Fizemos a família que vive com R\$ 60. Só eles valem uma matéria, Claiton. Fotos e imagens para o doc ficaram incríveis!

Abraço,

Aline Custódio

De: Claiton Magalhaes

Enviada em: segunda-feira, 18 de março de 2013 22:30

Para: Aline Custodio

Assunto: RES: Rendeu muito hj!

GRANDE notícia!!!

Estávamos absorvidos diretamente pelas histórias e pela busca por respostas. Em meio às conversas com Claiton e Mateus sobre as famílias que fariam parte da série, ainda solicitei por e-mail à assessoria de imprensa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome dados numéricos sobre a quantidade de famílias cadastradas no programa Bolsa Família em Porto Alegre, no Estado e no Brasil, pesquisei no site da Organização das Nações Unidas informações mais atualizadas sobre o Índice de Desenvolvimento Humano e solicitei por telefone respostas à assessoria de imprensa da Fundação de Assistência Social e Cidadania sobre os casos encontrados. Todas as informações seriam úteis para o jornal impresso e também para o webdocumentário a ser editado.

Em meio às entrevistas com as famílias, eu continuei mantendo contato com o professor Flávio Comim porque pretendia gravar uma entrevista com ele para o webdocumentário. Motivado pelo tema da nossa reportagem, o professor reuniu um grupo de estudiosos da Ufrgs e da Pucrs para iniciar uma pesquisa sobre a pobreza em Porto Alegre.

Na data combinada, eu e Mateus gravamos com o professor numa das salas da faculdade de Economia da Ufrgs. Foram quase 60 minutos de perguntas e respostas. Flávio ampliou o meu horizonte sobre a pobreza na Capital. As informações fornecidas por ele na gravação foram utilizadas também na reportagem publicada.

Interessado em contribuir com a reportagem, o professor Flávio comentou durante a entrevista sobre o grupo que iniciaria a pesquisa sobre a pobreza na Capital. Me interessei pelo currículo do psicólogo James Ferreira Júnior¹⁰, sugerido pelo professor Flávio para reportagem, que estava estudando a vergonha entre as classes menos favorecidas de Porto Alegre. Sabendo da existência dele e da possibilidade de incluí-lo na reportagem, deixei para entrevistá-lo depois da reunião final na Redação e que definiria os rumos da reportagem.

Flávio foi o responsável por fazer a intermediação on-line entre eu e James, que pode ser conferida na troca de e-mails abaixo:

De: Flavio Comim

Enviado: terça-feira, 2 de abril de 2013 18:16

Para: James Ferreira

Cc: Aline Custodio

Assunto: Re: contato

Oi James,

Obrigado, sim, falei da sua tese para a Aline e sugeri que ela lhe entrevistasse para ver sua perspectiva sobre a pobreza extrema.

Grande abraço, Flavio

On Apr 2 2013, James Ferreira wrote:

Oi, Flavio, obrigado por essa interconexão com a Aline. Eu já estava interessado em me aproximar, mas não sabia da abertura. Então, confirmo minha participação amanhã. Aline, não sei se o Prof. Flavio lhe falou, mas sou doutorando em Psicologia pela UFRGS e estou trabalhando em uma pesquisa sobre vergonha, humilhação e sofrimento psíquico relacionado à pobreza. Enfim, vamos conversando.

Abraços,

James

Em 2 de abril de 2013 12:14, Flavio Comim escreveu:

Oi Aline e James,

Estou colocando voces em contato. James, a Aline é reporter do Diario Gaucho e está fazendo uma materia sobre pobreza extrema em POA. Nos estamos preparando um questionario para aplicar sobre pobreza extrema no proximo mes. Sugeri a ela que seria interessante conversar com voce.

Obrigado Aline, ficamos em contato. James, se quiser ajudar nessa pesquisa tambem haverá uma reuniao as 9.05hs amanha depois da nossa aula com alguns professores para discutir o

¹⁰ James Ferreira Júnior é psicólogo e integrante do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Ufrgs.

questionario.
Abracos, Flavio

Infelizmente, na busca pelos documentos de processo que fariam parte desta pesquisa, constatei a perda da entrevista realizada com James no prédio da faculdade de Economia da Ufrgs, no Centro de Porto Alegre, e gravada no meu celular pessoal. O depoimento do psicólogo foi fundamental para traçar o segundo dia da série, que abordou a vergonha entre os invisíveis.

Por sugestão de Claiton, também entrevistei pessoalmente um médico de família atuante em regiões carentes da Capital para me explicar se a fome ou a alimentação inadequada poderiam prejudicar o desenvolvimento de uma pessoa. Na verdade, eu estava preocupada com a família de Adão. Todos apresentavam dificuldades de aprendizado e de adaptação social.

Para localizar o médico, contatei por telefone três assessorias de imprensa e expliquei a minha intenção: do hospital Santa Casa de Misericórdia, da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre e do Hospital Moinhos de Vento. Foi a assessoria do Moinhos de Vento quem me indicou o profissional que eu procurava.

Com experiência de uma década no atendimento aos moradores das ilhas de Porto Alegre e do Extremo-Sul da cidade, Fabiano Barrionuevo foi a nossa fonte oficial na área da saúde.

Ao lado do repórter fotográfico, gravei a entrevista de 15 minutos com Fabiano entre uma consulta e outra do médico, numa unidade de saúde do Lami, bairro do Extremo-Sul de Porto Alegre. Foi o suficiente para ele confirmar que a alimentação inadequada poderia causar problemas para a vida toda (ver anexo da entrevista).

Com as entrevistas concluídas, o mais importante era Mateus e eu selecionarmos o que seria necessário para a reunião final com todos os envolvidos e que decidiria o rumo da série de reportagens.

4.4 O BATER DO MARTELO

Na última semana de março de 2013, tínhamos definido que a reportagem poderia ganhar mais de dois dias de publicação no Diário Gaúcho com o nome provisório Pobreza S.A.

Antes da reunião que definiria os detalhes, preparei um relatório identificando o que mais havia me despertado a atenção em cada família. Ele poderia servir para definirmos como dividiríamos os relatos na edição da reportagem. Antes de começar a escrever os textos de cada dia de publicação, era necessária esta divisão das histórias. Pensando na palavra pobreza, relacionei a palavra “sem” a cada uma das histórias, como está abaixo:

Identificação do povo

Os sem dinheiro

Família do catador de capim Adão Jesus César de César, 58 anos, vive apenas com os R\$ 60 que ele ganha por cuidar de um cavalo na vila Chácara do Banco, no Bairro Restinga. Vivem com R\$ 60 mensais - R\$ 10 por cabeça (R\$ 0,30 por dia para cada um)

Maria Helena da Costa - 50 anos - mulher de Adão

Filhos: Alessandro (20 anos), Rodrigo (16 anos), João Pedro (12 anos) e Rosa Maria (10 anos)

Os sem saneamento básico

A doméstica desempregada Núbia Nunes Cordeiro, 24 anos, vive com a família sem ter água, chuveiro e banheiro em casa. Para beber, busca água num poço impróprio para consumo, no alto do Elo Perdido, no Bairro Restinga - Vivem com R\$ 400 mensais - R\$ 66,66 por cabeça (R\$ 2,20 por dia para cada um)

Filhos: Kiane (8 anos), Ketlen (5 anos), Gabriel (3 anos) e Fernanda (7 meses)

Os sem casa

A frentista Vanessa da Cruz Barbosa, 30 anos, vive na nova invasão da Chácara dos Pinheiros, no Bairro Restinga, vive com os dois filhos num casebre de papelão revestido com lona impermeável e sem piso. Vive com R\$ 210 mensais - R\$ 70 por cabeça (R\$ 2,3 por dia para cada um)

Filhos: Laion (6 anos) e Lorenzo (2 anos)

Os sem expectativas

Marco Antônio Marcelino Rolim, 45 anos, vive com a mulher Cinara de Oliveira, 38 anos, grávida de oito meses, e os quatro filhos num casebre de cinco peças de madeira apodrecida na Ilha do Pavão. De tantos buracos nas paredes, a família aprendeu a conviver com os mais diversos animais peçonhentos. Mas todos já foram mordidos por ratos. Vive com R\$ 650 mensais - R\$ 108,30 por cabeça (R\$ 3,61 por dia para cada um)

Filhos: Alessandro Rolim (17 anos), Wellinton (13 anos, não aparece nas fotos), Vanessa (8 anos) e Talia (10 anos)

A sem emprego

Fabiana Nunes da Silva, 32 anos, vive com os oito filhos e um neto de 6 meses numa casa de emergência (uma peça) doada pelo Demhab, em 2007. Para ela, ser pobre é não ter emprego. Ela foi demitida ainda no contrato, quando descobriu que estava grávida do filho que hoje está com 30 dias de vida. Vive com R\$ 430 mensais - R\$ 47 por cabeça (R\$ 1,5 por dia para cada um)

Sem comida

Moradora da Vila Maria da Conceição

Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, mãe de Bryan (4 anos), Victor (1 ano) e Emily (10 anos).

Mora numa casa de uma peça, doada pelo Demhab.

Depende de doações para comer. Cozinha na casa da avó, pois ela não tem móveis.

Nem a renda ajuda

Tamires da Rosa Ferreira, 25 anos, mãe de Hilary (7 anos), Nicolas (2 anos) e Luis Felipe (9 meses), tem quase R\$ 800 de renda mensal. Porém, vive numa invasão no bairro Mário Quintana, sem banheiro, sem luz, sem água regularizadas e sem creche para colocar os filhos menores. A casa foi feita usando os restos do alicerce de um antigo hospital - que jamais foi construído.

Na mesma sala reuniram-se o então editor-chefe, Alexandre Bach, o então editor-executivo e líder do grupo de reportagens, Claiton Magalhães, o então editor de dia a dia, Felipe Bortolanza, a editoria de diagramação e arte, Flávia Kampf, o arte-finalista Alexandre Oliveira, o então editor de fotografia, André Feltes, o fotógrafo Mateus Bruxel e eu. Foram quatro horas de discussões que definiriam a data de publicação da reportagem, 16 de abril, um dia antes do aniversário de 13 anos do jornal, a identidade visual das páginas, as histórias que seriam contadas e, principalmente, o nome da série e o título principal de cada dia de reportagem.

Como iniciamos as buscas a partir dos invisíveis aos olhos do Governo Federal, definimos que o nome da série seria Invisíveis. Afinal, mesmo aqueles que ganhavam benefício permaneciam à margem da sociedade por conta de outros problemas, como a falta de saneamento básico.

Mas ainda faltava definir o mais importante: como as histórias seriam divididas? Claiton foi quem deu a sugestão que desencadearia nos títulos e na quantidade de dias da série. Por serem invisíveis eles não tinham “cara”, e esta deveria ser a palavra para nortear todo o resto: “Eles têm cara” foi o primeiro título sugerido. Usando um recurso comum aos publicitários, o *brainstorming*, cada um dos envolvidos sugeriu ideias.

Foi o meu relatório feito no dia anterior e as fotos feitas pelo Mateus Bruxel de cada família entrevistada que me levaram a sugerir os dias necessários para a publicação (três dias), os outros dois títulos da série “Vergonha na cara” e “A pobreza é cara” e a inclusão de cada família na série. No primeiro dia, a família de Adão seria a principal da história. Eles representariam os invisíveis que têm cara. As histórias de Vanessa Bandeira e Núbia Cordeiro completariam o primeiro dia de publicação.

No segundo dia, lembrando-me da vergonha de uma das entrevistadas, a história de Vanessa Barbosa conduziria a reportagem, seguida por Marco Antônio Rolim e Fabiana da

Silva. No terceiro, Thamires, que ganhava Bolsa Família e seguia em dificuldades, seria a única história a ser contada.

Sáímos da reunião com as definições sobre a grande reportagem e as fotos que poderiam ser usadas. Batido o martelo, chegou o momento de sentar, transcrever as entrevistas, roteirizar o webdocumentário e dar vida à reportagem.

5 NO PAPEL

Tive duas semanas para escrever pelo menos as reportagens dos dois primeiros dias, transcrever as dezenas de vídeos e, por fim, pré-roteirizar o webdocumentário que seria editado em parceria com Mateus Bruxel e o então editor de vídeos Tiago Rech. Ao mesmo tempo, eu ainda pesquisava via internet e por ligações telefônicas os dados das fontes oficiais que seriam usados para completar a reportagem.

5.1 OS OLHOS DA REPORTAGEM

Faltavam 13 dias para o início da publicação da grande reportagem quando escrevi o que no Diário Gaúcho é identificado com o olho¹ da reportagem. Nele, eu pretendia dar um panorama geral da situação que vivenciamos ao longo da apuração. Era um esboço da abertura para o primeiro dia da série. Por e-mail, o enviei ao Claiton para saber a opinião dele. O resultado está na troca de mensagens abaixo:

De: Aline Custodio

Enviado: quarta-feira, 3 de abril de 2013 17:13

Para: Claiton Magalhaes

Assunto:

Quando puderes, dá uma conferida neste esboço de texto introdutório para a página 2. Veja se este pode ser o caminho. Eu ia abrir com a família do estábulo, mas não sei se contaremos as histórias a partir da página 3.

Como vai ser a apresentação, penso num texto menor, pq ainda teremos o expediente nesta página.

Ostentando com orgulho a nona posição entre as cidades do Brasil com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Porto Alegre ainda carrega suas mazelas nas próprias entranhas. Durante três semanas, a reportagem do Diário Gaúcho percorreu 800 quilômetros dentro da Capital, entrevistou e contactou 125 pessoas, fez 2.000 fotos e três horas de filmagens, visitou 14 vilas em oito bairros e encontrou as mais diversas faces da pobreza em Porto Alegre: famílias que vivem na extrema pobreza e jamais foram contempladas pelos programas sociais; outras que ganham o auxílio do Governo Federal, porém seguem abaixo da linha mais crítica; e quem saiu da extremidade com a ajuda dos programas sociais oferecidos pelo governo, mas continua buscando melhores condições de vida.

Encravadas entre os bairros nobres ou nos extremos, famílias inteiras da Capital permanecem distantes do desenvolvimento. E dos números oficiais. Embora Prefeitura e

¹ Texto curto de, no máximo, 15 linhas, que apresenta a reportagem com os dados mais importantes e conduz o leitor ao restante da história.

Governo Federal admitam a existência delas, não sabem quantificá-las.

No ano em que o Governo Federal anuncia o desafio de localizar 700 mil famílias brasileiras que ainda vivem na pobreza extrema, ganhando menos de R\$ 70 mensais por pessoa e identificadas como "invisíveis" pela própria presidente Dilma Rousseff, o Diário Gaúcho revela nas próximas páginas que elas têm nomes e rostos na capital dos gaúchos.

E se o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) comemorou em 27 de março o fim da pobreza extrema entre os últimos 2,5 milhões de beneficiários do Bolsa Família que continuavam nesta situação, o Diário Gaúcho comprova que esta página da história ainda não foi virada em Porto Alegre.

De: Claiton Magalhaes

Enviado: quinta-feira, 4 de abril de 2013 11:27

Para: Aline Custodio

Assunto: RES:

Touché!

Apesar da palavra de aprovação do principal responsável pelo grupo de reportagens, eu ainda reescreveria todo o texto, pelo menos, mais cinco vezes. Algumas delas por vontade própria de aperfeiçoar o encaixe das informações. Outras, por sugestões dos envolvidos na publicação. Numa delas, o então editor de dia a dia, Felipe Bortolanza, responsável por colocar o material no impresso, também fez alterações. Felipe, que já foi repórter da área econômica, é conhecido na Redação por gostar da inclusão de informações numéricas nas reportagens, sejam elas de dia a dia, esporte ou policial. Ele sustenta que os números dão veracidade aos textos. É o método de Felipe. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 112) reforçam que os jornalistas funcionam apoiados em métodos próprios de trabalho a fim de testar e fornecer a informação. É como uma disciplina individual da verificação.

No caso de Invisíveis, foi exatamente o que ocorreu. A partir das sugestões de Felipe para esmiuçar ainda mais os dados numéricos que abasteceriam a reportagem, o olho ganhou corpo e força, como se vê no e-mail abaixo, enviado por ele depois de nova atualização:

De: Felipe Bortolanza

Enviado: sexta-feira, 12 de abril de 2013 12:46

Para: Aline Custodio

Assunto: olho

Há 2,5 milhões de pessoas fora do cadastro de programas sociais do governo federal. São 700 mil famílias "invisíveis" aos olhos Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS): faltam endereço, documentos, perspectivas de vida. E sobram mazelas. Teriam direito a receber, no mínimo, R\$ 70 por mês pelo Bolsa Família. Sem informação e não procurados por órgãos oficiais, vivem de esmolas de desconhecidos e doações de parentes, amigos ou vizinhos.

Há famílias assim em Porto Alegre, ainda que a Capital seja a primeira no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), entre as 13 maiores cidades do Brasil.

Para mostrar esta realidade, durante três semanas, a reportagem do Diário Gaúcho percorreu 800km, conversou com 125 pessoas e fez 2 mil fotos e três horas de filmagens em 14 vilas em oito bairros. Entre hoje e quinta-feira, a cara da pobreza da Capital estará estampada no jornal.

Encravadas entre bairros nobres ou nos extremos, famílias inteiras permanecem na extrema pobreza, ganhando, por mês, menos de R\$ 70 por pessoa. Prefeitura e União não sabem quantificá-las. A única base é o Censo 2010, que falava em 1% da população – 13.642 pessoas.

É o Plano Brasil Sem Miséria que busca acabar com a extrema miséria no Brasil. Na sexta-feira passada, a presidente Dilma Rousseff esteve em Porto Alegre...

... em programa lançado em 19 de fevereiro, quando 2,5 milhões novos beneficiários entraram no Bolsa Família

Na mesma data, fiz novas alterações no texto, ficando o mais próximo daquele que seria publicado dias depois. Mudanças de palavras e de ordem nas frases ocorreram com o texto já na página, antes de ser publicado. Mas a ideia principal se manteve ao longo das trocas. Abaixo, o texto que foi para a página e que sofreria alterações antes da publicação.

Olho feito em 12/4

EM ANDAMENTO

<CORPO DE TEXTO>

Espalhadas pelo Brasil, 700 mil famílias ainda seguem fora dos programas sociais. São consideradas invisíveis pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). A elas faltam endereço, documentos, perspectivas de vida. E sobram mazelas. Teriam direito a receber, no mínimo, R\$ 70 por mês pelo Bolsa Família. Porém, sem informação e não procuradas por órgãos oficiais, vivem de esmolas de desconhecidos e doações de parentes, amigos ou vizinhos.

Há famílias nesta situação em Porto Alegre, ainda que a Capital seja a primeira no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), entre as 13 maiores cidades do Brasil. Pelo Censo 2010, 1% da população _ 13.642 pessoas _ estaria ganhando, por mês, menos de R\$ 70 por pessoa e sem acesso aos programas sociais.

Na sexta-feira passada, em discurso na Capital ao lado da presidente Dilma Rousseff, a ministra do MDS, Tereza Campello, reforçou que o maior desafio do governo federal, em parceria com Estados e municípios, é a busca dos que ainda não estão no Cadastro Único. O mutirão, em Porto Alegre, começa em junho.

O Diário já percorreu caminhos durante três semanas para tentar localizar "invisíveis" em Porto Alegre. A reportagem percorreu 800km, conversou com 130 pessoas, fez 2 mil fotos e quatro horas de filmagens em 14 vilas de oito bairros. Entre hoje e quinta-feira, diferentes níveis de invisibilidade da Capital estarão estampados no jornal.

O olho do segundo dia também foi escrito antes da publicação da primeira reportagem. Ele deveria ser menor do que o do dia anterior, situar o leitor sobre a série de reportagens e destacar as informações importantes daquela reportagem. Um único esboço foi feito quatro dias antes da primeira publicação.

Olho feito em 15/4 – 2º dia

<CORPO DE TEXTO>

No segundo dia da série que retrata a pobreza em Porto Alegre, o Diário Gaúcho mostra a história de pessoas que mesmo recebendo ajuda do Governo Federal, como o Bolsa Família, ainda enfrentam situações consideradas por elas humilhantes: se escondem por não ter um banheiro em casa, dividem o mesmo teto com ratos e sentem vergonha de receberem dinheiro dos programas sociais por não conseguirem sustentar os próprios filhos.

Se a presidente Dilma Rousseff comemorou em 19 de fevereiro o fim da pobreza extrema entre os últimos 2,5 milhões de beneficiários do Bolsa Família que continuavam nesta situação, a reportagem comprova hoje que esta página da história ainda não havia sido virada para duas famílias de Porto Alegre até o início deste mês.

Felipe fez as alterações de palavras e de frases para deixar o texto mais direto e encaixar no espaço proposto pela diagramação. Antes da publicação, ele me repassou as mudanças realizadas (ver página em anexo).

Para a reportagem do terceiro dia, investi nos números que poderiam causar impacto na leitura. Nele foram incluídos os valores do Bolsa Família repassados a Porto Alegre, a quantidade de família atendidas e um alerta dos especialistas que criticam os critérios do programa do Governo Federal:

3º dia da reportagem – texto bruto

A pobreza é cara

<CORPO DE TEXTO>

Dia 3

OLHO/

<RESUMO TEXTO>

Na terceira e última reportagem da série sobre os invisíveis em Porto Alegre, o Diário Gaúcho mostra que o Governo Federal considera o fator renda o maior inimigo a ser vencido para eliminar a pobreza extrema no Brasil. Para Porto Alegre, no ano passado, repassou R\$ 74.080.772 aos beneficiários do Bolsa Família. Especialistas, porém, criticam os critérios adotados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para identificar quem são os mais pobres.

Segundo dados do MDS de janeiro deste ano, 95.301 famílias da Capital que tinham renda mensal de até R\$ 339 por pessoa estavam registradas no Cadastro Único do governo. Destas, 44.642 estão no Programa Bolsa Família (PBG). O problema, porém, é que o Ministério depende da iniciativa da população para que os dados sejam atualizados a cada dois anos - o que é prejudicado pela falta de informação dos próprios beneficiários.

E enquanto a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) comemora a cobertura de 97,94% do PBG entre as famílias extremamente pobres (ganham até R\$ 70 mensais por pessoa) e pobres (entre R\$ 70 e R\$ 140 mensais por pessoa) da Capital, há quem insista em dizer que, mesmo com a ajuda, segue lutando para deixar de ser invisível.

Mais uma vez, para encaixar no espaço destinado ao olho, Felipe precisou retirar partes do texto e editá-lo (ver anexo da página).

5.2 AS IMAGENS QUE MARCAM

Ao longo da produção da reportagem, a repórter e o fotógrafo dialogavam mais de uma vez por dia, pessoalmente e por e-mail, sobre as imagens que não poderiam faltar na reportagem. Estas longas conversas o ajudaram a indicar as imagens mais importantes aos editores. As fotos que foram para a capa principal do jornal e para as capas do caderno foram selecionadas pelo então editor de fotografia do Diário Gaúcho, André Feltes.

Desde o início do processo, mesmo sendo a primeira reportagem especial feita em dupla, a repórter e o fotógrafo definiram que textos e fotos dialogariam sempre que possível. Esta interação acabou auxiliando no momento da escrita.

Inicialmente, a proposta de Claiton de eu escrever um único texto envolvendo as três histórias do primeiro dia causou-me espanto. Ao colocar as palavras na tela, porém, ela passou a fazer sentido. Reli minha caderneta de anotações, revisei alguns dos vídeos do webdocumentário e olhei dezenas de vezes as fotos produzidas pelo Mateus. Os vídeos e as fotos sugeridas aos editores pelo próprio fotógrafo me ajudaram a conduzir o texto. Brunello (2007, p. 118), a partir dos manuscritos de Anton Tchekhov, aconselha que “ao descrever um lugar, uma situação ou uma personagem, ter uma fotografia sob os olhos” pode auxiliar na boa escrita.

“São os olhos marejados do ex-jóquei amador Adão Jesus César de César, 58 anos, que expressam a dor do bolso vazio”. Há dez anos, ele, a mulher, Maria Helena, 50 anos, e os quatro filhos – Rosa Maria, dez, João Pedro, 12, Rodrigo, 16, e Alessandro, 20 anos, vivem num casebre de madeira construído para ser um estábulo na Vila Chácara do Banco, no Bairro Restinga, Sul da Capital. O local mais espaçoso fica para o cavalo de estimação”.

Com este parágrafo iniciei o primeiro dos cinco textos principais da reportagem. Das entrevistas com Adão, guardei a imagem dos olhos dele e que me foi recordada ao ver que em quase todas as nossas fotos ele permanecia sempre com o mesmo olhar. A foto da capa do jornal daquele dia mostrava Adão do mesmo jeito que eu o havia descrito. A principal foto da página central era exatamente o contraste entre o quarto da família e a área reservada ao cavalo.

Em todos os textos do primeiro dia de reportagem existem referências que remetem às imagens dispostas na página (ver anexos), facilitando o trabalho de edição do material, como em

“- A gente precisa é de comida, ressalta Maria, apoiada pelo pequeno João, que usa um chinelo preto e outro rosa (os que cabem nos pés)”.

“Mãe de Victor, um ano, Bryan, quatro, e de Emily, dez anos, Vanessa, mulher de olhar lacrimoso, espera o direito ao Bolsa Família desde 2012”.

“Na cama de solteiro, Núbia se aperta com as quatro crianças.”

“Em dias considerados de sorte por Maria Helena, ela recolhe restos de frutas e verduras deixadas por feirantes num lixão irregular... .. Rosa e João vibram ao ver bananas e melancias.”

“Na rua, duas portas servem de biombo, imitando um box.”

Inconscientemente, pelo menos enquanto escrevia as reportagens, analisei dezenas de vezes as fotos para depois escrever os textos. Elas acabavam me inspirando ou fazendo me recordar de cenas do dia da visita e que não estavam anotadas na caderneta.

No segundo dia de reportagem, iniciei descrevendo a cena que está estampada na capa do caderno especial daquela edição (ver anexo).

“Antes de sair com um balde de dentro da casa de papelão, revestida de lona, a frentista desempregada Vanessa da Cruz Barbosa, 30 anos, enfia a cabeça pela única abertura do casebre e olha para os dois lados da Vila Chácara dos Pinheiros, no Bairro Restinga, no Sul da Capital. Apesar de fazer isso várias vezes por dia, envergonha-se de jogar no pátio o que deveria ter sido feito num vaso sanitário. Vanessa sente vergonha por não ter um banheiro para os filhos Lorenzo, dois, e Laion, seis anos.”

Como no primeiro dia, há trechos dos textos que remetem exatamente às fotos publicadas (ver página em anexo) como em

“Com mais de 90% do pátio de 10m de comprimento repletos de lixo, o catador agradece a quantidade de material arrecadado”.

“A mulher, Cinara de Oliveira, 38 anos, e os cinco filhos evitam falar da convivência permanente com baratas, ratos e outros animais peçonhentos que se criam em meio ao lixo espalhado pelo pátio e entram pelas frestas da casa de madeira – equilibrada sobre palafitas de 2m de altura”.

“Enquanto o desejo da família não consegue ser realizado, o João-de-barro Marco Antônio começa a construí-lo sem pressa. Três carreiras de tijolos, o piso com pedaços de cerâmica e o vaso sanitário, tudo trazido do lixo, já fora montados ao lado do casebre.”

No terceiro dia, o abraço apertado entre Tamires da Rosa Ferreira e os dois filhos, estampado na capa do caderno (em anexo) e que indicava o desespero desta mãe, foi o mote para eu iniciar o texto falando das mudanças bruscas na vida da família.

“Do dia para a noite, com o fim do casamento, a renda per capita da família da industrialista desempregada Tamires da Rosa Ferreira, 25 anos, despencou 40%. Até duas semanas atrás, quando recebeu a visita do Diário, a moradora de uma área invadida identificada como Vila Montepio, no Bairro Mario Quintana, na Zona Norte da Capital, tinha renda mensal de R\$ 176,40 por pessoa (tem três filhos) – o então marido ganhava R\$ 600 como pedreiro. O restante do dinheiro era pago pelo Bolsa Família (R\$ 282). Segundo o Plano Brasil Sem Miséria, que considera pobres famílias com renda entre R\$ 70 e R\$ 140 mensais por pessoa, ela estava fora desta linha. Porém, com a mudança de vida repentina, Tamires viu a família ficar à beira da extrema pobreza. Ao lado dos filhos Luis Felipe, nove meses, Nicolas, dois anos, e Hilary, sete anos, passou a viver só com o dinheiro do programa social – equivale a R\$ 70,50 mensais por morador (R\$ 2,30 diários).”

5.3 DESABAFOS E CONSTATAÇÕES DESTACADAS

Pereira Junior (2010, p. 111) diz que “[...] a citação dá voz a um personagem. Supõe renúncia à própria voz do jornalista. Dá credibilidade retórica à notícia, identifica a responsabilidade pelas alegações e agiliza o texto”. Pensando nas declarações de todos os entrevistados para a reportagem, dividi os textos dos dois primeiros dias pelas dificuldades similares enfrentadas pelas famílias e destacadas nas entrevistas para o webdocumentário e nos apontamentos da caderneta de anotações:

1º dia) Renda, alimentação, educação, saneamento básico e a falta de um endereço residencial.

2º dia) Vergonha, frestas e ratos, preconceitos, discussão sobre a pobreza na Capital, os sonhos, as cobranças e o lamento compartilhado pelas famílias.

A terceira publicação destacaria a situação de uma família, mas lembraria as outras que tiveram as histórias contadas nos dias anteriores.

Na primeira reportagem, as declarações de representantes das famílias, dispostas soltas ao longo das páginas, foram retiradas das entrevistas para o webdocumentário. A cada

entrevistado² perguntei o que significava pobreza. A definição de Adão, incluída no webdocumentário³, foi selecionada para ser destacada na reportagem no impresso:

“Pobreza é não ter serviço, é não ter casa para morar, não poder fazer um monte de compras para os meus filhos. Ter um serviço é ter uma riqueza na vida da gente”.

A resposta selecionada de Vanessa Bandeira *“Me considero um pouco pobre pela dificuldade que a gente passa. De não ter uma renda para os meus três filhos”* veio da entrevista⁴ para o webdocumentário, que acabou não sendo usada na edição final do vídeo.

No caso de Núbia, revendo o que destaquei na reportagem do impresso percebo que uni duas declarações em momentos distintos da entrevista. As primeiras duas *“Estudei até a quarta série, mas hoje não sei mais nada. Esqueci de tudo”* foram ditas enquanto ela falava sobre educação. O restante da frase *“E é assim que eu vivo. Esta é a realidade. A realidade do Brasil”* surgiu em outro momento da entrevista⁵, citada no webdocumentário quando ela falava sobre a falta de um banheiro em casa. Lembro de ter olhado para o fotógrafo, numa espécie de comemoração em silêncio pela frase sobre a realidade solta aleatoriamente por Núbia.

Assim como a citação de Núbia, a declaração destacada de Fabiana Nunes da Silva, no segundo dia de reportagem, foi construída a partir de outras ao longo das entrevistas. Na reportagem (em anexo) a declaração foi publicada da seguinte forma *“Me falta um emprego para poder construir uma casa num outro lugar, sair desta área de risco e sair desta situação toda”*. Revendo a entrevista e analisando a caderneta no trecho de Fabiana, percebo que houve um recorte de diferentes trechos que unidos formaram uma única declaração.

Mas qual foi a minha intenção ao juntá-las de momentos distintos numa única oração? Não menti, pois ambas falaram o que está escrito. Não quero acreditar que agi com falta de ética. Ao uni-las, pretendia dar mais ênfase à situação das famílias. Acredito que cumpri o meu papel como agente no processo de construção da realidade cotidiana, como sustenta Tuchman (1983). Minha autodefesa se aproxima da afirmativa de Pereira Junior (2010, p. 111- 112)

Todo processo, da entrevista à edição, é permeado pelo jornalista. Mesmo na reprodução mais fiel, retiramos palavras do contexto. Reproduzir integralmente as afirmações significaria reproduzir o contexto em que foram pronunciadas. O que

² Selecionamos um membro de cada família para ser entrevistado para o webdocumentário. Apenas nas famílias de Adão e de Marco Antônio os casais foram ouvidos e as entrevistas usadas também na reportagem do impresso.

³ Entrevista a partir de 1min05seg no webdocumentário Invisíveis. (Ver apêndice D).

⁴ Entrevista a partir de 00:10 no vídeo bruto pobreza (323). (Ver apêndice D).

⁵ Entrevista a partir de 6min19seg no webdocumentário Invisíveis. (Ver apêndice D).

nem sempre é possível ou desejado. Por isso, a obrigação do jornalista não é ser necessariamente literal nas citações, mas reconstruir o diálogo. Não como foi, posto improvável, mas buscando manter o sentido original, com fidelidade.

Com as fontes oficiais, os especialistas consultados para a reportagem, fiz um processo semelhante. Porém, no lugar de encaixar as declarações de acordo com a imagem, as usei conforme o tema em discussão. O médico Fabiano Barrionuevo, por exemplo, aparece nas reportagens do primeiro e do terceiro dia. No tema “saúde e educação”, publicado logo depois do tema “comida” no primeiro dia, Fabiano é quem confirma a minha hipótese de que os filhos da família de Adão poderiam apresentar dificuldades nos estudos por conta da alimentação ruim.

“A saúde e a educação

Atuando há dez anos em áreas carentes de Porto Alegre, o médico de família Fabiano Barrionuevo diz que a alimentação inadequada prejudica o desenvolvimento das pessoas:

- Na extrema pobreza não se consegue comprar alimentos de qualidade. Catam comida no lixo. Isso afetará o desenvolvimento neurológico, o crescimento, o ganho de peso. O adulto desnutrido tem dificuldade de concentração e não vai conseguir trabalhar.

É o que acontece com a família de Adão. Ninguém completou os estudos ou consegue trabalho fixo”.

No terceiro dia, Fabiano é lembrado na reportagem por meio de foto dele e da função que exerce. A palavra do médico entra na discussão sobre como combater a baixa renda.

“O argumento de quem convive diretamente com a pobreza é que só o combate à baixa renda não elimina outros problemas que acompanham famílias nesta situação. Há dez anos atendendo em postos do Extremo-Sul e das Ilhas, o médico de família Fabiano Barrionuevo revela:

- Onde tem equipes de saúde da família, percebe-se a melhora na saúde dos pacientes. Mas não tem como ter saúde plena sem escola, sem higiene. A gente orienta, mas as condições não ajudam para atingirem hábitos saudáveis”.

Ao contrário do médico, o professor especialista em Economia da Pobreza Flávio Comim teve destaque nos três dias de reportagens. Suas citações surgem em diferentes partes do texto, servindo como afirmação de uma fonte oficial daquilo que foi descrito anteriormente à declaração.

No primeiro dia, Flávio surge no tema “endereço” e dá a declaração que finaliza a discussão sobre o tema “renda”:

“- Renda é importante, mas é um indicador imperfeito de bem-estar. Ao mirá-la, deixa-se o problema da resolução da pobreza para um programa de transferência de renda ou para o próprio indivíduo. E ele que se vire”.

No segundo dia, é a declaração do professor que levanta o tema “discussão”:

“- A grande questão é: porque não existe uma mudança de visão? A pobreza é mais do que renda e a gente sabe disso desde 1970, quando países desenvolvidos afirmavam que a renda não era o único critério para você avaliar o bem estar da sociedade. A gente discute pouco o tema e, por isso, continuamos com esta visão tão limitada de bem-estar – afirma Flávio”.

No último dia, o professor Flávio recebe ainda mais destaque, com direito à foto, e espaço num dos temas, “esmolinha“, que destaca a pesquisa sobre a pobreza na Capital e que será comandada pelo especialista.

“- No fundo, nós não temos política de combate à pobreza. Nós temos a política da esmolinha. O que significa isso? Que as pessoas permanecem diferentes. Você não quebra o que você deveria quebrar, que é um mundo onde as oportunidades são muito desiguais. E se as oportunidades continuam muito desiguais, a pobreza continua existindo”.

O fato é que, e hoje reconheço, fiz questão de colocar boa parte das declarações do professor na íntegra na reportagem porque eu compartilhava do mesmo pensamento dele.

5.4 A APROXIMAÇÃO COM AS FONTES POPULARES

Revendo as páginas publicadas, constatei que as idas e vindas às casas dos entrevistados para a reportagem foram importantes para uma aproximação entre a repórter, o repórter fotográfico e as fontes populares e, principalmente, para a finalização da reportagem Invisíveis. Isso fica explicitado em, pelo menos, duas citações incluídas nas páginas do terceiro dia de publicação, cujos momentos só ressurgiram na minha memória ao reler a reportagem para esta pesquisa.

“- A vida dá voltas que não acreditamos. Se eu já tinha problemas mesmo com um bom salário, imagine como ficarei agora, sozinha – contou Tamires, ao telefonar para o jornal, revelando a novidade”.

“Ao saber desta novidade pelo Diário, Adão Jesus César de César, que assim como a mulher e os quatro filhos não têm CPF, silenciou por alguns segundos até responder,

prevendo um futuro melhor para a família que teve sua rotina contada no início desta série de reportagens:

- Acho que agora vamos sair disso que estamos vivendo, né? Graças a Deus!”

Ao longo da produção da reportagem, fiz inúmeras ligações para as famílias que fariam parte da série. As que não tinham telefone eram contatadas por meio das fontes populares que eu tinha me aproximado em cada bairro ou vila por onde passamos. Relendo a reportagem de Tamires recordo que ela me ligou dias antes para contar como a vida tinha mudado desde a nossa entrevista. O marido a abandonara com os três filhos e a situação financeira da família, que era estável, mudou de um dia para o outro. A diminuição da faixa de renda de Tamires acabou facilitando a composição da reportagem final.

Esta conversa quase diária com as fontes populares e com as famílias entrevistadas me permitiu a aproximação necessária para não perder o contato com elas até a publicação da reportagem. E, inclusive, depois da publicação.

Apesar de eu fazer questão de explicar em todos os encontros que o nosso contato era para a reportagem que estava sendo produzida, algumas famílias acabaram criando vínculos para além do profissional. Três das famílias continuavam me ligando até janeiro de 2015. Por vezes, para pedir alguma ajuda relacionada a problemas nas comunidades onde vivem ou, simplesmente, para me desejar um bom início de ano, como foi o caso da família de Adão, em janeiro deste ano. Apesar de já ter sido convidada algumas vezes para eventos familiares, tenho o desafio diário de manter a distância necessária para que o relacionamento com eles siga apenas profissional.

5.5 AS REPERCUSSÕES E A PRIMEIRA SUÍTE

A publicação da primeira reportagem causou uma movimentação de leitores muito acima do que esperávamos. Recebemos mais de 200 e-mails e ligações telefônicas somente no primeiro dia. Mais de 50% dos leitores que me contataram queriam ajudar de alguma forma a família de Adão. Por ter sido publicada também na página on-line⁶ do Diário Gaúcho, a reportagem ultrapassou fronteiras e também atingiu leitores brasileiros em outros países.

Abaixo, um dos e-mails que resume o sentimento do primeiro dia de publicação da série e que acabou em troca de mensagens entre eu e os editores Claiton Magalhães e Alexandre Bach

⁶ Disponível em: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2013/04/eles-sao-invisiveis-mas-tem-cara-4109006.html>. Acessado em 01/02/2015.

De: Adriana Picoral Scheidegger [<mailto:adriana.picoral@gmail.com>]

Enviada em: quarta-feira, 17 de abril de 2013 11:05

Para: Aline Custodio

Assunto: Matéria os invisíveis em porto alegre

Oi Aline,

Sou original de Porto Alegre, mas moro nos EUA desde 2004. Há tempo me apavoro com a qualidade do trabalho jornalístico no Brasil e principalmente em Porto Alegre. Sempre procuro estar informada sobre a situação real do meu país, mas "jornais" brasileiros só parecem traduzir reportagens do exterior muito mal, o que pra mim não é jornalismo. Hoje encontrei tua materia no Diário Gaúcho, "Eles são invisíveis, mas tem cara" e para minha surpresa (desculpa a honestidade, mas na meu pre-conceito de classe média de Porto Alegre eu não dava nada pro Diario Gaucho) eu leio uma materia super bem escrita por uma jornalista que vai de fato até onde a noticia esta. Fala com as pessoas, procura dados e informações concretas, e passa essas informações de maneira correta e precisa. Meus parabéns. Não sei quais as chances de tu leres este email (ou de eu ter o teu endereço correto), mas gostaria de dizer que vou procurar ler tuas reportagens. Muito obrigada por realizar teu trabalho. Espero que tua dedicação sirva de exemplo para outros, que se dizem jornalistas.

Abraços,

Adriana

De: Aline Custodio

Enviada em: quarta-feira, 17 de abril de 2013 17:47

Para: Alexandre Bach; Claiton Magalhaes; Felipe Bortolanza

Assunto: ENC: Matéria os invisíveis em porto alegre

Recebi quase 100 emails até agora. Este é um deles:

De: Claiton Magalhaes

Enviada em: quarta-feira, 17 de abril de 2013 17:56

Para: Aline Custodio

Assunto: RES: Matéria os invisíveis em porto alegre

Bah, Aline, sabes que sou um entusiasta de teu trabalho há tempos, e ler uma mensagem assim (nitidamente quebramos um paradigma do leitor), enternece esse velho e empedernido coração de um ex-repórter policial que já viu muita coisa. Parabéns número 12.234.....

De: Aline Custodio

Enviada em: quarta-feira, 17 de abril de 2013 18:05

Para: Claiton Magalhaes

Assunto: RES: Matéria os invisíveis em porto alegre

Bah! Valeu, Claiton! É "golo" nosso!

Hj, já chorei pra caceta na Unisinos vendo o webdoc. Sabe, só depois de ver o webdoc como telespectadora é que caiu a ficha sobre a tristeza das histórias com as quais convivemos

nestas semanas. Acho que ainda vou chorar mais uns litros, com a mente limpa e tbm bêbada :-P

Mateus me ligou para dizer que passou pelo mesmo sentimento.

De: Alexandre Bach

Enviada em: quarta-feira, 17 de abril de 2013 18:42

Para: Aline Custodio; Claiton Magalhaes; Felipe Bortolanza

Assunto: RES: Matéria os invisíveis em porto alegre

Impressionante como estamos mudando a percepção em torno do jornal.

Entusiasmada com a repercussão entre os leitores, fiz questão de responder a todos no mesmo dia. Como a redação inteira estava recebendo ligações pedindo os telefones das famílias para serem ajudadas, liguei para cada uma delas perguntando se poderia passar os contatos adiante. Com a aprovação de todos os entrevistados, fiz uma lista com os contatos e a repassei aos colegas.

A repercussão continuou nos dias seguintes. Preparei uma quarta reportagem abordando as primeiras repercussões referentes à série Invisíveis. Ela saiu no dia posterior ao fim da série. No texto, apresento a decisão dos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) que, motivados pela reportagem, decidiram pesquisar a pobreza em Porto Alegre. Na mesma reportagem, mostro os órgãos públicos nas esferas municipal, estadual e federal que se dispuseram a localizar os invisíveis de Porto Alegre aos olhos do governo (conferir Anexo D) – indo até os entrevistados pela reportagem e promovendo ações em comunidades mais isoladas da cidade. A Defensoria Pública da União, por exemplo, organizou um mutirão no Bairro Restinga, onde moravam três das famílias da reportagem, para confeccionar documentos, como RG e CPF. A ação foi realizada na Vila Chácara do Banco e proporcionou à família de Adão de César e outras dezenas uma nova identidade.

Ao longo de um ano, por decisão própria, segui acompanhando por telefone e em visitas trimestrais as famílias apresentadas na série. Meu objetivo era saber como a vida de cada um seguiria após as reportagens. Adão de César ganhou de um leitor de São Paulo uma casa de madeira e conseguiu refazer os documentos que faltavam para os filhos. Vanessa da Cruz Barbosa ganhou uma moradia de quatro peças de madeira e um banheiro de alvenaria, doada por um leitor. A partir da reportagem, Fabiana da Silva e Tamires Ferreira conseguiram o desejado emprego. Núbia Cordeiro ganhou camas novas para dormir com o marido e separada dos filhos. O marido dela pediu que não acompanhássemos a família depois da reportagem por não querer se expor além da primeira reportagem publicada. Marco Antônio Rolim ganhou um enxoval para o filho. Vanessa Bandeira não foi mais localizada.

Quando iniciei a reportagem, não tinha a intenção de provocar comoção entre os leitores ao ponto de as famílias entrevistadas ganharem algum presente. Minha única intenção era mostrar “o disponível que chamamos de real”. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 71).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa recordando Lois Lane, a repórter das histórias em quadrinhos e dos filmes de ação, não tive a intenção de tornar heroica, nem de romantizar a função que exerço com tanta paixão há quase 15 anos. Pelo contrário, minha visão particular de Lois Lane é a da profissional do jornalismo que quer ser lembrada pelo trabalho publicado e não pelos atos que comete para obter uma reportagem.

Diferente de Lois, a jovem repórter que não se importa com o processo da reportagem desde que a consiga, sempre me questionei sobre o modo de buscar as informações nas reportagens que produzo. Porém, jamais havia analisado o meu método de trabalho como “pé no barro”.

Como se viu nesta pesquisa, destacou-se o que já foi dito em torno da expressão “pé no barro”, falada entre repórteres, mas desconhecida da maior parte do público. Esta é a primeira pesquisa no campo da Comunicação a definir esta expressão.

Ao me provocar a refletir sobre o meu trabalho, a pesquisa ainda contribui para o campo de estudos da Comunicação pela originalidade. Tornei-me o próprio objeto de estudo desta dissertação, pesquisando o processo de produção jornalística a partir dos meus documentos reunidos ao longo da construção da reportagem. Sem dúvida, um desafio a ser superado ao longo destes dois anos de imersão nos meus próprios documentos.

Encontrei na Crítica Genética o apoio teórico-metodológico necessário a uma análise das minhas anotações feitas ao longo da apuração e da publicação da reportagem Invisíveis, publicada no Diário Gaúcho, entre os dias 17 e 19 de abril de 2013. Tal aporte possibilitou considerar, primeiramente, que o material analisado foi fundamental para o nascimento da reportagem citada. A troca de e-mails com os chefes auxiliou a me guiar ao longo da produção da reportagem. A caderneta de anotações foi usada para guardar os dados básicos, como as identificações dos entrevistados. Os relatórios enviados aos editores e fotógrafo envolvidos na produção serviram com uma bússola, pois deram o caminho na hora de escrever a reportagem. Os meus desabafos em forma de diário pessoal garantiram que o lado humano da “pé no barro” permanecesse pulsante. E as imagens e vídeos registrados proporcionaram recuperar detalhes perdidos na memória e fundamentais para dar vida aos textos. O conselho de Brunello (2007, p.118) para auxiliar na boa escrita, a partir dos manuscritos de Anton Tchekhov, fez todo o sentido: “ao descrever um lugar, uma situação ou uma personagem, ter uma fotografia sob os olhos”.

Para além da resposta à problemática proposta de início, os estudos apresentaram a relevância da crítica genética como metodologia de pesquisa no jornalismo. A crítica genética auxiliou-me a reconstruir o meu caminho como repórter ao permitir que pela primeira vez eu organizasse, seleccionasse e fizesse a leitura minuciosa dos documentos de processo vinculados à reportagem, localizados e reunidos após decidir o rumo da minha pesquisa.

A partir da montagem do dossiê genético, da caracterização do protexto e da seleção final do corpus a ser analisado, etapas propostas pela crítica genética, a trilha da apuração da reportagem foi sendo reconstituída. O método utilizado acabou mostrando mais do que a linha de trabalho da “pé no barro”, revelou como entendi e encaminhei a apuração e a escrita final da reportagem.

Considero esta experiência um ensaio prático inesquecível, que me levou a conhecer e entender melhor como se movimenta a Aline repórter, a Aline que ao pisar no barro atrás de uma reportagem não costumava analisar as ações antes de executá-las e que, talvez por isso, se questionava depois da produção se havia feito o necessário ou o melhor para a finalização do trabalho.

Imergir na minha caderneta de anotações e nos meus desabafos em formato de diário pessoal me fez perceber anseios e ações que poderiam ter sido evitadas ou alteradas. E ao ter estas percepções, quase desisti de seguir como repórter. Mas as superei e mudei minha forma de lidar como “pé no barro”. Enfim, me fez renascer como repórter.

Neste sentido, refleti sobre o lado positivo de aproximar a academia da prática jornalística. Esta abertura iniciada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) propicia aos profissionais que estão no mercado de trabalho a passagem pela academia. Desde o início desta pesquisa, venho fazendo pequenas modificações no meu modo de apurar as reportagens - dos gestos à forma como me relaciono com as fontes populares. Mesmo com quase 15 anos de experiência como “pé no barro”, eu hoje reconheço que tinha um olhar quase puro sobre o meu modo de fazer reportagem. Tratava, por exemplo, as minhas fontes populares mais antigas quase como amigas. A partir desta pesquisa, passei a explicar melhor às fontes como devo me relacionar com elas, comecei a tirar alguns minutos para estudar o melhor caminho para uma nova reportagem a ser produzida e, até na hora da entrevista, passei a ter atitudes que antes jamais havia tido, como ouvir e fotografar o entrevistado do jeito que ele estiver, sem tentar interferir na cena que vejo.

Outra consideração retirada desta dissertação é a percepção de que uma teoria da prática jornalística está por ser feita. As experiências acumuladas por meio da prática na rua e

dentro de uma redação costumam ser conservadas pelos jornalistas, como constata Marocco (2012, p. 234) no livro *O jornalista e a prática: entrevistas*, ao entrevistar estes profissionais e perceber que “a experiência é resgatada muito rapidamente da memória, que é possível deixá-la escoar para fora de si com uma fração mínima de estímulo externo”. Marocco (2012) ainda ressalta que os jornalistas que trabalham ou trabalharam em redação são os protagonistas de uma teoria da prática, a partir da formulação do conhecimento acumulado no exercício do jornalismo.

Ainda é importante destacar que ao conhecer e utilizar a crítica genética neste trabalho eu me interessei ainda mais por este método e pretendo aplicá-lo, no futuro, em pesquisas acadêmicas sobre análise de processos produtivos, seja em jornais, revistas ou, principalmente, nas produções dos repórteres fotográficos, pois sempre tive interesse pelo mundo destes profissionais. O certo é que ainda há um universo dentro do jornalismo a ser explorado com o auxílio da crítica genética.

Por fim, passar por esta experiência acadêmica foi fundamental para me entender como repórter e como pesquisadora. Se no início desta caminhada os questionamentos sobre o meu trabalho se ampliaram de tal forma que quase me fizeram desistir desta pesquisa e, até, da reportagem, saio mais fortalecida desta viagem ao meu universo interior. A cabeça pode até chegar às estrelas, mas os meus pés seguirão mais firmes do que nunca encravados no barro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

AMARO, Vanessa Fernandes. **Vivendo na pele do outro**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=amaro-vanessa-pele-outro.html> (Último acesso em 20 de abril de 2014).

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **O processo investigativo do jornalista Nilson Mariano**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **Jornalismo de bordas: a transgressão no processo produtivo e criativo do jornalista João Antônio**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BERNARDES, Cristiane Brum. **As condições de produção do jornalismo popular massivo: o caso do Diário Gaúcho**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

_____. Eu sou uma escutadeira - Entrevista com Eliane Brum. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

_____. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

CAREY, J. W. La rivoluzione della comunicazione e il professionista della Comunicazione. In: BALDI, P. (Comp.). **Il giornalismo come professione**. Milão: Il Saggiatore, 1980.

CASTELLO, José. **A literatura na poltrona**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2007.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CUSTÓDIO, Aline. **Anotações pessoais e relatos enviados aos editores**. Porto Alegre, 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 63-68.

ETCHICHURY, Carlos. **A violência na mídia**: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. Evanston: Northwestern University Press, 1979.

JORGE, Thays de Mendonça. **O manual do foca**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

JORNALISTAS, FEDERAÇÃO NACIONAL. **Manual de assessoria de comunicação**. 4. ed. Brasília: Fenaj, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilton. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2001.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

MAROCCO, Beatriz. Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística. In BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **Ilha do presídio**: uma reportagem de ideias. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2008.

_____. **O jornalista e a prática**: entrevistas. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

_____ (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2012.

MAGALHÃES, Claiton. **Entrevista concedida por e-mail à pesquisadora em 5 de novembro de 2014**.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. 1. ed. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Notícia**: um produto à venda. 1. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MERSONI, Carina. **Enquadramento jornalístico no retrato**: as fontes populares nas fotografias do Diário Gaúcho. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. 1. ed. Porto Alegre: JÁEditores, 2008.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. Watergate 30 anos: quando a reportagem muda o rumo da história. **Observatório da Imprensa**, 2002. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/mt260620021.htm>> (Último acesso em 20/04/2014).

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

PREVEDELLO, Carine Felkl. **Representações no jornalismo popular: a cidadania no discurso do EXTRA (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética – Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2008. (Série Trilhas, EDUC).

_____. O processo de criação de não verás país nenhum. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 1, ano. 5, n. 5, 2009.

SCHMITZ, Antonio Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

SUNKEL, Guillermo. **Razon y pasión em la prensa popular: um estudio sobre cultura popular, cultura de masas y cultura política**. 1. ed. Santiago: Estudios Ilet, 1986.

TCHÉKOV, Anton. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações – como fazer uma reportagem**. Seleção e prefácio de Piero Brunello. 1. ed. São Paulo: Martins, 2007.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando jornalistas. In: MAROCCO, Beatriz (Org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2012.

_____. **O mundo dos jornalistas**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: Estudio sobre la construcción de la realidad**. 1.ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1983.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes: crime e castigo: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos povos da floresta**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida: a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Porto Alegre, 2011.

WAGNER, Carlos. Lições da estrada. In: DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. 1. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 1998.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. **Observatório da Imprensa**, 2004. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_arte_de_sujar_os_sapatos>. Acesso em: 09 abr. 2014.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ENVIADO POR E-MAIL A CLAITON
MAGALHÃES, EX-EDITOR-EXECUTIVO DO DIÁRIO GAÚCHO E UM DOS
IDEALIZADORES DO GRUPO DE REPORTAGENS**

1) Quando surgiu a ideia de formar um grupo de reportagens no Diário Gaúcho?

A ideia surgiu a partir de uma provocação feita a mim pelo editor executivo do Diário Gaúcho, Alexandre Bach, em janeiro de 2013.

2) Por qual motivo o DG apostou em grandes reportagens, mesmo o gênero não sendo comum em jornais populares?

Desde sua criação, em 2000, o DG sempre preocupou-se com a reportagem. Matérias publicadas pelo jornal foram importantes nas denúncias de desvios de verbas públicas, e também na divulgação e descoberta de histórias de anônimos das classes mais populares. Personagens que tinham muito a dizer, mas não possuíam um canal de informação que se preocupasse com isso. No Brasil, com a ascensão econômica das classes C, D e E no início do ano 2000, o jornal também foi se qualificando e formando um caldo cultural para que se decidisse apostar em grandes reportagens. Também foi importante no processo o fortalecimento da internet como meio de comunicação. Com isso, o jornal preocupou-se em fazer grandes reportagens direcionadas não somente ao impresso, mas utilizando recursos audiovisuais disponibilizados pela internet através do site do DG. Esse ambiente ajudou a moldar os motivos para o lançamento do grupo. A ideia principal era consolidar o nome do jornal, o sexto em circulação no Brasil na época, utilizando a própria equipe disponível na Redação para formar um grupo de elite que discutisse jornalismo e formulasse grandes reportagens. Embora o jornalismo popular tenha como característica maior o serviço e o entretenimento, percebe-se que há espaço para grandes reportagens

3) Quais foram os critérios para formação da equipe?

Os critérios foram os da qualidade e da experiência de profissionais da Redação, reunindo pessoas de diferentes áreas e editorias. Embora os nomes de maior peso fossem os convidados, tomamos também o cuidado de colocar repórteres jovens no grupo. A ideia era dinamizar trocas de experiências e aprendizado entre todos.

4) Quais foram as maiores dificuldades no período em que você liderou o projeto?

As maiores dificuldades ficaram por conta das tradicionais dificuldades existentes em uma Redação: tempo apertado, conciliar horários de reuniões com a rotina dos repórteres. Outra situação observada foi a de que com o cobertor curto, os prazos para a publicação ficaram um pouco elásticos demais. Creio que prazos mais definidos seriam úteis para acostumar o leitor com uma periodicidade mais curta.

5) O que poderia ter sido melhor executado?

Creio que poderíamos ter tido uma troca de experiências com outros grupos de reportagens, até de jornais da própria RBS. Também acho que palestras com profissionais de outras áreas (Sociologia, Direito, Economia etc), trocas e indicações de leitura seriam bastante úteis para o grupo.

6) Ficou algum aprendizado deste período de trabalho com a equipe?

Muitos, tive a oportunidade de trabalhar com profissionais de muita qualidade. Matéria feita pelo grupo de reportagem foi agraciada com um prêmio de direitos humanos, o primeiro em nível nacional ganho pelo Diário Gaúcho. Além, é claro do aprendizado que tive de, nas reuniões do grupo, poder discutir e falar muito sobre jornalismo. Coisa que, parece paradoxal, mas não é muito comum em redações.

7) Na tua opinião, a partir desta experiência no DG, há espaço para grandes reportagens no jornalismo popular?

Sim. A resposta que tivemos foi muito boa. Tivemos reportagens com textos e fotos de muita qualidade, conseguimos ainda uma razoável integração entre impresso e on-line. Conseguimos um retorno importante de órgãos públicos interessados em tratar de situações abordadas nas reportagens, tivemos retorno do público. O jornalismo popular no Brasil, nos primeiros anos deste século, conseguiu que uma massa de povo começasse a ler e ver seus anseios, curiosidades e seus pares em um jornal. A evolução natural desta relação é também a qualificação das reportagens do jornal, com precisão na informação, bons textos, abordagens criativas e integração com outras mídias. É dentro desse contexto que acredito existir muito espaço para reportagens especiais no jornalismo popular.

APÊNDICE B - DECUPAGEM DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR DA UFRGS E ESPECIALISTA EM ECONOMIA DA POBREZA, FLÁVIO COMIM

Gravação 1 - a partir de 15seg.- a pesquisa que nós fizemos dentro do município de Porto Alegre foi uma pesquisa que começou com 10 mil pessoas antes de se fazer o questionário. E esta conversa preliminar com as pessoas foi fundamental. Porque pobreza não é uma questão técnica ou pelo menos uma questão que a gente não possa dizer que é unicamente técnica (0:29 a 0:38). Pobreza depende de um julgamento de valor das pessoas sobre o que importa (0:39 a 0:42). Sobre o que é relevante para a sua vida para que seja uma boa vida, uma vida descente, uma vida com dignidade (0:43 a 0:51). Quando nós discutimos o que é pobreza ou não, é disse que nós estamos falando (0:52 a 0:54). Nós aplicamos questionários para definir as dimensões dentro das quais nós faríamos um índice. Que decidimos chamar de um índice de carência (0:58 a 1:06). As carências podem existir mesmo quando as pessoas não se consideram pobres (1:08 a 1:12). Acabou saindo um indicador muito parecido, em termos de dimensões, com o Índice de Desenvolvimento Humano (1:15 a 1:20). Porque o indicador de pobreza volta ao que é básico na sociedade: passamos a falar de educação, de saúde, de recursos que são importantes para as pessoas terem uma vida digna (1:21 a 1:35). Mas foi adicionado um problema particular, que foi a questão da habitação (1:36 a 1:39). Se hoje nós fossemos fazer a mesma pesquisa, talvez outras dimensões aparecessem, como a dimensão da segurança (1:43 a 1:53). A nossa ideia foi a ideia de não apenas fazer um indicador de carências, mas um indicador multidimensional (2:02 a 2:10). Parte do problema que nós temos hoje é que estes indicadores não são coletados ou produzidos com frequência (2:11 a 2:20). Nós dispomos apenas de indicadores de renda. E nós sabemos que a renda é importante, mas ela é um indicador imperfeito de bem-estar (2:21 a 2:31). Porque ela é imperfeita, porque as pessoas são diferentes. As pessoas têm níveis de conhecimento diferentes, têm histórias de vida diferentes. Elas estão localizadas em partes diferentes da cidade, com trajetórias diferentes (2:32 a 2:46). Então a maneira pela qual elas convertem estas rendas diferentes. entre coisas que são importantes para elas é algo que nos dá um indicador que é tão imperfeito, que muitas vezes oficialmente as pessoas podem não ser objeto da política pública. Podem não ser consideradas pobres, mas podem ser pobres (2:32 a 3:04). Este é uma hipótese fundamental, de que talvez ao usar a renda nós estejamos colocando quem é pobre numa situação de não-pobres. Estejamos classificando estas pessoas desta maneira (3:05 a 3:21). Uma lição importante que fica é que mudam os bairros da cidade

se você olha por um ângulo ou se você olha por outro (3:22 a 3:31). O que acontece atualmente é que ao identificar apenas como renda você deixa o problema da resolução da pobreza ou para um programa de transferência de renda ou para o indivíduo (3:32 a 3:42). O indivíduo que se vire para conseguir renda e deixar de ser pobre (3:43 a 3:46). Se você vê a pobreza como uma privação, que nós chamamos capacitações ou privação de liberdades básicas, nós passamos a enxergar na saúde, na educação, problemas que não são apenas individuais. Problemas que são sociais, problemas que são estruturais. Problemas que chamam a atenção do setor público (3:47 a 4:07). Esta é uma lição importante que fica daquele estudo de 2007 a ideia de que quando a pobreza passa a ser vista como um índice de carências não é apenas responsabilidade do pobre (4:08 a 4:23). Mudam as regiões da cidade, nós fizemos esta correlação de quem é pobre de renda e quem é pobre do ponto de vista de carências e nós vemos que estes problemas passam a ser o problema do posto de saúde ou um bairro que não tem escolas suficientes para a quantidade de crianças (4:23 a 4:47).

Gravação 2 - 3min45seg - o que nós fizemos naquela época é que através destas quatro dimensões, selecionadas pelos questionários, aplicamos os questionários. Vimos as diferenças entre as 17 regiões do Orçamento Participativo (0:14 a 0:30). O que era importante é que não necessariamente a região que é mais deficiente em educação, vai ser a região mais deficiente em saúde (0:31 a 0:37). Nós tínhamos convergências, sim, em algumas regiões, como Lomba do Pinheiro, Glória, como a Restinga, mas o fato é de que estas diferenças são contingenciais. Ou seja, hoje, se voltarmos aos mesmos lugares, estas diferenças podem ter melhorado ou não em uma ou outra dimensão (0:38 a 1:00). O fato é que nós tínhamos instrumentos de política pública ou para promoção de renda ou promoção de habitação ou melhorias das condições dos postos de saúde, que era um problema muito grave quando fizemos esta pesquisa (1:01 a 1:11). O que eu lembro que chama muito a atenção é como a pobreza pode estar muito perto das pessoas e ela permanecer invisível (1:30 a 1:38). Quando você sai um pouco da Protásio e passa pela Bom Jesus, nas partes piores, que nem a própria Bom Jesus conhece. Elas são regiões que você não tem nada de saneamento, você tem uma configuração montanhosa na região, que torna até o acesso difícil para chegar nas casas das pessoas (1:40 a 2:02). Como a inexistência de um endereço já as condena a não ter uma certa inserção social ou direitos de cidadania (2:11 a 2:19). Do ponto de vista estatístico a gente pode repetir o exercício, se repetir vamos ver que algumas destas privações podem estar mesmo dentro do conceito de pobreza extrema, correlacionadas com renda. Mas elas são muito maiores. A questão é: qual é o tamanho do problema? (2:21 a 2:39). O fato é que a

renda lhe diz que o tamanho deste problema é pequeno, os últimos dados do Censo apontavam algo inferior a 14 mil pessoas dentro da grande Porto Alegre (2:40 a 2:52). O fato de você pegar renda, diminuiu o problema. O fato de você ter um critério tão baixo dentro de uma única dimensão, diminui ainda mais. Então isso faz com que você dê menos atenção à questão da pobreza dentro de Porto Alegre, assim como em qualquer outra cidade, do que você daria se você considerasse estas outras dimensões e se você considerasse também como as pessoas podem estar muito próximas, mas elas permanecem invisíveis (3:08 a 3:41).

Gravação 3 - 4min59seg – a grande questão é porque não existe uma mudança de visão (0:23 a 0:26). A pobreza é mais do que renda (0:44 a 0:47). A questão é que a gente sabe disso desde 1970, quando o paradigma tradicional de desenvolvimento mostrou, e por uma crítica que foi feita nos países desenvolvidos, como a renda não era o único critério para você avaliar o bem-estar da sociedade (0:48 a 1:03). Porque nós continuamos assim? Porque nós continuamos com uma visão tão limitada de bem-estar? (1:05 a 1:10). A minha resposta preliminar é de que a gente discute pouco (1:11 a 1:17). Nós temos ainda uma visão muito paternalista de pobreza (1:18 a 1:21). Uma visão de dar, uma visão de tutela das pessoas. E esta visão de tutela tem a ver com a estrutura da nossa sociedade, isso tem a ver com a capitania hereditária (1:22 a 1:32). Isso tem a ver com uma visão arcaica, numa sociedade que continua sendo muito desigual (1:33 a 1:39). Você pode transferir renda, você pode retirar os zeros da sua sociedade. Existiam 6 milhões de pessoas quando o Brasil Sem Miséria iniciou, cuja renda era zero (1:40 a 1:50). A questão é que a gente precisa fazer uma discussão de o que significa igualdade na sociedade para conseguir ter uma visão de pobreza que signifique igualdade de oportunidades (1:52 a 2:01). A pessoa não-pobre hoje é a pessoa que tem o mínimo de dinheiro (2:03 a 2:08). Mas este mínimo de dinheiro é o mínimo de dinheiro que as pessoas que fazem a legislação dão de gorjeta no almoço em Brasília, no qual eles discutem o problema da pobreza (2:09 a 2:19). O que deveria incomodar as pessoas é que o que nós temos posto hoje na discussão de pobreza extrema pressupõe a existência de pessoas que mesmo após esta transferência de renda elas continuam vivendo em mundos completamente separados (2:24 a 2:38). No qual você ajuda, dá uma esmolinha. No fundo, nós não temos política de combate à pobreza. Nós temos a política da esmolinha (2:39 a 2:47). O que significa isso? que as pessoas permanecem diferentes (2:48 a 2:50). Você não quebra o que você deveria quebrar, que é um mundo onde as oportunidades são muito desiguais (2:51 a 2:56). E se as oportunidades continuam muito desiguais, a pobreza continua existindo (2:57 a 3:00). O conceito de pobreza continua existindo. O conceito de pobreza é um conceito do que

é norma de vida naquela sociedade (3:01 a 3:05). Esta é a pergunta que deveria incomodar. A pergunta de que não apenas existe esta evidência, mas porque que as pessoas não aceitam esta evidência? (3:06 a 3:16). A resposta tem a ver com esta estrutura de poder na sociedade (3:17 a 3:20). É por isso que o assunto da pobreza é um assunto potencialmente subversivo porque no fundo nós estamos falando porque você perpetua um modo de vida que mantém uma estrutura de poder que é uma estrutura de ??? (3:21 a 3:34). Por isso a sociedade nega. E na realidade o que pode ser bom, pode ser uma condenação para a sociedade (3:38 a 3:50). Porque você acha que existe a pobreza, existe aquela incomodação. Se você acha que em algum critério de pobreza você não precisa mais se incomodar, com isso, que superou determinada barreira, o problema deixa de existir. Mas deixa de existir para quem? (3:51 a 4:07). O problema deixa de existir oficialmente, deixa de existir para as classes médias, deixa de existir para o discurso que as pessoas gostam de ter. (4:08 a 4:15). Na realidade, nós temos uma falsa impressão de que o nosso bem-estar é apenas o nosso bem-estar individual. E não é (4:16 a 4:23). Se a gente vive numa sociedade que tem tanta pobreza, tanta desigualdade, tanta violência, nosso bem-estar social é muito pior do que o bem-estar de um segmento. Mas o segmento nega o problema. A maneira de conviver com o problema é através da negação (4:24 a 4:44). A importância de mostrar esta evidência sobre a questão da pobreza tem a ver com a falta de responsabilidade social não apenas do governo (final).

APÊNDICE C - DECUPAGEM DA ENTREVISTA COM O MÉDICO DE FAMÍLIA FABIANO BARRIONUEVO

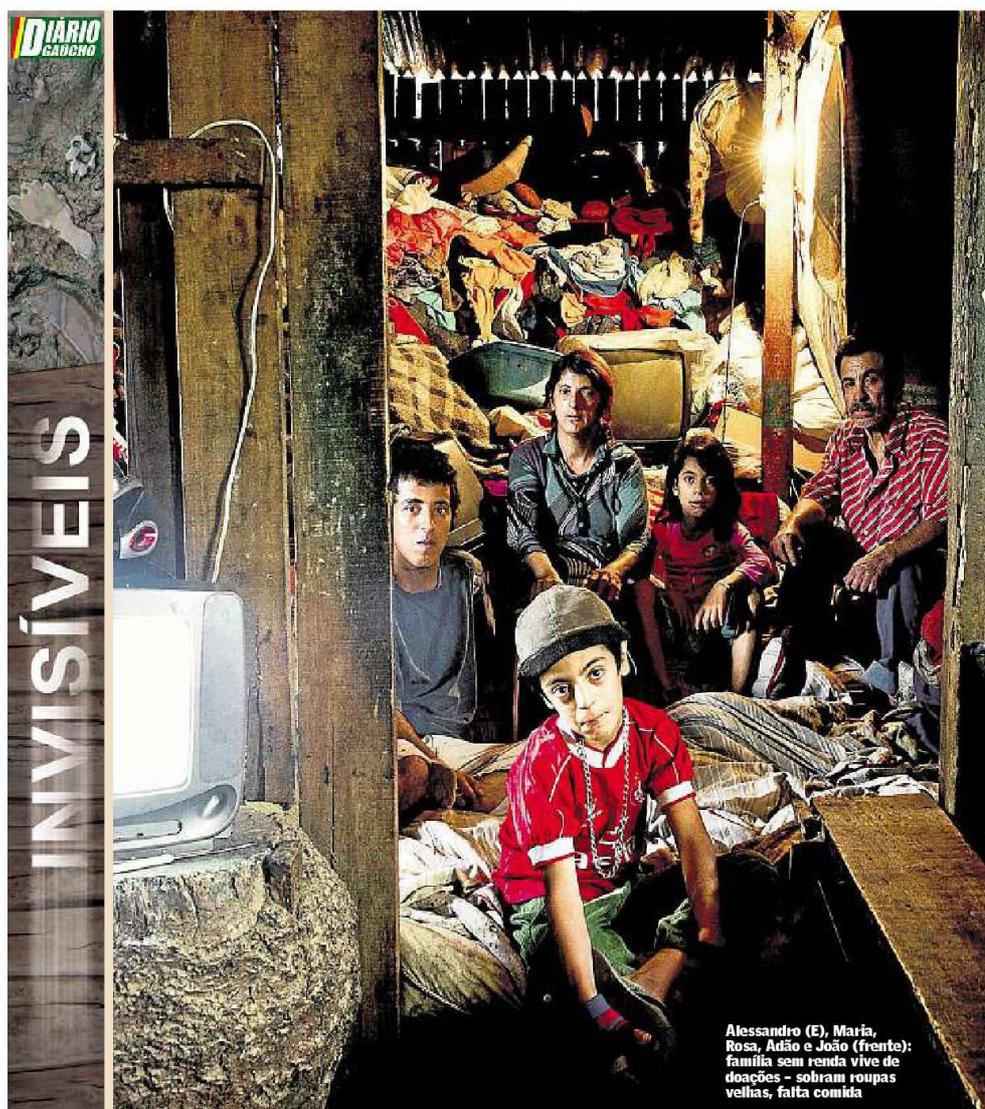
Gravação médico 1 - as pessoas são carentes, tem dificuldades financeiras. Muitas áreas que a gente atua são áreas de pobreza extrema. Salários de 40, 50 reais ao mês para sustentar a família inteira. Ou às vezes dependem só da bolsa, bolsa família (0:09 a 0:25). Eles não conseguem comprar alimentos de qualidade, acabam recebendo doações ou catam comida no lixo ou pegam do vizinho emprestado e se dividem entre a comunidade. Acabam comendo o que eles conseguem comer naquele dia (0:26 a 0:43). Tu não consegue uma alimentação saudável, rica em fruta, em saladas, verduras, legumes, arroz, feijão, carne. As vezes, passam a semana inteira sem ingerir um pedaço de carne. Nada de proteína (0:45 a 0:59). Obviamente, isso tudo vai fazer falta no corpo destas crianças, e vai afetar o desenvolvimento delas. Desenvolvimento neurológico, crescimento, ganho de peso, acabam sendo crianças que tem uma dificuldade de aprendizagem na escola (1:00 a 1:14). O adulto que não tem uma boa nutrição vai ter uma dificuldade de concentração, não vai conseguir desenvolver adequadamente o trabalho (1:40 a 1:50). acaba caindo o desempenho no trabalho, obviamente, não tendo esta alimentação adequada (2:08 a 2:13). Nós temos muitos pacientes que sobrevivem do lixo. Eles catam lixo, eles levam o lixo para casa, e lá dentro da casa deles, no pátio, na sala, eles acabam fazendo esta separação do lixo para conseguir um dinheiro extra para a família (2:28 a 2:42). Junto com o lixo, vem rato (2:43 a 2:45). A gente tem casos de crianças que tiveram dedos dos pés roídos por causa do rato. O rato foi lá, comeu, mordeu (2:46 a 2:53). A gente fica um pouco sem ter muito o que fazer. A gente tenta orientar. Muitos pacientes a gente consegue trabalhar esta parte. Mas é um caminho longo. Um caminho de meses (3:53 a 4:07). Falta de informação. O paciente tem um nível de conhecimento muito curto. O conhecimento dele é o que ele herdou do pai, que já era pouco. Que herdou do avô, que já era pouco. Eles não têm acesso à mídia. Eles não têm acesso à internet. Não têm acesso à informação (4:16 a 4:40). Esta dificuldade a este acesso à informação acaba trazendo estes problemas sociais (4:45 até o fim).

Gravação médico 2 - o problema de pobreza é um problema atual, existe (0:15 a 0:18). É claro que onde a gente tem as equipes de saúde da família a gente tem uma melhora de saúde dos paciente (0:19 a 0:25). Pelo menos, na parte de atendimento, de enfermagem, médico, odontológico. Então, tu consegue prevenir várias doenças (0:26 a 0:32). Mas algumas coisas

nos seguram, saneamento básico, água encanada, esgoto, educação (0:33 a 0:44). Tem o caso de famílias que a mãe conseguiu matricular duas crianças e a terceira não conseguiu escola, 12 anos e não conseguiu escola porque não tem vaga em lugar nenhum(0:45 a 0:52). Tudo isso interfere diretamente no nosso trabalho na saúde (0:56 a 1:01). Não tem como fazer saúde sem escola, não tem como fazer saúde sem higiene, que a gente orienta mais as condições onde eles vivem não facilita ele atingirem hábitos saudáveis (1:02 a 1:19).

APÊNDICE D - WEBDOCUMENTÁRIO

ANEXO A - O PRIMEIRO DIA DA REPORTAGEM



INVISÍVEIS

Alessandro (E), Maria, Rosa, Adão e João (frente): família sem renda vive de doações - sobram roupas velhas, falta comida

ELES TÊM CARA

Nas fontes oficiais, eles são números. No discurso, viraram invisíveis. Mas como vivem e quem são as pessoas que estão abaixo da linha da pobreza na Capital? Para revelar a realidade de um país que luta para escapar da miséria, o Diário Gaúcho conviveu por três semanas com famílias nessa situação. De hoje até sexta-feira, mostramos o rosto dos invisíveis em páginas no jornal, em webdocumentário e em galeria de fotos no site.

2

INVISÍVEIS

TEXTOS: ALINE CUSTÓDIO
FOTOS: MATEUS BRINKEL
Ilustração: Rodrigo Menezes/Artebrasil

Espalhadas pelo Brasil, 700 mil famílias ainda seguem fora do mapa. São 2,5 milhões de pessoas (4,3% da população) consideradas invisíveis pelo Social e Combate à Fome (MDS). A elas faltam endereço, documentos, perspectivas de melhorias e acesso a serviços públicos que foram ditos a receber.

No mínimo, R\$ 70 por mês pelo programa de transferência de renda por condicionada, além de prêmios por comprovação de emprego e de não ter desconhecidos e doações de parentes, amigos ou vizinhos.

Em Porto Alegre, uma situação, ainda que a Capital seja a primeira no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas para o Desenvolvimento, entre as 13 maiores cidades do Brasil.

Apesar de ser uma das pessoas (13.642) cadastradas, por mês, menos de R\$ 70. São os invisíveis.

Na sexta-feira passada, em uma reunião com o secretário de planejamento da prefeitura, o ministro Dilma Rousseff, Campello, reforçou que o maior município, é a busca dos que não estão no Cadastro Único.

Alguns dos que não estão no Cadastro Único, começaram a fazer fila na Capital durante três semanas seguidas os invisíveis. Milhares de pessoas, fizeram 2 mil fotos e quatro horas de filmagens em 14 dias de oito bairros. Entre hoje de invisibilidade da Capital estão estampadas no jornal.

Mapa de Porto Alegre mostrando áreas de invisibilidade.



Até: Flávia Kamppf
Olivares

Diário Gaúcho



Família do Aledo mora num espaço precário em um bairro periférico de Porto Alegre. O pai trabalha em uma fábrica e a mãe vende roupas em um mercado.

Diário Gaúcho



Poveras é não ter serviço, é não ter casa para morar, não poder fazer um monte de coisas para os meus filhos. A vida aqui é de luta, de luta, de luta.

Diário Gaúcho



Numa casa de sete cômodos, Nêlida tem quatro filhos. Ela trabalha em uma fábrica e o marido vende roupas em um mercado.

Diário Gaúcho



7 anos, democracia desorganizada. A família de Nêlida vive em um ambiente precário e luta por melhores condições de vida.

Diário Gaúcho



Estreita até a quarta série, mas hoje não vai mais à escola. A família de Nêlida vive em um ambiente precário e luta por melhores condições de vida.

Diário Gaúcho



7 anos, democracia desorganizada. A família de Nêlida vive em um ambiente precário e luta por melhores condições de vida.

Diário Gaúcho



7 anos, democracia desorganizada. A família de Nêlida vive em um ambiente precário e luta por melhores condições de vida.

Diário Gaúcho



7 anos, democracia desorganizada. A família de Nêlida vive em um ambiente precário e luta por melhores condições de vida.

Até: Flávia Kamppf
Olivares

Diário Gaúcho

Diário Ga

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 17/4/2013

DIÁRIO GAÚCHO

4

INVISÍVEIS

O ENDEREÇO

O que mais chama a atenção do professor Flávio Comim é a proximidade entre mundos extremos em Porto Alegre:

– A pobreza pode estar muito perto das pessoas, mas permanecer invisível. Quando você sai um pouco da Profaíso (Avenida Profissão Alies) e passa pelo Bairro Bom Jesus, nas partes piores, há locais que nem os vizinhos conhecem. A inexistência de um endereço já condena os cidadãos a não terem uma certa inserção social ou direitos de cidadania.

Onde Núbia e outras 300 famílias moram há uma década, ruas e vielas não existem no mapa oficial da prefeitura. Por ser invasão no Bairro Restinga, o local é identificado por nomes que se consolidam de boca em boca. Isso impede, por exemplo, a chegada dos Correlos, do saneamento básico e de água encanada. Aliás, Núbia sobe e desce diariamente 200m em um morro para buscar, num poço condenado, a água que servirá para todas as tarefas da casa e para o banho.

O BANHEIRO

Por ser considerada obra cara e com serventia discutível para a família, o banheiro não foi construído na casa de Núbia. Dois baldes servem para as necessidades fisiológicas. Outro, é para o banho. Um aquecedor improvisado, com resistência de chuveiro e dois fios de cobre, esquentam a água. O risco de choque é enorme. Na rua, duas portas servem de bombo, imitando um box.

– Na hora do meu banho, aviso os vizinhos para saírem dos fundos. Se visitamos um parente, o primeiro lugar que as crianças querem ver é o banheiro – revela Núbia.

A situação não é diferente para Vanessa Bandeira e Adão Jesus César de César. A industrialista usa o banheiro da casa da avó, que mora na mesma rua. À noite, já se acostumaram a não tê-lo.

Na casa do ex-jôquei, nem balde existe. É no mato que a família se alivia. A água, inclusive a usada para beber, vem da casa de vizinhos.

– Uma vez, tivemos uma patente. Depois, as tábuas apodreceram. O banho é de banheira. Tenho vontade de ter um banheiro. Uma casa boa. Mas a situação não deixa – queixa-se Adão.

"Me considero um pouco pobre pela dificuldade que a gente passa. De não ter uma renda para os meus três filhos."

Vanessa Oliveira Bandeira, 25 anos, industrialista desempregada



Vanessa e o filho Victor, de um ano: usam o banheiro da casa da avó



O BOLSA FAMÍLIA

- O programa faz um cálculo para cada lar, numa somatória de itens. O primeiro é de R\$ 70 para cada família que entra pela primeira vez, não tendo renda (seja casal, ou só pai ou só mãe ou responsável).
- Além disso, cada filho vale um incremento, limitado a sete cotas – cinco de R\$ 32 (de zero a 15 anos) e duas de R\$ 38 (16 e 17 anos). Somando estes itens pode-se chegar, no máximo, a R\$ 306.
- No exemplo acima, teríamos um casal e sete filhos. Dividindo-se os R\$ 306 por nove (moradores), resultam R\$ 34. Pelo Bolsa, para deixar de ser extremamente pobre, ninguém pode ganhar menos do que R\$ 70 por mês. Logo, há necessidade de nove complementos de R\$ 36 (R\$ 324). A conta final é R\$ 306 + R\$ 324 = R\$ 630.
- As exigências: vacinar crianças até sete anos, fazer pré-natal (gestantes), ter frequência escolar de 85% (de seis a 15 anos), 75% (16 e 17 anos) e presença de 85% em serviços socioeducativos oferecidos por prefeituras.

Mais informações? Procure o Cras mais próximo de sua casa.



Banho é ao ar livre no lar de Núbia: filharada aguenta a água fria do balde

Hoje: ELES TÊM CARA

Amanhã: VERGONHA NA CARA

Sexta: A POBREZA É CARA

Video e fotos em www.diariogaicho.com.br

ANEXO B - O SEGUNDO DIA DA REPORTAGEM



INVISÍVEIS



Talia aguarda o banheiro novo, prometido pelo pai

"Muitas vezes, mesmo andando quilômetros com um carrinho pesado, volto triste para casa sem trazer uma carminha para os meus filhos."

Marco Antônio Marcelino Rolim, 45 anos, catador



Piso solto e úmido no lar de Laion

No Bolsa Família na Capital, o segundo lugar é do BAIRRO RESTINGA com 4.507 famílias.

OS SONHOS

Em mais de uma década morando com a família numa das vielas da Ilha, Marco Antônio foi construindo aos poucos o casebre de cinco peças. O catador é uma espécie de João-de-barro: as tábuas que hoje formam a moradia foram encontradas na rua, uma a uma, por anos. Porém, o banheiro ainda precisa de mais madeiras, parte dele continua revestido com uma lona encontrada no lixo. Também não há saneamento básico, o que compromete a higiene e a saúde da família. Cinara, mulher de Marco, revela:

— A casa pode continuar de madeira, mas ter um banheiro de tijolos é o nosso maior sonho.

Enquanto o desejo da família não consegue ser realizado, o João-de-barro Marco Antônio começa a construí-lo sem pressa. Três carreiras de tijolos, o piso com pedações de cerâmica e o vaso sanitário, tudo trazido do lixo, já foram montados ao lado do casebre.

A frentista Vanessa também almeja ter um banheiro. E esta seria a próxima obra, se a casa não ameaçasse ruir a cada chuvareda. Sem dinheiro para fazer um piso, ela enterrou a casa no barro e colocou no chão restos soltos de madeira para evitar o contato direto com a terra. Mas basta um temporal para o chão virar lodo e atolar a família e os móveis. Enquanto a água escorre pelas paredes de papelão, um sorriso, desenhado numa delas pelo filho Lorenzo, dois anos, mantém-se firme, como um deboche à situação precária do lar.

AS COBRANÇAS

Com nome escolhido em homenagem a um dos guerreiros do desenho animado Thundercats, Laion, de seis anos, pergunta diariamente à mãe Vanessa quando a família se mudará da área invadida da Chácara dos Pinheiros — um amontoado de pequenas casas que totalizam cerca de 350 famílias, no alto da Vila Quinta Unidade.



Fabiana, olhar perdido com o oitavo filho no colo, Mateus

O BAIRRO PARTENON é o terceiro colocado, com 4.235 famílias recebendo o Bolsa Família.

Dados Fae

— Eu sempre luto para dar o melhor para os meus filhos. Venho lutando, mas está difícil. Eles me cobram: "Mãe, o chão tá feio. Mãe, não tem chuveiro. Mãe, não tem banheiro". É a visão deles e eu sofro mais por isso — desabafa Vanessa.

A cobrança da família por uma vida melhor também sobrecarrega Fabiana. O mais velho dos oito filhos, Ezequiel, 16 anos, estudou só até a quinta série do ensino fundamental e é quem ajuda a mãe a cuidar dos mais novos. Mas também exige uma casa maior do que a moradia de emergência cedida pelo Demhab há três anos.

O LAMENTO

Para tentar ampliar a única peça em que se amontoam nove pessoas, Ezequiel construiu mais um cômodo de madeira, de 4m², no qual dormem cinco dos irmãos. O jovem também quer reformar a pequena peça de madeira, instalada ao lado do casebre, e que serve como banheiro.

— Ele fala que não pediu para nascer nesta vida. Ai, eu também falo que não pedi para nascer. E, provavelmente, minha mãe falou a mesma coisa. Então, o negócio é seguir vivendo — conforma-se Fabiana.



Tem sorriso na parede. Nos rostos, é expressão rara no lar de Laion

Ontem: ELES TÊM CARA

Hoje: VERGONHA NA CARA

Amanhã: A POBREZA É CARA

Vídeos e fotos em www.diariogaucha.com.br

ANEXO C - O TERCEIRO DIA DA REPORTAGEM

DIÁRIO
GAÚCHO

A POBREZA É CARA

Porto Alegre recebeu R\$ 74 milhões em 2012 para 44,6 mil beneficiários. Tanto dinheiro não basta para tirar famílias da linha da extrema pobreza. Enquanto o governo exalta cifras, estudiosos criticam o assistencialismo.

INVISÍVEIS



Desempregada e recém-separada, Tamires cria três filhos com ajuda do Bolsa Família: R\$ 2,30 por cabeça, por dia

2

Diário Gaúcho

TEXTOS: ALINE CUSTÓDIO
FOTOS: MATEUS BRINKEL

Na terceira e última reportagem da série sobre os invisíveis (pessoas que vivem na pobreza em Porto Alegre), o Diário Gaúcho mostra que o Estado não conseguiu eliminar a pobreza extrema no Brasil. Para a maior cidade gaúcha, no ano passado, o Bolsa Família repassou R\$ 74.080.772. No país, em 2012, foram R\$ 20 bilhões. Para 2013, serão R\$ 24 bilhões.

Em janeiro, 95.302 famílias da Capital estavam no Cadastro Único e as famílias extremamente pobres (até R\$ 70 mensais por pessoa) e pobres (de R\$ 70 a R\$ 140 mensais por pessoa), há quem siga lidando para obter de ser invisível. Especialistas criticam os critérios do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

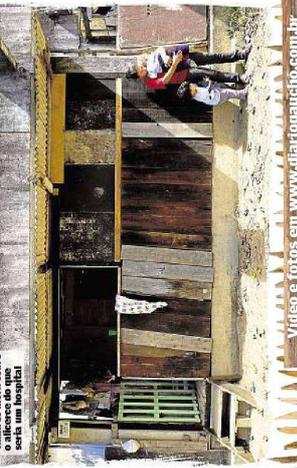
MAOS

Do lado de fora, com o fim do pagamento, a renda por capita da família da família de 12 pessoas, com 40% de renda familiar, 25% de renda pessoal e 35% de renda familiar. Mas, quando se trata de renda pessoal, a renda por capita da família é de R\$ 12,50, o que significa que a família tem uma renda mensal de R\$ 150 por pessoa.

TROQUINHO

Mas, de acordo com os dados da pesquisa, a renda por capita da família da família de 12 pessoas, com 40% de renda familiar, 25% de renda pessoal e 35% de renda familiar. Mas, quando se trata de renda pessoal, a renda por capita da família é de R\$ 12,50, o que significa que a família tem uma renda mensal de R\$ 150 por pessoa.

Talvez mais sobre o futuro do que o passado



Vídeo e fotos em www.diariogauchaio.com.br

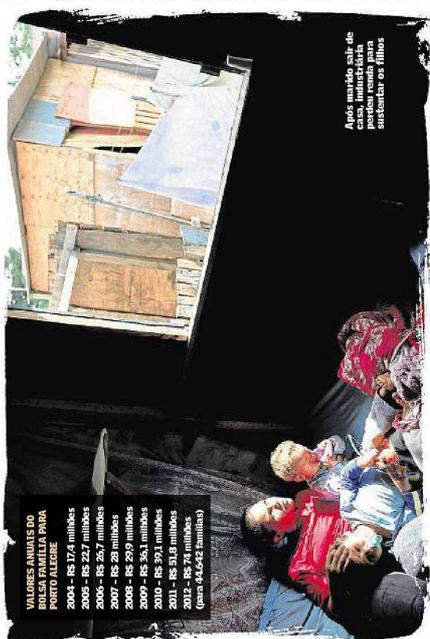
PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 19/4/2013

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 19/4/2013

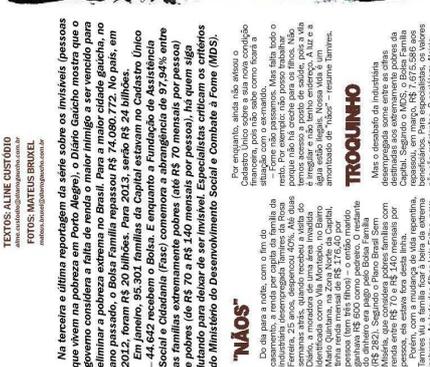
Diário Gaúcho

ENDEREÇO

Em bairros de Vila das Encantadas no Distrito de São José, as famílias de baixa renda estão se mudando para o bairro de Vila das Encantadas. A comunidade de Vila das Encantadas tem cerca de 350 famílias que vivem em condições precárias de habitação e saneamento básico. O projeto de realocação prevê a construção de 150 casas novas e a melhoria das condições de infraestrutura.



Apoio municipal saiu de casa para ajudar a sustentar os filhos



VALORES ANUAIS DO BOLSA FAMÍLIA PARA 2013

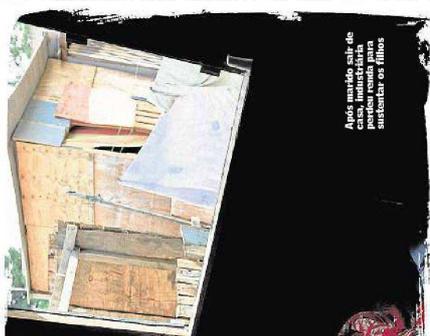
Table with 2 columns: Year and Value. 2008 - R\$ 37,6 milhões; 2009 - R\$ 52,7 milhões; 2010 - R\$ 59,1 milhões; 2011 - R\$ 51,5 milhões; 2012 - R\$ 74,1 milhões; 2013 - R\$ 74,1 milhões.

3

Diário Gaúcho

PERGUNTA

Procurador de Justiça do Estado de Santa Catarina, o advogado Paulo Roberto de Souza, questiona a validade jurídica de uma decisão que autoriza a suspensão de benefícios sociais de pessoas que não compareceram às aulas. Ele afirma que a suspensão dos benefícios deve ser feita caso a caso, considerando a situação econômica de cada pessoa.



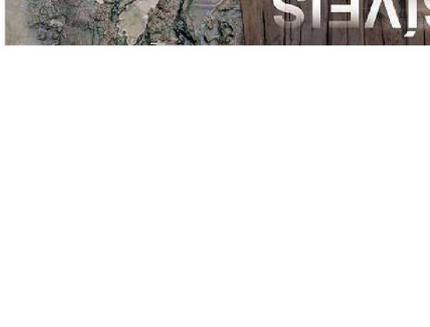
Não há busca ativa para famílias de baixa renda



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



OS BRAÇOS DO BOLSA



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família



Mais de 100 famílias de baixa renda não recebem o Bolsa Família

Vídeo e fotos em www.diariogauchaio.com.br

Redação: Céliang, Mariana e Priscilla; Edição: Priscilla; Projeto: Priscilla; Arte: Priscilla; Ilustração: Priscilla; Fotos: Priscilla; Assessoria: Priscilla; Outros: Priscilla.

INVISÍVEIS



PORTO ALEGRE

- Em Porto Alegre, 95,08% das crianças e jovens entre seis e 17 anos do Bolsa Família têm registro de acompanhamento de frequência escolar.
- Na saúde, o acompanhamento chega a 52,91% das famílias com crianças até sete anos e com gestantes.
- No ano passado, o MDS destinou R\$ 170.307.979,31 aos 25 mil beneficiários do Benefício de Prestação Continuada que transfere um salário mínimo a quem tem mais de 65 anos ou com deficiência, cuja renda mensal familiar seja inferior a 1/4 do salário mínimo por pessoa (R\$ 169,50).

BRASIL

- Com o Benefício de Superação da Extrema Pobreza, criado em junho passado, as famílias que recebem o Bolsa e ficam abaixo de R\$ 70 per capita passaram a receber um abono: R\$ 32 (de zero a 15 anos, limitado em cinco cotas) e R\$ 38 (16 e 17 anos, máximo de duas cotas).
- O MDS é o responsável por controlar as informações do Cadastro Único. A renda é autodeclarada pela família, sem comprovação documental. O ministério garante que controla os beneficiários confrontando com outros bancos de dados nacionais: Receita Federal e Relatório Anual de Informações Sociais (Rais) são exemplos.

O governo diz ter retirado da **EXTREMA POBREZA**, desde 2011, **22 milhões** de pessoas via **Bolsa Família**, que **BENEFICIA atualmente 13,8 milhões** de famílias.

Desde junho passado, **791 mil** famílias extremamente pobres foram incluídas no Bolsa. O governo estima que **700 mil** continuam fora: **2,5 milhões** de cidadãos.

ESMOLINHA

Motivados pela série de reportagens do Diário Gaúcho e pela falta de números consistentes que possam revelar a quantidade de pobres e extremamente pobres na Capital, a Ufrgs, por meio do professor **Flávio Comim**, pretende refazer nos próximos meses uma pesquisa realizada por ele em 2007, que revelou a cara da pobreza na Capital. A ideia é conhecer as reais faces de Porto Alegre.



O professor vai além, dizendo que o Bolsa e outros programas representam uma esmolinha: – No fundo, nós não temos política de combate à pobreza. Nós temos a política da esmolinha. O que significa isso? Que as pessoas permanecem diferentes. Você não quebra o que você deveria quebrar, que é um mundo onde as oportunidades são muito desiguais. E se as oportunidades continuam muito desiguais, a pobreza continua existindo.

CARAVANA

Para tentar driblar a existência da pobreza, os governos estadual e federal assinaram na sexta-feira passada uma repactuação entre os programas sociais Brasil Sem Miséria e o R\$ Mais Igual. A intenção é contemplar, segundo dados oficiais, 60 mil famílias com crianças entre zero e seis anos.

Cada família beneficiada receberá R\$ 70 por pessoa do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e mais R\$ 30 do Estado, totalizando R\$ 100 mensais. Para tanto, foi criado o Caravana da Inclusão do R\$ Mais Igual, que percorrerá cidades em busca dos invisíveis e recadastrando famílias já conhecidas. Segundo o MDS, Porto Alegre deverá receber a Caravana em junho ou julho (data precisa ser definida com a prefeitura).

– Vamos recadastrar 240 mil pessoas e queremos localizar aquelas ainda fora do cadastro – ressaltou o secretário chefe da Casa CMIL, Carlos Pestana. Ao saber dessa novidade pelo Diário, Adão Jesus César de César, que assim como a mulher e os quatro filhos não têm CPF, silenciou por alguns segundos até responder, prevendo um futuro melhor para a família que teve sua rotina contada no início desta série de reportagens: – Acho que agora vamos sair disso que estamos vivendo, né? Graças a Deus!



Quarta: ELES TÊM CARA
Ontem: VERGONHA NA CARA
Hoje: A POBREZA É CARA

Video e fotos em www.diariogauchio.com.br

ANEXO D - A PRIMEIRA SUÍTE

4

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 20/4/2013 E DOMINGO, 21/4/2013

A CARA DA REAÇÃO

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

A série de reportagens *Invisíveis*, publicada no Diário Gaúcho entre a quarta e a sexta-feira desta semana, repercutiu dentro da maior universidade do Estado. E também gerou mobilização do poder público em diferentes níveis.

ALUNOS VÃO A CAMPO

Liderados pelo professor de Economia da Pobreza na Ufrgs Flávio Comin, um grupo de professores, pesquisadores e alunos dos departamentos de Economia e de Psicologia começará em dez dias uma pesquisa para saber os impactos da pobreza na Capital. Flávio já havia participado de um levantamento similar, com 15 mil entrevistas, em 2007. Desta vez, a ideia é atingir as regiões visitadas pelo Diário, na série publicada entre quarta e sexta-feira.

— A partir do trabalho, será possível destacar quais são as reais necessidades destes moradores para que possam ser transformadas em ações concretas pelos órgãos responsáveis — explica Flávio.

Serão três dimensões: segurança alimentar, impactos psicológicos e projeções para o futuro dos filhos. Cerca de 20 alunos irão a campo buscar, ao menos, 500 moradores.

— Estamos preocupados também com o impacto da falta de dinheiro na vida destas pessoas — destaca o psicólogo James Ferreira Junior, integrante do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Ufrgs.

Um alvo deverá ser Vanessa da Cruz Barbosa, 30 anos, que vive com dois filhos numa casa de papelão, sem janelas e banheiro, na Vila Chácara dos Pinheiros, na Restinga. Desempregada desde dezembro, quando descobriu que tem doença degenerativa que afeta os neurônios, ela e os dois filhos vivem com R\$ 210 do Bolsa Família. A partir da publicação da história dela, dezenas de pessoas ligaram para o DIG para ajudá-la.

— Se eu conseguir o benefício do Inss, já poderei me mudar de lugar — afirma Vanessa, que luta para provar que sofre da doença. A Defensoria Pública deve ajudar nesta questão.



Vanessa vive numa casa de papelão, sem banheiro, com os filhos Laion e Lorenzo (E)

DA FÉLIX BRUNO

NO RASTRO DA REPORTAGEM

A partir da publicação das reportagens, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) reforçou a busca às famílias. O mesmo ocorreu com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), que estuda a criação de uma unidade móvel.

— Contatamos, imediatamente, os Centros de Referência de Assistência Social (Cras) das regiões para que estas famílias sejam atendidas. Agradecemos ao Diário por terem as localizado — afirmou o presidente da Fasc, Kevin Krieger.

Já o secretário chefe da Casa Civil do Estado, Carlos Pestana, comitêou a reportagem para uma visita ao Piratini. Na ocasião, afirmou que a Caravana da Inclusão do RS Mais Igual deverá chegar à Capital em

junho, mas a parceria com a prefeitura ainda precisa ser firmada. O principal objetivo é localizar famílias que estão fora do Cadastro Único — que leva ao Bolsa Família.

— A partir do belo trabalho feito pelo Diário Gaúcho, poderemos encontrar outras famílias na mesma situação. Localizar quem está invisível aos programas sociais é um processo complexo. Até a vergonha acaba impedindo estas pessoas de buscarem os seus direitos — disse.

O presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, Fernando Melchiorina, se dispôs a contatar as famílias que não têm todos os documentos de identificação, como CPF e carteira de identidade.

DOS LEITORES

"Esta imagem da mãe amamentando e abraçando o outro filho me arrebou lágrimas e me fez agradecer pela vida que tenho, que já não é das mais fáceis. O que mais me choca é a falta de sensibilidade de grandes empresários e das autoridades para resolver questões sociais."

Alessandra Ausani Huff

"Parabéns pela abordagem profissional e humana. Faz com que paremos para pensar sobre nossa vida, o que temos e que não damos valor."

Anderson Guerrello

"A reportagem mostra o quanto ainda precisamos para que o nosso país esteja verdadeiramente no caminho do desenvolvimento."

Humberto Escobar

"A reportagem mostra que o governo não tem política fundiária que retenha o homem no campo. As famílias vêm para as grandes cidades em busca de um sonho que se torna um pesadelo."

Alceu Medeiros

CONCURSO

A Coca-Cola LEVA VOCÊ PARA A COPA DAS CONFEDERAÇÕES DA FIFA

NA FAIXA

CRIE UMA FAIXA RESPONDENDO À PERGUNTA: "COMO VOCÊ VAI TORCER NA COPA DAS CONFEDERAÇÕES DA FIFA?" E CONCORRA A PACOTES PARA A FINAL.

PARTICIPA EM TORCERACOCOLA.COM.BR

BRASIL 2014

FIFA